

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Curso de Antropologia



JHONATAN ROSA LUCAS

A Ordem Discreta em Canguçu-RS: Maçonaria, Ritual, Segredo e Poder

PELOTAS
2018

Jhonatan Rosa Lucas

A Ordem Discreta em Canguçu-RS: Maçonaria, Ritual, Segredo e Poder

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia.

Orientador: Dr. Francisco Luiz Pereira da Silva Neto

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

L933o Lucas, Jhonatan Rosa

A ordem discreta em Canguçu-RS : maçonaria, ritual, segredo e poder / Jhonatan Rosa Lucas ; Francisco Luiz Pereira Neto, orientador. — Pelotas, 2018.

104 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia - Antropologia Social e Cultural ou Arqueologia) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Maçonaria. 2. Sociedade. 3. Política. 4. Ritual. 5. Segredo. I. Pereira Neto, Francisco Luiz, orient. II. Título.

CDD : 366.1

JHONATAN ROSA LUCAS

A Ordem Discreta em Canguçu-RS: Maçonaria, Ritual, Segredo e Poder

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharel em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: Pelotas, 19 de Dezembro de 2018.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Francisco Luiz Pereira da Silva Neto (Orientador)

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil.

Prof. Dra. Adriane Luisa Rodolpho

Doutora em Anthropologie et Ethnologie pela Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS, França.

Prof. Dra. Flávia Maria Silva Rieth

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil.

**Dedico este trabalho ao meu avô
Edgard Kongzen Rosa (in memorian),
minha bisavó Ivone dos Santos
Ferreira (in memorian) e todos os meus
demais familiares.**

Agradecimentos

Ao meu estimado avô Edgar Kongzen Rosa (in memorian), possivelmente o maior incentivador que tive nessa trajetória, sempre preocupado para que tudo ocorresse da melhor maneira possível, a quem eu recorria nos momentos de intempéries e quem sempre esteve comigo nas incontáveis vezes em que sai atrasado atrás do ônibus.

A minha bisavó Ivone dos Santos Ferreira (in memorian), por todo carinho e cuidado ao me receber com todo o amor do mundo e as melhores comidas quando eu tinha que ficar na cidade de Pelotas.

A minha mãe Mailis Ivana Rosa Lucas, pelo carinho e incansável esforço para que tudo ocorresse bem. É a quem devo meu ingresso a faculdade.

Ao meu pai Vinicius Brandão Lucas, pelo incentivo, apoio e também pelas inúmeras vezes em que teve de sair comigo atrás dos ônibus.

A minha avó Maria Sirene Rosa, por todo afago e cuidado que teve comigo nas incontáveis madrugadas de estudo, sempre disposta a ajudar com o que fosse preciso.

Ao meu avô Jesus David Jorge Lucas, meu amigo e incentivador, devo a ele parte da minha formação, pois desde o ensino fundamental me levou à escola (nem um pouco perto de casa) e permitiu que eu ingressasse na faculdade.

A minha avó Rosa Maria Brandão Lucas, que com seu carinho, dedicação e disposição foi muito importante em inúmeros momentos desse processo.

Ao meu irmão Fabiano Rosa Lucas e minha irmã Eduarda Rosa Lucas pela parceria de sempre e por serem os principais responsáveis pelos momentos de alívio de tensão – que não foram poucos.

A minha namorada Vitória Lopez Machado, por sempre ter estado ao meu lado incentivando-me, por ser minha confidente e por ter sido a minha base quando tudo parecia perdido.

A minha Dinda Elizete da Rosa Ferreira e meu Dindo Omar dos Santos Ferreira pelo carinho de sempre e pelo inestimável auxílio e disposição que prestaram a mim. Com certeza ambos são parte importantíssima dessa trajetória.

As minhas tias Vivian Suzeli Rosa e Sílvia Brandão Lucas, estimadas amigas e parceiras de todo momento e ao meu tio Rafael Brandão Lucas, meu irmão de coração. Todos eles foram incentivadores desde o início dessa trajetória.

Aos meus primos João Vitor Rosa Jorge Ott e Ryan Lucas Macedo pela parceria e irmandade que sempre tivemos. Além do apoio, assim como meus irmãos, foram a eles que eu recorria nos momentos de tensão.

Ao meu Prof. Orientador Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, pelos ensinamentos, paciência, amizade e dedicação.

A Todos/as professores/as, ao secretário e demais pessoas envolvidas no Curso de Antropologia, por toda contribuição no meu aprendizado durante esses anos de graduação.

Aos meus dois principais interlocutores Edison Coelho e Gilberto Mussi, que fizeram esse trabalho ser possível.

A todos integrantes da Loja José Bonifácio nº 55, pela disponibilidade e recepção sempre que estive em campo realizando a pesquisa.

E a toda a minha família e amigos em geral, pelo incentivo de sempre. Gratidão.

Resumo

LUCAS, Jhonatan. **A Ordem Discreta em Canguçu-RS: Maçonaria, Ritual, Segredo e Poder**. 2018. 102f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia Social e Cultural), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação político-social que a Maçonaria estabelece com a sociedade, tendo como pano de fundo o município de Canguçu, local pacato e aparentemente tranquilo, onde normalmente o operar da entidade maçônica é um pouco mais visível. Para isso, primeiro foi preciso contextualizar a origem da própria entidade e entender como ela se estabeleceu como uma interventora social, bem como, compreender sua operação ritual e a enorme importância que ela gera no estabelecimento das relações sociais de poder e delimitações de espaços internos e externos à Loja Maçônica, e, não menos importante, discutir as relações de familiaridade intrínsecas à Ordem e o que isso interfere no agir humano e no funcionamento da Maçonaria.

Palavras-Chave: maçonaria; sociedade; política; ritual; segredo.

Abstract

LUCAS, Jhonatan. The Discreet Order in Canguçu-RS: Masonry, Ritual, Secret and Power. 2018. 102f. Completion of course work (Bachelor of Social and Cultural Anthropology), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

The work has to do a political-social analysis that concerns Freemasonry, having as background the municipality of Canguçu, quiet and seemingly quiet place, where normally the operation of the Masonic entity is a little more visible. For this, it was first necessary to contextualize the origin of the entity itself and to understand how it established itself as a social intervener, as well as to understand its ritual operation and the enormous importance it generates in the establishment of social relations of power and delimitations of spaces internal and external to the Masonic Lodge, and not least to discuss familiarity with the Order and what does interfere with the human functioning and functioning of Freemasonry.

Key-words: masonry; society; politics; ritual; secret.

Sumário

1	Introdução	10
2	O contexto histórico da Maçonaria	15
2.1	Maçonaria Primitiva	17
2.2	Maçonaria Operativa	19
2.3	Maçonaria Especulativa	20
2.4	Lojas, Obediências e os Ritos praticados no Brasil	23
2.5	Breve histórico da Maçonaria no Brasil	28
2.6	Teorias da Conspiração	31
2.7	Tradição?	34
3	Da ordem ritualística	35
3.1	Rituais e símbolos	35
3.2	A ritualística das Cerimônias Maçônicas	45
3.3	Ritual de Iniciação na Maçonaria	53
3.4	Sobre os segredos da Ordem	56
4	O valor da família dentro da Maçonaria	58
4.1	Entidades Paramaçônicas	61
4.1.1	Ordem DeMolay	63
4.1.2	Filhas de Jó	68
4.2	Mulheres e a Maçonaria	70
5	Política, sociedade e Maçonaria	75
5.1	Direitos e deveres de um maçom	75
5.2	Hierarquia na sociedade Maçônica	76
5.3	Influência da Maçonaria na sociedade	85
5.4	“Você sabe com quem está falando?”	92
6	Considerações finais	94
	Referências	96

1 Introdução

A Maçonaria quase sempre foi tida – pelas pessoas em geral - como uma entidade de caráter secreto e que permeia os imaginários mais místicos e distantes. Este trabalho, antes de tudo, pretende aproximar o leitor do universo maçônico. Para isso, inicialmente é preciso ter em mente a necessidade de desmistificação das infundadas teorias a respeito da misticidade da Ordem. Tendo isso em vista, é objetivo elucidar ao leitor questões inerentes a relação da Maçonaria com a sociedade em que está inserida, no caso do trabalho, o fio-condutor é Canguçu. Logo, é preciso atentar para: o contexto histórico em que surgiu; os rituais que a fazem ser a instituição que é e que denominam as relações de poder dentro - e até mesmo fora - da Ordem; as importantes relações de parentesco que delimitam espaços e configuram princípios morais da sociedade discreta; além dos próprios meandros político-sociais que retratam a relação da instituição com o desenrolar político, econômico e social do meio em que habita.

A pesquisa foi realizada na cidade de Canguçu, mais precisamente na Loja Maçônica José Bonifácio nº 55. Mostrar o ambiente e os inúmeros casos explícitos e implícitos da influência e interferência maçônica no pequeno município do sul do Rio Grande do Sul é o fio-condutor para a elucidação do problema proposto.

Antes de imergir no conteúdo da pesquisa é importante salientar que boa parte do desenvolvimento de dados de caráter histórico do trabalho – principalmente no primeiro capítulo - foi feito de acordo com o que os membros maçons dizem ser a História da Maçonaria. Portanto, o que tem de História a seguir são frutos de pesquisas junto a autores maçons que se propuseram a contar o provável surgimento e desenvolvimento da mesma. Historiadores e demais pesquisadores não necessariamente conectados a sociedade discreta divergem quanto a isso, mas acredito que, como antropólogo – não se propondo a ser imperiosamente historiográfico - é interessante mostrar o que o grupo estudado pensa sobre si. Inclusive essas são negociações de campo, que inclusive são imprescindíveis para a manutenção e êxito dos objetivos da pesquisa. Não há como chegar e despejar o “conteúdo que eu bem entender” sobre quem estou estudando. As coisas não funcionam assim. Mas enfim, enfoque do trabalho é a relação político-social da Maçonaria com a sociedade

hodierna, usando uma cidade pequena (Canguçu) como fio-condutor, a parte histórica é mais para fins de contextualização do tema, elucidando como isso pode ter se edificado. Assim, digo que a interpretação sobre seu surgimento – se ocorreu em meio aos pedreiros medievais (versão de boa parte dos historiadores maçons), a partir do iluminismo (versão mais convencional entre parte estudiosos do tema) ou qualquer outra versão - é pessoal do leitor.

Pois bem, a sociedade discreta impulsionou revoluções e foi capaz de mudar o rumo de nações por diversas vezes, vide a Revolução Francesa, a Proclamação da República, a Revolução Farroupilha, dentre tantas outras... No meu universo de pesquisa, é sabido pelos indivíduos locais – numa cidade pequena a descrição da sociedade maçônica é mais branda – que a Maçonaria é presente no dia-a-dia de seus integrantes e na construção histórica do município, assim como, é comum a (quase) todos que boa parte desses integrantes ocupa um cargo ou status social de reconhecimento, conseqüentemente, não é novidade que a entidade interfira diretamente nas decisões e rumos da cidade. Sob essa ótica, será discutido qual o real poderio social exercido pelos maçons e o que o rito e as relações de parentesco contribuem para tal.

Ser membro da entidade Maçônica foi, e, ainda é, uma importante referência de status social. Isso fica ainda mais evidente quando observamos a atuação da mesma em uma cidade pequena. Isso posto, podemos dizer que, assim como em diversos outros lugares, o cenário político-social canguçuense foi construído através de sucessivas interferências da sociedade maçônica. Outra hipótese levantada nesse trabalho é que os integrantes da Maçonaria ajudam-se mutuamente... A partir do momento em que você passa a integrar a sociedade discreta, é considerado membro da “Irmandade maçom”, assim sendo, todos são parte de um crescimento conjunto em benefício coletivo e também pessoal. Cabe ainda dizer que, antes do parentesco, o ritual é o responsável por reger a ordem e o funcionamento das coisas. Quem o indivíduo é dentro da Ordem e qual sua função na mesma são importantes fatores para garantir prestígio social. Geertz (1989) disse que primeiro o indivíduo se mostra para o grupo e depois para a sociedade. Isso diz muito sobre o individual e o coletivo na Maçonaria, seja interna ou externamente.

Pretende-se, por meio deste, analisar os motivos pelos quais a Maçonaria se faz tão atuante na sociedade; o porquê as operações ritualísticas da Ordem interferem no comportamento de seus membros e na condução do *status quo* da Loja Maçônica; Compreender a importância primordial que a família tem para funcionamento harmônico da sociedade discreta; e, primordialmente, discutir acerca da força política e social que tem, principalmente em Canguçu, de tal modo que possa ser considerada uma agente político-social que interfere diretamente nas decisões e rumos da cidade, seduzindo, inclusive, pessoas que, teoricamente são ideologicamente contrárias em diversos pensamentos/preceitos éticos e políticos. É tão particular a influência da Maçonaria no horizonte de Canguçu que ela consegue se fazer presente mesmo diante desse cenário pouco improvável, como o recém citado caso de políticos de um espectro político – e, talvez, consequentemente moral e ético - ideologicamente não compactuantes a maioria dos membros da sociedade discreta, assim mesmo fazerem parte dela, pois exercem ou postulam cargos de alto grau social. Assim, tornam-se – ou pretendem tornarem-se – figuras públicas aparentemente de postura íntegra e de princípios. Será – e até que ponto – que isso pode influenciar um mandato de um prefeito, vereador ou gestor contrário ao posicionamento político-social de seus Irmãos? Será importante tentar entender o que leva essa troca mútua e paradoxal – o político ideologicamente contrário aos preceitos da maioria dos integrantes da Loja terminar por se tornar um deles e a sociedade discreta ter interesse em alguém que teoricamente não está encaixado nos moldes e conceitos político-sociais de grande parte dos indivíduos que a integram.

O tema escolhido para a realização desse trabalho de conclusão de curso não é dos mais usuais, principalmente na área da antropologia, não à toa tive imensa dificuldade em encontrar autores e autoras que escreveram sobre a Maçonaria através um viés antropológico. Assim, busquei referência também em outras áreas para enriquecer a discussão proposta. Desta forma, pretendo contribuir para que mais pessoas possam estudar um pouco mais acerca da agência de uma entidade de exposição tão restrita como a Maçonaria e quais são suas implicações na sociedade em geral.

Enquanto procedimento, o trabalho foi realizado por meio de observação participante e de abordagem direta. A partir de entrevistas e diálogos abertos

com figuras influentes no cenário maçom da cidade, conversações e observações a cerimoniais ritualísticos da Maçonaria e das entidades Paramaçônicas abertos ao público. A fim de aproximação ao meio estudado e realização de um trabalho isento, foi deixado de lado qualquer preceito ético, político e moral. Pois, além de ser um bem para a pesquisa, entendo que é um dever de pesquisador se abster de pré-conceitos sobre seu objeto de estudo. Com relação às estratégias de aproximação com o objeto central da pesquisa de campo, tive na figura do maçom Edison Coelho minha licença de entrada no universo estudado. Amigo e ex-professor de Ed. Física, foi a primeira pessoa que procurei no já distante ano de 2015 para a realização de um projeto referente à disciplina de Metodologia da Pesquisa Qualitativa, que introduzia os alunos no universo das pesquisas e que me fizera apaixonar pelo tema que posteriormente se tornou meu TCC. Edison foi o fio-condutor inicial das minhas obtenções de dados acerca da sociedade discreta. Em primeiro momento, já me levou a conhecer aquele que foi, por muitos anos, a figura mais influente (Grão Mestre) na Grande Loja do Rio Grande do Sul e ex-Prefeito de Canguçu, Gilberto Mussi, que também contribuiu para dar densidade ao texto, através do fornecimento das respostas mais precisas e autênticas presentes no mesmo. Ele foi um dos primeiros integrantes da Maçonaria estadual a atingir o grau 33, a mais elevada graduação que um maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito (Rito no qual a Maçonaria canguçuense está submetida) pode alcançar. Por assim dizer, Mussi é considerado um dos precursores da Maçonaria, tal qual ela é hoje, no estado Rio-grandense. Participei de três Cerimônias abertas ao público pela Loja Maçônica José Bonifácio nº 55 e em uma cerimônia pública da Ordem DeMolay dos Guardiões dos Tapes – este último, onde conheci outra entidade Paramaçônica: as Filhas de Jó da cidade de Pelotas, que eram convidadas dos DeMolays de Canguçu na ocasião, bem como, as mulheres dos maçons e mães dos DeMolays, pessoas que contribuem para a realização de alguns eventos da Maçonaria local. Após as cerimônias, sempre fiquei para as confraternizações que ocorrem em sua sequências, colhendo informações importantes e estreitando laços com os integrantes da Loja canguçuense.

Inicialmente foi feito um apanhado histórico geral contextualizando a origem e a atuação social da Maçonaria; Posteriormente, uma análise do ritual expresso nas cerimônias e interiores da Loja Maçônica; Depois, uma

abordagem da relação de parentesco que existe na Ordem e é intrínseca a sua constituição político e ritual; Por último, uma discussão sobre seu papel como agente social na progressão política, econômica e social, enfocando esse comportamento na cidade de Canguçu.

2 O contexto histórico da Maçonaria:

Quando o assunto é a origem da Maçonaria surgem diversas teorias. Uns dizem que a mesma surgiu com os Cavaleiros Templários da Idade Média. Outros vão mais longe e creditam obras da antiga Mesopotâmia e Egito aos maçons. Outros mais longe ainda para afirmar que ela surgiu com a criação do Templo de Salomão. Entre todas essas teorias, a mais aceita – primordialmente entre os próprios maçons - é de que a Maçonaria teve seu surgimento através dos construtores de igrejas e catedrais, que pertenciam a Igreja Católica na Idade Média. Porém, devido a essas divergências, surgiram três Ritos maçons distintos que compunham a ordem maçônica no mundo. São eles: Yorke, Schereder e Escocês Antigo e Aceito. Este último é o rito da Loja maçônica onde se encontra meu universo de pesquisa – na Loja maçônica de Canguçu, oficialmente chamada de Cinquentenária, Benemérita, Augusta e Respeitável Loja Simbólica José Bonifácio nº 55. Ele subdividi-se em 3 vertentes: Grande Loja, Grande Oriente do Brasil e Grande Oriente Estaduais. Neste caso, o primeiro pertence à vertente maçônica da Loja canguçuense.

À Maçonaria ainda é creditada a influência sobre diversos meios sociais e também a liderança em grandes revoluções. Há, com certeza, muitas teorias conspiratórias sobre esses assuntos. Dizem que a Ordem está por trás de associações, organizações, governos, etc. Dizem que liderou revoluções. Sobre a primeira premissa, é possível dizer que, ao menos, a Maçonaria possui diversos integrantes em elevados cargos político-sociais. Da última insinuação têm-se diversas evidências, vide a Revolução Francesa, onde a Maçonaria impulsiona a população contra a Família Real, além da contribuição no processo de independência dos EUA e na construção da capital Washington. No Brasil, a Independência do país, e as Revoluções Farroupilha e Pernambucana são outras revoltas associadas ao nome da sociedade discreta. O contrário disso também é relacionado à ordem maçônica: o impedimento de rebeliões - como a Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo.

Em todo caso, é sabido que a Maçonaria não possui, explicitamente, a mesma força de quando liderou e barrou todas essas revoluções em grandes metrópoles pelo mundo. Porém, ainda hoje, de maneira sutil e silenciosa, pode ser influente em decisões preponderantes. Isso se manifesta ainda mais

visivelmente em cidades pequenas, como é o caso de Canguçu, onde a Ordem é influente em diversos aspectos político-sociais.

A seguir tentarei esquematizar cronologicamente a história da Maçonaria tendo como base historiadores da própria Ordem Maçônica, mas para isso, primeiramente, precisamos ter em mente que o processo de solidificação da mesma não é muito linear, tampouco simples de ser explicado, muito pelo contrário, inclusive. Por isso, o que proponho nesse capítulo introdutório é apenas contextualizar o leitor através de um apanhado geral de como a sociedade discreta que eu estudo foi se constituindo no decorrer do tempo e se estabeleceu tal qual é hoje. Para isso, a pedido dos próprios maçons, tentei mostrar com mais veemência a versão que os historiadores e pesquisadores internos da Ordem dizem a respeito da mesma. Ora, versões mais convencionais começam a datar o surgimento da Maçonaria apenas a partir do iluminismo. Eles, no entanto, acreditam que isso aconteceu muito antes, e reiteraram a importância de eu trazer essa abordagem em meu trabalho.

Assim, após pesquisar em alguns autores - principalmente historiadores (nesse aspecto são poucos os antropólogos que tratam do assunto), sendo a maioria deles maçons -, e também com próprios membros da instituição maçônica da Cidade de Canguçu sobre a origem e história da Maçonaria, trago uma síntese da mesma. Antes, no entanto, cabe reiterar que os relatos que se tem acerca do passado dessa sociedade são variáveis, desconexos e de certo modo inexatos. É uma série de histórias e também estórias que fantasiam, romantizam e desfiguram o passado da Maçonaria (ASLAN, 1997). Por isso, o que escreverei a seguir não necessariamente condiz com o que de fato aconteceu – até porque, nenhuma história é a História (GINZBURG, 2004) -, mas tem a pretensão de chegar o mais próximo da realidade, transcrevendo o que os pesquisadores dedicados ao tema acreditam ser a História da Maçonaria.

Bem, dizem que, nos primórdios da Maçonaria, numa época em que sequer a chamavam como tal, construtores de catedrais, pequenas igrejas e castelos se organizavam em corporações de ofício, germinando uma espécie do que hoje entendemos como sindicato. À época: Idade Média. Os operários medievais se utilizam desses meios para se organizar como grupo e ter poder de enfrentamento para com seus “superiores”. Os pedreiros, por viajarem muito

a trabalho, não tinham o mesmo compromisso dos servos e demais operários da época, assim, eram os trabalhadores com maior liberdade de locomoção (inclusive mudança de moradia) e expressão no período medieval, não devendo a mesma satisfação que os demais aos senhores feudais. (ALBUQUERQUE, 2001).

Da premissa alicerçada na função do pedreiro na Idade Média é que surge o significado da palavra Maçonaria, que provém do francês *maçonnerie* e do inglês *masonry*, significando construção (ASLAN, 1997), esse termo deriva da palavra *makyo*, do idioma frâncico - língua dos povos germânicos que antigamente habitavam o que hoje é território francês -, que quer dizer, de forma literal, “pedreiro” (TAVARES, 2006).

Segundo teorias literárias desenvolvidas por historiadores, existem três versões mais famosas e consolidadas sobre a origem da Maçonaria: 1) Surgida em meio à construção do Templo de Salomão; 2) Nas já mencionadas guildas de pedreiros da Idade Média – onde eles se reuniam em corporações de ofício auxiliares do desenvolvimento moral; 3) Através dos ritos da Ordem dos Cavaleiros Templários – que se assemelham muito com rituais maçons da atualidade. (PANTANO FILHO, 2001), (KNIGHT, LOMAS, 2004).

Alguns historiadores e pesquisadores dedicados ao estudo da sociedade discreta, a fim de estabelecer certa linearidade e didática acerca da origem da mesma, decidiram por dividi-la em três momentos: o primeiro nomeado de Maçonaria Primitiva, o segundo, de Maçonaria Especulativa, e, o terceiro, de Maçonaria Operativa (CHEDEL, 1980 apud SENNA, 1981). A seguir, explanarei um pouco a respeito de cada uma dessas fases que, segundo estudiosos, deram origem e estabeleceram a Maçonaria tal qual ela é hoje.

2.1 Maçonaria Primitiva

A origem da Maçonaria, bem como já mencionei antes, é um enigma. São várias as versões de iniciação da Ordem, nos mais distintos locais. Alguns creditam sua origem aos tempos remotos da sociedade, outros, a uma história mais recente. Os próprios maçons, desde o século XVIII, apresentavam a instituição como discipula de ensinamentos e rituais desde o Egito Antigo até os Cavaleiros Templários. Outros grupos e povos místicos, como o zoroastrismo, cabalismo, essenismo, etc. também tinham sua essência moral

e/ou espiritual associada a da ritualidade maçom. Era tudo muito fantasioso e romantizado, como podemos ver no relato do clérigo inglês George Olivier:

As antigas tradições Maçônicas dizem, e penso que elas têm razão, que nossa ciência existia já antes da criação de nosso globo, e estava espalhada entre os sistemas mais variados do espaço'. O sacerdote jesuíta e historiador José Antonio Ferrer Benimeli, um dos maiores conhecedores da maçonaria espanhola, explica que com essas teorias desenvolvidas desde o início do século 18 as lideranças Maçônicas procuravam consolidar, legitimar e engrandecer a organização, exagerando sua antiguidade. (OLIVIER, 1898)

Sobre essa tentativa de romantizar e, de certa forma, imacular a Maçonaria por parte dos maçons e também pesquisadores durante o século XVIII, Jean Marque de Riviere (1941), no livro "Histoire de La Franc-Maçonniers Française", ressaltava que essa narrativa lúdica tinha relação com a "novidade" emanada pela recém "descoberta" Maçonaria.

Os autores do século XVIII tem contribuído a tomar obscuras, longínquas e inacessíveis a origem da Maçonaria isto empreende-se pertencendo a uma ordem desacreditada e exposta às zombarias dos 'profanos', esses autores maçons (grande maioria deles) procuravam obter as cartas de nobreza que impusessem aos incrédulos, e a antiguidade, mãe do respeito, com que aureolavam a Maçonaria ainda bem nova historicamente, refletia-se sobre eles. (RIVIERE, 1941)

Por toda essa incerteza em precisar qual a origem da Maçonaria, esse período inicial denominado pelos historiadores de Maçonaria Primitiva – historicamente um período completamente inexato com relação a presença ou não da Maçonaria – é considerado como uma espécie de Pré-Maçonomia, inclusive, sendo chamado por muitos historiadores como tal (CHEDEL, 1980 apud SENNA, 1981).

Os maçons, desde séculos, esforçam-se por descobrirem seus antepassados dos quais pudessem ter orgulho. Encheríamos uma vasta biblioteca se reuníssemos somente as obras que pretendem demonstrar a filiação legítima da Maçonaria com os Rosacruzes, o Hermeticismo, O Cabalismo, Alquimia, As Sociedades Iniciáticas Egípcias, Gregas, Judias, a Triade Secreta da Antiga China, Os Colegia Fabrorum Romanos, A Cavalaria das Cruzadas ou a Ordem destruída dos Templários (COLINOM, séc. XVIII).

O relato acima é do Padre britânico Maurice Colinom, citado em inúmeros livros e artigos sobre a origem da Maçonaria, infelizmente sem identificação bibliográfica. Ele elucida bem as variadas e não necessariamente conexas teorias de origem da Ordem.

No entanto, a versão mais aceita e, conseqüentemente, mais difundida sobre o início dessa sociedade é que a Maçonaria Moderna descende das corporações criadas por construtores de igrejas e catedrais da Igreja na Idade Média.

Nada disso é irrefutável, o que sabemos, portanto, é que a Maçonaria tem como base filosófica um discurso semelhante e possivelmente adotado ao discurso difundido por diversas instituições e organizações anteriores a si – ou melhor dizendo, anteriores a sua forma Operativa e Especulativa - ,como a Corporação dos Franc-Maçons, as Guildas, os Carbonários, a Corporação dos Steinmetzen, os Rosa-Cruzes, dentre outros (GALDEANO, 2009).

2.2 Maçonaria Operativa

O período histórico denominado de Maçonaria Operativa é justamente a época em que a ordem maçônica está mais associada às corporações de ofício organizadas por construtores de igrejas e catedrais da Idade Média durante o regime feudal.

O continente europeu, especificamente neste período, teve uma alta demanda de construções de catedrais, igrejas, palácio, basílicas, mosteiros, conventos, abadia, etc. E boa parte dessas construções vieram das mãos de “maçons operativos”, ou seja, operários da época. A igreja francesa de Notre Dame, as catedrais de São Pedro, em Roma, Sevilha e Toledo, na Espanha, o Mosteiro da Batalha, em Portugal e o abadia italiana de Monte Cassino (GALDEANO, 2012), são algumas das inúmeras construções de pedreiros associados ao saber maçom.

Essa classe de construtores surgiu junto ao início do Feudalismo, e, obviamente, ao final do declínio do Império Romano (VAROLI FILHO, 1971), após os nobres abandonaram as antigas cidades e, na mudança ao próximo destino, recrutarem os camponeses a fim de se protegerem dos bárbaros (OLIVEIRA, 2009).

Nas suas novas terras, devido à necessidade de proteção de seus feudos (GALDEANO, 2012), os nobres precisaram de mão de obra, assim surgiu uma classe social dedicada à arte da construção: os construtores – também conhecidos como pedreiros, herdando o conhecimento greco-romano de antigas construções civis (OLIVEIRA, 2009).

Assim, juntamente dos construtores, surgiram também outras classes de operários, como os ferreiros, os artesãos, os marceneiros e os tecelões. Esses, no entanto, estavam geograficamente limitados às fronteiras feudais (OLIVEIRA, 2009). O único grupo que estaria “livre” para circulação era justamente os construtores de igrejas, catedrais e afins, ou seja, o grupo associado à Maçonaria. Organização esta que, além de se reunir para construir templos, se juntava para difusão de conhecimento individual e coletivo, está aí, portanto, a primeira e principal semelhança com a organização maçã da atualidade (VAROLI FILHO, 1971).

O Feudalismo, imponente na Idade Média, foi um dos períodos da história da humanidade de maior dominação da Igreja Católica (MACHADO, 2005). Os católicos, cientes da importância dos pedreiros na época, lhes concediam algumas regalias que as demais guildas não tinham direito - conforme vimos no parágrafo anterior. Deste modo, o catolicismo tirou proveito das magníficas construções civis religiosas da época medieval para se solidificar e crescer como doutrina. Ora, as catedrais, igrejas, mosteiros e demais templos serviam como fortificantes do poder social, cultural, político científico e econômico da religião à época (VAROLI FILHO, 1971).

É comumente escutar ou ler maçons se referindo à divindade criadora do universo como “Grande Arquiteto do Universo”. Por fácil associação, é possível afirmar que essa ligação está intrinsecamente conectada à origem operária da Maçonaria, advindo, portanto, das organizações corporativas de construtores maçons da Idade Média.

A Maçonaria Operativa, portanto, permeia o tempo correspondente a Renascença e a Idade Média inteira, se estendendo até a fundação da Grande Loja de Londres. Que é o momento que surge a Maçonaria Especulativa, como veremos a seguir.

2.3 Maçonaria Especulativa

Com o aparecimento da Grande Loja de Londres, acaba, então, a Maçonaria Operativa e inicia a Maçonaria Especulativa, que é, de fato, o que podemos relatar como história maçônica. O período hodierno da Maçonaria, que diz respeito a como de fato a conhecemos hoje. Aslan (1973) definiu esse período como o responsável pela “atual associação civil, filosófica e humanitária” da Ordem.

Vanildo Senna (1981), no livro “Fundamentos Jurídicos da Maçonaria Especulativa”, define como foi a passagem temporal do período maçônico correspondente à Maçonaria Operativa para a Maçonaria Especulativa:

A esta transformação os ingleses dão a denominação de Revival, que significa renovação, renascimento, datando-a de 1717. O adjetivo "especulativo" só foi aplicado aos Maçons "Aceitos" em meados do século XVIII. Esta denominação de "especulativo" era dada, no século XVII, a toda pessoa propensa à contemplação e à meditação. O "especulativo" era o idealista e não o homem de ação ou profissional. Eram homens cultos, naturalistas, eruditos e historiadores. (SENNA, 1981)

Essa fase histórica da Maçonaria compreende seu passado operativo, se utiliza do modo organizacional do mesmo e soma-os ao Iluminismo e a independência da Igreja Católica, permitindo à Ordem contribuir na reconstrução da cidade de Londres – que acabara de sofrer um incêndio e necessitava de mão de obra para reconstrução de seus templos e construções medievais –, onde a Maçonaria atual tem sua origem (OLIVEIRA, 2009).

Assim, alicerçada nos conceitos racionais e científicos do Iluminismo, mas sem se desvincular do caráter moral e religioso da Ordem, começa uma nova e definitiva Era para a Maçonaria. Desta forma, a Inglaterra se torna o berço da Maçonaria Moderna e Especulativa, já que estava minada de pedreiros de guildas maçônicas que trabalharam na reconstrução da cidade (OLIVEIRA, 2009).

Na edição 102 da Revista Campo e Cidade, intitulada de “Maçonaria: História, ritos, mitos, conflitos e tradições”, o autor explana sobre essa transição e solidificação da Ordem maçônica como a conhecemos hoje:

A Maçonaria como hoje se conhece surgiu na Escócia e na Inglaterra, na virada do século 17 para o século 18. Um marco importante é a reunião, em 24 de Junho de 1717, dos representantes de quatro lojas Maçônicas de Londres (Apple Tree, Crown Ale House,

Goose and Gridiron e Rummer and Grapes) em uma taberna para a fundação da Grande Loja de Londres. A data da reunião, Dia de São João Batista, foi escolhida em razão da afinidade com o santo cristão, também respeitado em outras sociedades esotéricas, particularmente pelos Cavaleiros Templários. A Grande Loja de Londres seria em 1813 reformulada como Grande Loja Unificada da Inglaterra, com a adesão da Loja de York. (SOUZA, 2017)

Com o passar do tempo e com a aproximação dos participantes das antigas guildas de construtores com outros grupos sociais, os segredos das antigas construções deixaram de ser exclusivos aos participantes desse grupo, assim, mais pessoas foram se aproximando do ambiente e dos ideais maçons e, conseqüentemente, tornando a Maçonaria conhecida dentro do Reino Unido e também mundo afora.

Em todo caso, o legado deixado pelo *modus operandi* da Maçonaria Operativa serviu para que o modelo seguinte, de modo em que o objetivo central da Maçonaria a partir de sua origem Especulativa, seguiu, filosoficamente, alicerçado em construções, só que ao invés de erguer edifícios físicos e civis, passou a operar na construção do “edifício social ideal” (OLIVEIRA, 2009).

A Maçonaria abandonava as preocupações típicas da profissão de pedreiro para abraçar preocupações com o aperfeiçoamento moral e intelectual de seus membros, transformando-se aos poucos em “sociedade de pensamento” de caráter cosmopolita e secreto.

A partir de então, no dizer de José Antonio Ferrer Benimeli, passa a reunir homens de diferentes raças, línguas e religiões para fazê-los alcançar a perfeição moral por meio do simbolismo de natureza mística ou racional, da educação e da filantropia (SOUZA, 2017).

Desta forma, fica elucidado que a Maçonaria atual é originária do pensamento iluminista da virada do século XVII para o XVIII (PALOU, 1972). Primeiro, se espalhando por toda a Europa, e, em seguida, ao mundo inteiro (BESOUCHET, 1985). Consolidou-se, assim, como uma sociedade de três elementos, conforme mostra Fernando Pessoa (1935): iniciático – devido sua discricção; fraternal – pela forma que é conduzida entre Irmãos; e humana – inerente a sua natureza composta por homens de diferentes crenças e culturas,

dando a ela uma variável imensa de pensamento. “(...) e o que resulta de ela existir em muitos países, sujeita portanto a diversas circunstâncias de meio e de momento histórico, perante as quais, de país para país e de época para época reage, quanto à atitude social, diferentemente.” (PESSOA, 1935, apud RECANTO DAS LETRAS, 2010).

Visto isso, podemos dizer que, segundo seus próprios historiadores, a Maçonaria é - antes de tudo - um local de compartilhamento de conhecimento, fé e crescimento conjunto e individual.

2.4 Lojas, Obediências e os Ritos praticados no Brasil

As Lojas são a organização coletiva de homens maçons a fim de compartilhamento de conhecimento (BOUCHER, 1997), normalmente localizadas demograficamente em Templos, que são os locais onde ocorrem as reuniões, as cerimônias e as confraternizações.

Numa Loja há um Venerável Mestre eleito pelos membros da comunidade maçã, que fica responsável por comandar os trabalhos da mesma durante um tempo específico de mandato. Há, também, outros cargos a serem preenchidos através de votação interna: 1º Vigilante, 2º Vigilante, Orador, Secretário, etc. (PANTANO FILHO, 2001; GRANDE ORIENTE DO BRASIL, 2001). Sete é o número mínimo de participantes - com o grau de Mestre dentro da Maçonaria - necessário para a fundação de uma Loja maçônica (GRANDE ORIENTE DO BRASIL, 2001).

Existem federações de Lojas maçônicas, normalmente reconhecidas como Grande Loja, Grande Oriente ou Ordem Maçônica, onde as demais Lojas então inseridas (BOUCHER, 1997; JAKOBI, 2007). É o que os maçons chamam de Obediências maçônicas (PANTANO FILHO, 2001). A diferença do Grande Oriente para a Grande Loja é que o primeiro tem ritos independentes, ou seja, trabalha com rituais livres, cabendo a cada Loja seguir o rito que considera mais propício, já a Grande Loja é uma federação única, que trabalha, normalmente, num só sistema ritual. (PANTANO FILHO, 2001; BOUCHER, 1997; JAKOBI, 2007)

A divisão das Obediências Maçônicas, no Brasil, está assim:

“No Brasil, existem atualmente quatro grandes Obediências Maçônicas: o GOB - Grande Oriente do Brasil, com seus Grandes

Orientes Estaduais; a CMSB - Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil, que congrega as Grandes Lojas Estaduais; a COMAB – Confederação Maçônica Brasileira, também com os Grandes Orientes Estaduais Independentes; e a COMUB - Confederação da Maçonaria Universal Unida no Brasil, que também conta com representações nos vários estados do país.” (PANTANO FILHO, 2001, p. 141)

Os Ritos Maçônicos praticados no Brasil, por sua vez, são: Rito Escocês Antigo e Aceito, equivalente a 33 graus (número máximo gradual de especialização, digamos assim, do maçom dentro da Ordem – detalhe: este número 33, segundo meus interlocutores, é propositalmente estabelecido em homenagem a Jesus, que atingiu essa idade como humano na Terra); Rito Brasileiro, equivalente a 33 graus; Rito de Emulação ou de York, equivalente a 3 ou 13 graus; Rito de Schröder, equivalente a 3 graus; Rito Moderno, equivalente a 7 graus; Rito Adonhiramita, equivalente a 33 graus; Rito Escocês Retificado, equivalente a 9 graus (PANTANO FILHO, 2001).

Os três graus simbólicos delimitados por números variáveis de Rito para Rito (conforme vimos acima), são: Aprendiz, Companheiro e Mestre. Quem é iniciado na Ordem, obviamente, começa como Aprendiz, a medida em que vai se aperfeiçoando, estudando e adquirindo conhecimentos ele vai aumentando o grau, até chegar ao nível de Companheiro e, por último, de Mestre. Como disse antes, cada Rito determina um grau específico para o membro adquirir a alcunha simbólica de Aprendiz, Companheiro ou Mestre. Num Rito com mais graus, como o Escocês Antigo e Aceito (Rito da Loja José Bonifácio, onde realizo minha pesquisa de campo), o membro terá que avançar muito mais graus para mudar sua gradualidade simbólica de Aprendiz para Companheiro ou de Companheiro para Mestre, já num Rito com menos graus, como o York ou o Rito Moderno, a dificuldade para avançar de grau tende a ser muito mais exigente, visto que o grau máximo no primeiro não passa de 13 e, no segundo, de 7 (COSTA, 1994).

Os sete Ritos Maçônicos encontrados no Brasil tem características próprias e especificidades interessantes que os diferenciam um do outro. Os mais famosos são o Rito Escocês Antigo e Aceito, Rito York e Rito Schröder. O primeiro é o mais praticado no Brasil e no mundo.

O Rito Escocês Antigo e Aceito é o mais famoso entre todos os ritos. Segundo historiadores, teve sua origem na França, após a viúva do

assassinado rei britânico Carlos I ter ido para um asilo na comuna francesa de Saint-Germain-en-Laye, lá ela e demais aliados de países da Grã-Bretanha e arredores se reuniram na tentativa de recuperar o trono britânico, ou seja, a origem do nome Escocês no rito não tem a ver necessariamente com a geografia do local onde foi instituído, mas com uma disputa política pelo trono britânico, encabeçada, principalmente, pelos partidários denominados de Stuarts, que eram em sua maioria escoceses (PANTANO FILHO, 2001; JAKOBI, 2007).

Após a criação da Grande Loja de Londres, em 1717, existiam na França dois ramos maçônicos: a Maçonaria escocesa e stuartista, ainda com Lojas livres, e a inglesa com Lojas ligadas à Grande Loja. A Maçonaria escocesa, mais pujante, resolveu, em 1735, escolher um Grão-Mestre, adotando o regime obediencial, o que levaria à fundação da Grande Loja da França (Grande Oriente de 1772), embora esta designação só apareça em 1765. O escocêsismo, na realidade, só se concretizou com a introdução daquilo que seria a sua característica máxima, os Altos Graus, através de uma entidade denominada “Conselhos dos Imperadores do Oriente e do Ocidente”. Este Conselho criou o Rito de Perfeição ou de Heredom, com 25 graus, o qual, incorporado ao escocêsismo, deu origem a uma escala de 33 graus. O Rito teria sido levado para São Domingos (Haiti), por volta de 1761. Da colônia francesa, o Rito foi levado para Charleston, na Carolina do Sul, entre 1795 e 1801, por dois franceses, De Grasse-Tilly e De La Hogue, onde se instalou com vigor (CARVALHO, 1993; JAKOBI, 2007).

A denominação de “Antigo e Aceito” tem origem no fato de, em 1739, vários Irmãos terem deixado a Grande Loja de Londres, unindo-se em outra Grande Loja com base no sistema de York. Mais tarde, esses Irmãos reivindicaram a denominação de Grande Loja do Regime Escocês Antigo, conseguindo o reconhecimento das Grandes Lojas da Escócia e da Irlanda. Posteriormente, ao nome foi acrescentado o termo “Aceito” (SANTOS, S. D., 1997). (PANTANO FILHO, 2001, p. 143)

Daí em diante, o Rito Escocês antigo e Aceito passou a figurar entre a maioria dos países. Onde havia maçom, havia seguidores do Rito. No Brasil, 9 em cada 10 Lojas estão vinculadas à ele.

O Rito de York, também chamado de Rito de Emulação ou Rito do Real Arco, é um dos mais tradicionais e antigos ritos maçônicos do mundo. Surgiu

paralelo ao Rito Escocês Antigo e Aceito, só que de forma sigilosa. Teve suas primeiras Lojas na Irlanda e na Escócia. Já não mais escondido, apareceu em 1777, na cidade de Londres, na Inglaterra. Foi feita uma junção entre os Antigos e Modernos, após longo período de divergência, formando a Grande Loja Unida da Inglaterra. O Rito York é o mais praticado nos Estados Unidos, onde é chamado de Rito de York, se diferenciando do Rito de Emulação, como chamam os ingleses. As diferenças não param por aí: Nos EUA são 13 os graus de especialização dos maçons dentro do Rito (o mais elevado número dentre todos que adotam esse rito), na Inglaterra, são 3 (o número mínimo). Aqui no Brasil as Lojas pertencentes ao Grande Oriente Brasileiro (GOB), ou seja, as Lojas federadas, o chamam de Rito York No Brasil, já as as Lojas das Grandes Lojas Estaduais utilizam o termo Rito de Emulação (PANTANO FILHO, 2001; PELLEGRINO NETO, 2010).

O Rito de Schröder tem esse nome por conta de seu idealizador, Friedrich Ludwig Schröder. Como sugere o nome e o fundador, tem origem alemã. Surgiu em 1801, com a insatisfação de Friedrich Schröder com relação à Igreja Católica e sua tentativa de impor regras e estabelecer poder sobre a Maçonaria. É um Rito menos opulente que os demais, também mais objetivo e elementar, e talvez por isso tenha tido fácil aceitação e conseguido se espalhar muito rapidamente para as mais variadas partes do mundo, principalmente em lugares onde tinham descendentes alemães. No Brasil, país com forte influência alemã, também se faz presente de forma considerável, principalmente em Santa Catarina, onde em 1997 foi criado o Colégio de Estudos do Rito de Schröder, na cidade de Florianópolis. Está desde a década de 1990 sendo bem difundido em nosso país, sendo considerado o quarto Rito mais praticado por aqui (PANTANO FILHO, 2001; JAKOBI, 2007; PELLEGRINO NETO, 2010).

Um antigo Rito, mas não muito difundido no Brasil, que possui um nome que sugere o contrário do tempo em que foi criado é o Rito Moderno, um dos mais antigos ritos maçônicos, fundado em 1761, na França. De modernidade, podemos dizer que é um dos únicos, e primeiros, ritos a abolirem a necessidade de crença em Deus ou no cristianismo, se mostrando acessível a um conceito de laicidade e liberdade religiosa, com isso o Grande Oriente da França ganhou mais adeptos, já que demonstra de fato ser o que dizia: uma

organização que estimula o livre pensar e respeita a crença de seus integrantes. É muito forte na França, obviamente, mas também na Bélgica e outros países com imigração ou colonização francesa. Pode ser visto no Brasil e em demais partidos da América Latina como um dos principais ritos, embora não seja tão famoso assim em nosso país, foi um dos pioneiros aqui, sendo adotado junto da própria fundação do Grande Oriente do Brasil, em 1822 (PANTANO FILHO, 2001; FIGUEIREDO, 1990).

O Rito Adonhiran, também iniciado na França, surgiu da teoria de que o arquiteto do Templo de Salomão teria sido Adonhiran e não Hiram Abiff – conforme acreditam grande parte dos demais Ritos. Durante o século XVIII, foi um dos Ritos mais difundidos na França e em boa parte do planeta, no entanto, atualmente sua existência se delimita somente ao Brasil. Essa resistência e tradição do Rito Adonhiran no território brasileiro provavelmente tem a ver com a sua importância embrionária na Maçonaria do país. Juntamente do Rito Moderno, o Rito Adonhiran foi o precursor dos rituais maçônicos no Brasil. É característico por ser intrincado e ritualisticamente exuberante (PANTANO FILHO, 2001; FIGUEIREDO, 1990; JAKOBI, 2007).

Mais um Rito Maçônico oriundo da França é o Rito Escocês Retificado, que foi constituído como tal nos últimos anos do século XVIII, juntamente de outros Ritos, na fase em que a Maçonaria emergia com forte no país e na Europa. É um Rito fundamentalmente adepto ao cristianismo. Teve suas atividades quase encerradas no século seguinte a sua fundação, mas sobreviveu ao tempo e ressurgiu com força em meadas do século XX, além disso, parece manter intacta a premissa conceitual das suas ideias iniciais, portanto, é um Rito bastante tradicional e embrenhado aos envoltos cristãos que o deram origem. No Brasil, suas Lojas são associadas às Grandes Lojas Estaduais. (PANTANO FILHO, 2001; CARVALHO, 1993).

Por último, o Rito Brasileiro. O nome, obviamente, já entrega que é algo idealizado no Brasil. Portanto, é normal que exalte os valores nacionais do país, e é exatamente com esse intuito que este Rito foi criado: exaltação da pátria, renovação de princípios e valorização das riquezas brasileiras. Além de estar submetido aos dogmas católicos. No entanto, o Rito que começara em 1878, em Pernambuco, não corresponde às expectativas de ser o precursor da Maçonaria no Brasil. Ficando, assim, por décadas no ostracismo e passando

por momentos conturbados, como a falta de legalidade na própria existência do Rito, principalmente por não estar alinhado as normas internacionais da Ordem. Até que, em 1968, Álvaro Palmeira, então Grão-Mestre do Grande Oriente Brasileiro, inicia uma revisão da constituição do Rito e sugere reestruturação do mesmo para que possa se adequar as normas internacionais que o impedia de estar legal diante da Ordem Maçônica. Após isso, o Rito continuou reforçando sua alcunha de ser essencialmente brasileiro e conquistou muitos adeptos, tornando-se, assim, o segundo Rito mais praticado no país. (PANTANO FILHO, 2001; JAKOBI, 2007)

2.5 Breve histórico da Maçonaria no Brasil

Acima vimos um pouco da história e como se comporta cada Rito Maçônico, nacional e internacionalmente. Agora, trago um rápido apanhado da chegada da instituição Maçonaria no Brasil e sua participação em acontecimentos importantes do país.

Há relatos de que a Maçonaria está por trás de acontecimentos político-sociais no Brasil desde a Inconfidência Mineira (CAMARGO, 2015), no entanto, somente anos mais tarde, já no século XIX, filiada ao Grande Oriente da França, é passa a ser reconhecida e constituída como entidade.

Embora tenha, a Maçonaria brasileira, se iniciado em 1797 com a Loja Cavaleiros da Luz, criada na povoação da Barra, em Salvador, Bahia, e ainda com a Loja União, em 1800, sucedida pela Loja Reunião em 1802, no Rio de Janeiro, só em 1822, quando a campanha pela independência do Brasil se tornava mais intensa, é que iria ser criada sua primeira Obediência, com Jurisdição nacional, exatamente com a incumbência de levar a cabo o processo de emancipação política do país. (GRANDE ORIENTE DO BRASIL, 2001).

A Maçonaria brasileira rapidamente se notabilizou por sua forte influência política no país. Sempre foi uma Ordem de bastante rigor no que tange à defesa dos preceitos patriotas, travando inclusive um confronto ideário complexo com Portugal, não deixando jamais se submeter ao Grande Oriente Português (RECCO, 2000).

Em 17 de Junho de 1822, portanto, é criado o Grande Oriente do Brasil (GOB), tendo como primeiro Grão-Mestre José Bonifácio de Andrada e Silva.

Entretanto, com o Brasil sob domínio de D. Pedro I, o GOB foi fechado. Somente em 1831, após o mesmo D. Pedro I abdicar do cargo de Imperador, é que GOB ressurgiu, tendo, mais uma vez, José Bonifácio de Andrada e Silva na condição de Grão-Mestre (RECCO, 2000; GRANDE ORIENTE DO BRASIL, 2001).

A Independência do Brasil, proclamada pelo maçom Marechal Deodoro da Fonseca, é o marco do GOB como agente político-social no país (RECCO, 2000), dando legitimidade e respaldo necessário para crescer de forma desenfreada e tornar a Maçonaria, de vez, um dos maiores agentes sociais do Brasil (CANO, 2007).

Foram longos anos de batalha em prol da República, Duque de Caxias, por exemplo, foi um marco na manutenção da unidade durante anos árduos para o GOB no Império, ele foi desde Grande Comendador do Supremo Conselho até Grão-Mestre Honorário do GOB.

Figueiredo (1956) escreveu: "O Grande Oriente do Brasil foi durante mais de um século, o manancial inesgotável onde o Império e a República recrutavam alguns dos mais insígnies estadistas.". Além de Marechal Deodoro da Fonseca e Duque de Caxias, Benjamin Constant, Ruy Barbosa, Campos Salles, Quintino Bocayuva, Prudente de Moraes, Silva Jardim, etc. foram mais alguns dos maçons estadistas importantes na instauração da República (OLIVEIRA, 2009). Fala-se muito – inclusive é um dos mitos do imaginário social sobre a Maçonaria – que D. Pedro II era maçom, só que essa informação não procede, no entanto, é durante seu período como Imperador que a Maçonaria consegue se legitimar na busca de seus ideários – obviamente, deve-se levar em consideração o contexto da época, onde os brasileiros clamavam pelo fim da monarquia e a manutenção de seus ideais se tornavam insustentáveis por D. Pedro II (BARMAN, 1999).

Segundo o pesquisador maçom Rogério Oliveira (2009), a contraposição moral da Maçonaria com relação ao Império, como por exemplo, à luta contra a escravatura que a Ordem travava, foi papel preponderante para a derrocada final da monarquia brasileira:

O Império Brasileiro estava desgastado e vagarosamente ruía-se. Iniciou a sua queda em 1870, após a Guerra do Paraguai, onde, mesmo o Brasil saindo vitorioso daquela campanha, o Exército,

seu principal agente, não foi devidamente valorizado, causando sérios descontentamentos. A igreja, por sua vez queria a liberdade, pois, encontrava-se submetida ao padroado Imperial.

Mas o fato principal, que fez com que o Império perdesse a sua sustentação, foram as leis antiescravistas, defendidas fervorosamente nas Lojas Maçônicas Brasileiras. Leis como a do Ventre Livre (1871), dos Sexagenários (1885) e finalmente a Lei Áurea (1888). (OLIVEIRA, 2016).

Acrescento a fala acima mais duas contribuições da Maçonaria na luta contra a escravatura, são elas: a criação da "Lei Euzébio de Queiroz", responsável pela extinção do tráfico de escravos, em 1850, e a "Lei Visconde do Rio Branco", de 1871, que assegurava livre toda criança nascidas de escravas a partir da data em que foi promulgada. (OLIVEIRA, 2009)

A Maçonaria se notabilizou pelas grandes campanhas que orquestrou ou intensificou o coro, contribuindo para um país diferente daquele Brasil do século XVIII, ainda preso em amarras do passado. A campanha pela extinção da escravatura no país e a campanha para evitar um terceiro governo monarquista foram alguns dos mais notórios feitos da Maçonaria. Contudo, após o furor da Proclamação da República, a GOB sofre alguns imprevistos que geram dissidências enormes na mesma.

A nova comissão da Maçonaria no Brasil, em sistema confederado faz com que as Lojas do GOB se desarticulem e desorganizem, provocando uma migração para outras entidades organizacionais, muitas delas demonizando a Maçonaria (OLIVEIRA, 2009).

A ameaça do Movimento Integralista Brasileiro ao Estado Novo na década de 1930 faz Getúlio Vargas tomar medidas contra o idealizador do movimento, Plínio Salgado, e seus comparsas. Por enxergar a Maçonaria com ideais parecidas e, assim, uma ameaça ao seu regime, Vargas passa a perseguir os maçons e fechar as Lojas (OLIVEIRA, 2009).

O Grande Oriente do Brasil, embora enfraquecido, continuou como principal vetor político-social da Maçonaria, participando, assim, de diversos momentos cruciais para a história recente do país: Buscar a anistia para presos políticos na Era Vargas e em outros momentos da República; Militância pelos ideários dos partidos aliados durante a Segunda Guerra Mundial, por meio das Obediências Maçônicas oriundas da Europa; Lutar pela redemocratização do

país, pós a conturbada década de 1930 e início da década de 1940; Contribuir, de certa forma para a instauração do regime militar no país, devido à difusão de uma “demonização” da esquerda por parte dos maçons, em 1964; Arrependimento do apoio aos militares, resultando numa nova luta por anistia dos perseguidos pelo regime antidemocrático e eleições diretas no país, etc. (GRANDE ORIENTE DO BRASIL, 2001; OLIVEIRA, 2009; BARMANN, 1999; RECCO, 2000; CANO, 2007).

2.6 Teorias da Conspiração

Em Canguçu, os integrantes da Loja José Bonifácio nº 55 acham interessante um acadêmico tratar do tema para desmitificar alguns mitos acerca da entidade. É assim que minha pesquisa foi ganhando espaço dentro da Maçonaria. “é importante alguém de dentro da academia falar sobre o assunto... É uma forma de desmistificar alguns pré-conceitos formados sobre a Maçonaria.” são palavras do antigo Venerável Mestre da Ordem. Pois bem, assim como os próprios maçons falaram: são muitos os mitos que acercam o imaginário social do rito maçônico. Desta forma, deter-me-ei, brevemente, a explanar e - seguindo a sugestão dos meus interlocutores - desmistificar algumas dessas principais teorias conspiratórias.

A maioria das narrativas mitológicas acerca da Maçonaria visa vilanizar a sociedade discreta, possivelmente pelo caráter místico e magnificente da mesma, o que gera suposições e desconfianças que fomentam um imaginário social pejorativo. A principal teoria de conspiração a respeito da Maçonaria, depois de algum tempo no ostracismo, ganhou novo fôlego recentemente – ao menos no Brasil -, quando o candidato a presidência da República para o pleito de 2018, Cabo Daciolo¹, acusou os maçons de serem parte de um “plano de dominação mundial” chamando-os de “A Nova Ordem Mundial”. Essa teoria, por sua vez, se popularizou já faz algum tempo: de meados a fim do século

¹ No primeiro debate presidencial televisionado da última eleição, dia 9 de agosto de 2018, transmitido em rede nacional pela TV Bandeirantes, o candidato do Patriotas, Cabo Daciolo, trouxe a tona o assunto referente “A Nova Ordem Mundial”, alegando que a Maçonaria e demais grupos de cunho, segundo ele, Illuminati, possuem intenção de dominar o mundo. Após a declaração do candidato, o assunto efervesceu as redes sociais, se tornando um dos assuntos mais comentados no país. Logicamente, boa parte das abordagens do tema era em caráter zombatório às declarações de Daciolo, mas há quem diga que ele reascendeu um interessante debate.

passado. Os símbolos expostos em praça pública² eram a principal fonte de desconfiança de que a Maçonaria pretendia exercer mundialmente seu domínio³ (LAZARETTI, 2018). Contudo, essa hipótese nunca foi além da alcunha de mais famosa teoria da conspiração a respeito da Maçonaria.

Associar a Ordem maçônica ao satanismo também é uma clássica teoria conspiratória, talvez a que mais irrite os integrantes desta sociedade. Inclusive, durante minhas idas à Loja e conversas com os maçons, notei que sempre foi de interesse deles evidenciarem a relação que a Ordem tem com figuras históricas e divindades culturalmente associadas ao bem, justamente a fim de desmistificar essa representação ultrajante à imagem da Maçonaria. Então, a origem desse mito advém de uma denúncia feita pelo Papa Leão XII, no ano de 1884, por meio de uma carta que associava a sociedade maçônica a uma conspiração satânica que se opunha ao catolicismo (ASLAN, 1997; LAZARETTI, 2018). Ou seja, teoria da conspiração oriunda de uma disputa de poder, ora, o papa católico acreditava à época que a Maçonaria era uma ameaça ao poderio exercido pela Igreja Católica.

Essa rixa entre os católicos e os maçons ganhou novo capítulo em 1978, após a morte do então Pontífice João Paulo I, que acabara de ter sido nomeado para o papado. A teoria da conspiração, nesse caso, argumenta que o Papa foi envenenado, pois havia descoberto que o Vaticano estava cheio de maçons. Essa versão tomou força após a descoberta do estrondoso escândalo de lavagem de dinheiro que assolou a Itália na época, envolvendo o Banco do Vaticano e o Banco Ambrosiano, que tinha como presidente o maçom Roberto Calvi, da Loja Propaganda Dois (também chamada de P2 e, originalmente, de

² O compasso, o Esquadro/prumo/laser, o Olho de Hórus, o Ramo de acácia, o Triângulo de isósceles, o Caixão e a caveira, e, o 47º problema de Euclides são alguns dos símbolos cercados de mitos da Maçonaria. O primeiro (compasso) simboliza o dever de cada maçom: circular suas paixões e mantê-las dentro dos limites; os segundos (esquadro, prumo e laser), demonstram, na devida ordem, a retidão moral, a exemplar conduta e a equidade entre os homens da Ordem; o terceiro (olho de Hórus), também conhecido como “olho que tudo vê”, é um longínquo símbolo do Egito Antigo, que representa a perspicácia capacidade de observação do falcão, não a toa o desenho é uma mistura do olho humano com o olho da ave; o quarto (ramo de acácia), simboliza a imortalidade da alma humana; o quinto (triângulo de isósceles), reflete a importância do divino e representa os homens livres; os sextos (caixão e caveira), remetem a lembrança da mortalidade, que provém do latim momento mori, cujo significado é “lembre-se de que você é mortal”; por fim, o sétimo e último símbolo citado (47º problema de Euclides) retrata o quão essencial os ângulos retos eram no trabalho das guildas de pedreiros que deram origem a irmandade (LAZARETTI, 2018).

³ Símbolos remetentes à Maçonaria na nota de 1 dólar, como o “Olho que tudo vê” no alto de uma pirâmide e a frase “Novus Ordo Seclorum”, que em latim significa “Nova Ordem das Eras”, eram, no imaginário social, um prelúdio do domínio global da sociedade maçônica.

Propaganda Due), porém, dois anos antes do ocorrido o Grande Oriente da Itália já havia considerado essa Loja como clandestina. E a relação de Roberto Calvi com a ilícita Loja P2 continuou sendo o único argumento que sustenta a teoria conspiratória de envolvimento da mesma com o falecimento do Papa, pois nunca ninguém conseguiu provar nada além disso (LAZARETTI, 2018).

A mais plausível das teorias, no entanto, vem do início do século XIX e é com relação ao então comerciante e maçom William Morgan, que pretendia fundar uma Loja na cidade de Batavia, na Holanda. Entretanto, com a negativa da Maçonaria a ele, criou-se um atrito. Morgan, então, se desvincula da Ordem e ameaça tornar público alguns segredos maçons em um livro de sua autoria. Após isso ele simplesmente desaparece. Ninguém nunca soube o que aconteceu com ele: morte ou fuga. Obviamente, foi um prato cheio para alimentar movimentos contrários a Maçonaria no mundo inteiro, chegando ao ponto de, dois anos após o episódio, o jornalista norte-americano Thurlow Weed criar o “Partido Anti-maçom”, em Nova York, já que o presidente à época, Andrew Jackson, era membro da Maçonaria estadunidense (LAZARETTI, 2018).

A chegada do humano à lua é mais um episódio histórico cercado de versões conspiratórias que envolvem a Maçonaria. Oriundas, principalmente, de uma edição voltada ao assunto da revista *The New Age* 1969, na qual o gerente da Nasa Kenneth Kleinknecht afirmava que haviam maçons dentro da principal agência de exploração espacial do mundo. São várias teses: que a sociedade discreta estava por trás da missão Apollo 11, a fim de analisar estruturas alienígenas; que financiou a viagem para difundir de rituais pagãos na ciência; e que, até mesmo, teria fincado uma bandeira do Rito Escocês Antigo e Aceito por lá... Imaginação fértil, não? Parece até mentira, pois nenhuma dessas hipóteses dá indícios de fazer o menor sentido, mas estão todas as teorias descritas – citando mais uma vez - no artigo de Lazaretti (2018) sobre as teorias conspiratórias sobre a Maçonaria. Pois bem, dessa vez, para a Maçonaria não é problema nenhum estar relacionada ao mais alto índice de tecnologia mundial, inclusive é uma honra, conforme me disse um dos maçons que conversei pessoalmente na Loja José Bonifácio nº 55 sobre teorias conspiratórias “essas teorias associando a Maçonaria com a astronomia

e até mesmo ufologia são absurdas, mas não há mal nenhum estar relacionada ao topo da tecnologia e desenvolvimento científico mundial...”

Outras teorias ainda mais hiperbólicas remontam ao episódio das Torres Gêmeas nos EUA (que por si só, é cercado de teorias conspiratórias) e até mesmo a história do Serial Killer Jack, o Estripador. No primeiro caso, uma associação de uma antiga guerra: Hashashin (representados pelo Al Qaeda) x Cavaleiros Templários (representados pelos norte-americanos maçons que tinham no World Trade Center a representação de Jachim e Boaz, dois importantes símbolos maçônicos). No segundo caso, os assassinatos de Jack - segundo a teoria, um maçom – teriam sido feitos a mando da chefia maçônica da época para acobertar a relação proibida entre o príncipe do Reino Unido Albert Victor e a prostitua Annie Crook. Sim, o imaginário depreciativo com relação à Maçonaria parece ser muito abundante e não ter fim.

2.7 Tradição?

Aproveitando a leva de teorias, levanto aqui mais uma (só que essa não é conspiratória): Seria a Maçonaria, de fato, uma tradição? Muito se fala sobre origem, objetivos, princípios, valores, etc. da Maçonaria. Em meio a toda essa complexidade e discricção, e tendo em vista o que está exposto nas páginas anteriores deste capítulo, uma coisa parece bastante clara: ninguém sabe ao certo a o que é a Maçonaria. Se pudermos seguir os preceitos de Hobsbawn (1997) em “A invenção das tradições”, a única certeza que teremos é de que a Maçonaria é uma das “tradições inventadas” mais bem sucedidas da história. Segundo o mesmo autor, por tradição inventada, entende-se:

Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWN, 1997, p. 9)

Parece que nunca foi tão bem descrito – em outras palavras, é claro - o que, de fato parece ser a Maçonaria e o que representa a sua evolução e solidificação no decorrer da história.

3 Da ordem ritualística:

3.1 Rituais e símbolos

Após longo período de estudo dedicado à Maçonaria, posso afirmar com bastante segurança que o ritual é o que move esta sociedade. Praticamente tudo é feito através de uma ordem ritualística (BOUCHER, 1948). Como classificara Mariza Peirano (2001): “Rituais podem ser concebidos como sistemas de comunicação, constituídos de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios”. Entre os maçons, como exemplo, podemos citar desde o cumprimento e a saudação - seja entre eles ou para com não maçons – até as palmas sincronizadas – dadas de maneira acelerada se comparada às que estamos acostumados. Ou até mesmo da assinatura – transcrita com as tradicionais reticências após o nome, que, aqui em Canguçu acompanha a rubrica de diversos ex-prefeitos e demais autoridades – até os passos calculadamente dados de forma ritualizada durante alguma cerimônia. Entre outros inúmeros exemplos, qualquer ação que um maçom irá realizar, independente do que seja, virá rodeada de simbolismo e ritualização. Todos os rituais exemplificados eu pude testemunhar em observações de campo nas cerimônias maçônicas ao longo da minha pesquisa.

Porém, apesar de algum tempo de contato com integrantes da Maçonaria, este é o único assunto no qual eles não abrem qualquer precedente para mim. Compete-me, portanto, como pesquisador, propor-me a fazer uma análise – nem que seja um tanto superficial - do que estes possam representar. Na verdade, a proposição é identificar, através do rito, elementos que reflitam o status quo da Ordem, tais quais representem os princípios políticos, sociais, educacionais e familiares da mesma.

Conforme Rodolpho (2004), “os rituais podem ser seculares ou religiosos, e ambos mostram o invisível: enquanto os rituais seculares demonstram as relações sociais (civis, militares, éticas, festivas), os sagrados evidenciam o sagrado, o transcendente”. Tendo em vista essa premissa, podemos caracterizar a Maçonaria como uma Ordem de ambos os rituais (seculares e religiosos/sagrados), já que ela tem por base estabelecer um sistema com normativas ético-sociais, e também de diretriz sagrada. Nesse

sentido, proposições que, em princípio, parecem antagônicas, como o ritual e o secular, de fato não o são.

Para início de abordagem é importante a abordagem de Segalen (2002) sobre o significado do rito:

o rito ou ritual é um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagens e comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns do grupo (SEGALEN, 2002, p. 31).

Retomando Peirano (2001) para mais uma explanação do significado da prática ritualística:

O ritual deve ser visto não simplesmente como uma tradição, mas como um modelo de sustentação cultural do grupo. Deve-se, assim, falar-se em identidades, aquilo que o antropólogo Marcel Mauss chamou de 'fatos sociais totais'. O ritual torna-se uma forma de expressão, uma maneira de nos comportarmos. Para que o ritual exista, é preciso que ele seja aceito e conhecido pelo grupo. Sua lógica interna de funcionamento requer o conhecimento dos símbolos envolvidos em sua estruturação (PEIRANO, 2001).

A citação acima elucida bem como o ritual age dentro do modus operandi da Maçonaria. Ora, é através do ritual que os integrantes da Loja devem se portar e comportar primordialmente perante a própria instituição e, essencialmente, diante da sociedade.

Uma Loja específica possui uma ordem e opera de acordo com seus preceitos e sua relação com a sociedade em que está inserida (CARVALHO, 1993). Obviamente, conforme já vimos no primeiro capítulo, há normas, ramificações, especificações, etc. que fazem determinada Ordem atuar de acordo com o Rito no qual está subordinada, porém, como o ritual é variável e socialmente construído (MEDEIROS, 2012), cada Loja, individualmente, tem seu funcionamento de forma idiossincrática (CARVALHO, 1993).

Sabe-se que os rituais são momentos de intensificação daquilo que é usual em determinada sociedade, e nesse sentido, partilham de alguns traços formais e padronizados; porém estes traços são variáveis, uma vez que o ritual não é algo imutável, pois se funda também em constructos ideológicos singulares. Isto significa a

possibilidade teórica de se aceitar que com o tempo os rituais podem, até certo ponto, mudar de significado, dando validade à hipótese que orienta este estudo. Esta plasticidade dos significados dos rituais pode ou não estar acompanhada de modificações nos signos (os elementos estruturais dos rituais) (MEDEIROS, 2012, p. 218)

Aqui, antes de dar continuidade, cabe um adendo sobre as leis e rituais que regem a Maçonaria: embora a Maçonaria deixe as Lojas terem liberdade em alguns aspectos regimentais aqui já mencionados, há uma constituição para nortear a sociedade discreta, constituída no ano de 1723 por James Anderson, cujo nome é Constituição de Anderson – constituição essa criada no período Moderno/Especulativo da Maçonaria (ver primeiro capítulo) (PANTANO FILHO, 2001). Estão presentes na constituição de Anderson, além da história da Maçonaria, as regras para se instituir novas Lojas, os deveres e obrigações dos integrantes da Ordem e as normas gerais maçônicas (VIEIRA, 2001). Todas as leis atribuídas à Maçonaria são regidas pelos chamados Landmarks da Ordem, às leis mais antigas com relação ao regimento maçônico (PANTANO FILHO, 2001). Esses Landmarks não podem sofrer alterações (KARG; YOUNG, 2007). Assim, as normas da Maçonaria atual são ditadas pelos Landmarks da constituição de Anderson. A relação de Landmarks usada atualmente foi formulada pelo norte-americano Albert Mackey, no século XIX (SANTOS, A. 2004).

Antes das leis constituintes da Maçonaria, vale a menção à origem do primeiro código de regulamentos dos integrantes maçons, resultando numa posterior ritualização da Ordem. A origem do rito, por sua vez, ocorreu em Londres, no ano de 1356, sob contexto de uma disputa hermenêutica acerca da própria da própria instituição maçônica entre os maçons talhadores (cortadores de pedras) e maçons assentadores e ajustadores (construtores de paredes), onde mestres maçons apresentaram ao então prefeito e vereadores de Londres um regimento de regulamentação de suas respectivas profissões.

Tudo começou em Londres, Inglaterra, no ano de 1356, uma data muito importante e começou como resultado de uma boa, antiquada, grande disputa acontecendo em Londres entre maçons talhadores, os homens que cortavam a pedra e os maçons assentadores e ajustadores, os homens que na verdade construíam paredes. Os exatos detalhes da rixa não são conhecidos, mas

como resultado dessa disputa, 12 hábeis Mestres maçons, com alguns homens famosos entre eles, se apresentaram ao prefeito e vereadores na Câmara Municipal de Londres, e com permissão oficial, esboçaram um simples código de regulamentos da profissão.

Se uniram para regulamentar a profissão, para igualar a outras profissões já reconhecidas sem que este documento possa ser tido como a primeira tentativa de organização e padronização do que, no futuro, se transformaria em ritual. Este ato tornou-se, em vinte anos, a Companhia dos Maçons de Londres (London Masons Company), a primeira guilda de ofício de maçons e um dos ancestrais diretos da Franco Maçonaria de hoje. Era uma guilda de ofício e não uma Loja. (PEROTTONI, 2017, p. 8)

Voltando a prática ritualística: como vimos em Medeiros (2012), os atos ritualísticos trazem uma ideia de representatividade para o grupo em que este é praticado, dando identidade e fortificando a cultura do local em que está inserido. Em Canguçu não é diferente: aqui a Maçonaria opera, mesmo internamente, de acordo com as práticas e costumes da cidade, ou seja, de um viés sócio-cultural um pouco mais conservador – embora externamente tenha sido pioneira em diversas situações de intervenção e idealização ante a comunidade canguçuense, vide a criação de uma das mais famosas escolas da cidade e a influência política exercida através dos prefeitos, vereadores e demais lideranças políticas ligadas à Maçonaria (no entanto, este é um assunto para um capítulo futuro) a fim de preservar as tradições locais em seus rituais – não a toa foi possível observar uma efusiva exaltação a cultura gaúcha nas cerimônias semestrais da Loja José Bonifácio nº 55 em que pude acompanhar, inclusive um dos eventos anuais abertos ao público é em comemoração ao aniversário do município, e, outro evento bastante saudado pelos maçons é em louvor a Revolução Farroupilha, fenômeno bastante celebrado pela Ordem maçônica de Canguçu.

Para o renomado antropólogo Geertz (1989), as regras que formulam os ritos e a realidade de seus praticantes são variantes:

A espécie de contraponto entre o estilo de vida e a realidade fundamental que os símbolos sagrados formulam varia de cultura para cultura. Para os Navajos, uma ética que valoriza a deliberação calma, a persistência incansável e a cautela dignificada complementa uma imagem da natureza como tremendamente poderosa, mecanicamente regular e

altamente perigosa. Para os franceses, um legalismo lógico é uma resposta à noção de que a realidade é estruturada racionalmente, de que primeiro os princípios são claros, precisos e inalteráveis e, portanto, só precisam ser discernidos, memorizados e aplicados dedutivamente a casos concretos. Para os hindus, um determinismo moral transcendental, no qual o status social e espiritual de cada um numa encarnação futura é resultado automático da natureza da ação de cada um no presente, completa-se por uma ética do dever ritualista ligado à casta. Cada um dos lados, o normativo ou o metafísico, é arbitrário em si mesmo, mas, assumidos juntos, eles formam uma Gestalt, como um tipo peculiar de inevitabilidade. Uma ca francesa num mundo Navajo ou uma ética hindu num mundo francês pareceria apenas quixotesca, pois perderia a aparência de naturalidade e simples fatualidade que possui em seu próprio contexto. (GEERTZ, 1989, p. 96)

Conforme elucida Geertz, cada comunidade possui sua cultura específica, que não necessariamente é condizente com qualquer outro relato de comunhão sócio-cultural que temos conhecimento. Inclusive ele reitera que uma determinada crença ou regulamento social de um povo não faria o menor sentido se empregado em outro, de cultura diferente. Ou seja, não importa se determinada cultura soa “estranha” a nós, ela deve ser analisada e estudada sem qualquer pré-conceito oriundo do habitual etnocentrismo humano, o autor sugere, assim, que o antropólogo tenha a empatia de se colocar no lugar do indivíduo estudado, pois só desta forma passaria de fato a entender o funcionamento do meio em que outro vive.

Há duas formas centrais de se reger uma cultura e amarrá-las a significados: normativamente e metafisicamente (GEERTZ, 1989). A Maçonaria, por sua vez, opera tanto de forma normativa como metafísica, embora, obviamente, muito mais tecendo normativas. O integrante tem sua liberdade de crença espiritual preservada, mas está sujeito a algumas regras específicas da Ordem em que está submetido. Em Canguçu, por exemplo, é de bom grado que o postulante ao cargo já se intitule como um legítimo cristão, em todo caso, é preciso, ao menos ter algum tipo de crença. Há Lojas com regras particulares sobre a ligação de seus membros com o sobrenatural, como pude apurar com o Gilberto Mussi – ser obrigatoriamente cristão ou ao menos não ser ateus são algumas dessas exigências “estatuais”. O que sabemos, com certeza, é que a Maçonaria induz seus integrantes a correlacionarem-se

com o sobrenatural e terem debates filosóficos e metafísicos (ASLAN, 1997), a fim de enriquecimento cultural individual e coletivo do grupo, conforme relataram meus interlocutores Edison e Gilberto.

A proposição de Geertz (1989) de variabilidade de normas e concepção ritualísticas de acordo com sua respectiva cultura não coincide com a de outros autores já mencionados no texto por acaso. Aliás, Geertz possivelmente tenha sido o grande propulsor desse pensamento de relativização das análises simbólicas e ritualísticas (SOUZA, 2016). Ou mais: é o responsável por uma revolução no trabalho etnográfico, que, a partir de seus estudos sobre a religião na Ilha de Java e o conseqüentemente surgimento da Antropologia Hermenêutica, torna-se menos etnocêntrico, já que agora a leitura que o próprio povo estudado tem de si torna-se o fator crucial para interpretar a cultura em questão, assim, o ambiente cultural passa a ser vista através de uma *teia de significados*. Pois bem, para analisar um determinado grupo não basta um arsenal de dados a serem estudados e interpretados de acordo com a compreensão pessoal do antropólogo ou pesquisador, mas sim uma inserção no campo vigente que requer alteridade para por em prática o exercício de se colocar no lugar do outro e entender o que os levam a agir de determinada maneira, atentando as especificidades e sinuosidades intrínsecas à cultura estudada, desta forma, Geertz consegue envolver o etnógrafo e o interlocutor num encadeamento chamado de “construção de narrativa” (SOUZA, 2016).

Assim, podemos dizer que a antropologia de Geertz é interpretativa, de modo em que a cultura é um texto a ser interpretado e seus símbolos precisam ser identificados de acordo com as circunstâncias nas quais estão inseridos (SOUZA, 2016).

Para o autor o papel da etnografia é interpretar as narrativas feitas pelos nativos. Estas narrativas constituem o que ele chama de cultura, definida como ‘padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas de forma simbólicas por meio das quais os homens comunicam’. (SOUZA, 2016, p. 3)

Os símbolos sagrados, por sua vez, elucidam o conjunto de peculiaridades e a comportamentabilidade que caracteriza a qualidade singular ou a identidade de um coletivo, ou seja, o que Geertz (1989) define como Ethos de um povo. Nesse simbolismo é que uma religião ou uma sociedade de fins

filosóficos como a Maçonaria possui a função de adequar às condutas humanas a regras táticas e de ordem cosmológica.

“A palavra ‘símbolo’ vem do grego *symbolon*, sinal de reconhecimento formado pelas duas metades de um objeto quebrado que tornam a se juntar; por extensão, essa palavra significa uma representação analógica relacionada com o objeto considerado” (BOUCHER, 1997, p. 11). Já a definição do mesmo termo transcende sua própria semântica natural de alguma coisa alegórica e figurativa (SILVA, 2016), justamente por ele representar algo particular e ir além de sua expressão, mostrando-se a ponta do iceberg de uma teia de significados invisíveis, o que gera rápida identificação do grupo para com ele, já que ao assumir caráter religioso e existencial, está essencialmente associado a significações que dão sentido a própria vida humana (ALVES, 2003).

E por que discorrer sobre os “símbolos”? Ora, são eles que dão sentido aos ritos e vice-versa (CARVALHO, 1993). A Maçonaria e seus ritos são repletos de simbolismos, inclusive, eles são responsáveis pelo regimento de preceitos ético-morais que conduzem a Ordem.

Além do mais, o símbolo traz consigo uma série de amarras e incumbências sociais para o grupo com o qual está ligado em relação à comunidade que o entorna, desta forma, ele é responsável pelo “poder simbólico” (termo criado por Bourdieu), capaz de reger as normas tácitas do grupo e da sociedade: “O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo (e em particular do mundo social)” (BOURDIEU, 1989, p. 9).

A partir do momento em que se estabelecem simbolismos para determinada cultura, segundo Geertz (1989), eles também são capazes de denotar uma aparência e uma propriedade culminante numa espécie de autoridade metafórica capaz de criar fatalidades que legitimam os símbolos e ritos do grupo.

É justamente essa aparência do fátual, de descrever, afinal de contas, a forma genuinamente racional de viver que, dados os fatos da vida, é a fonte básica de tal autoridade ética. O que todos os símbolos sagrados afirmam é que o melhor para o homem é viver de modo realista — onde eles diferem é na visão da realidade que constroem. No entanto, os símbolos sagrados não dramatizam apenas os valores positivos, mas também os negativos. Eles

apontam não apenas a existência do bem, mas também do mal, e o conflito que existe entre eles. (GEERTZ, 1989, p. 93)

Turner (1974) também disserta sobre a relação ritual e simbólica de poder aos quais os ritos de passagem (seu instrumento de estudo) estão entranhados:

[...] não somente o chefe, (...) mas também os neófitos, em muitos ritos de passagem, devem submeter-se a uma autoridade que nada mais é do que a comunidade total. Essa comunidade é a depositária da gama completa de valores da cultura, normas, atitudes, sentimentos e relações. Seus representantes nos diversos ritos representam a autoridade genérica da tradição. (Turner, 1974, p. 127)

Os ritos e símbolos contribuem no processo de identidade e auto-descoberta de seus participantes (CARVALHO, 1993). Desta forma, dão sentido ao misticismo empregado nas normativas do grupo. Sendo, acima de tudo, um importante instrumento de caracterização do ser tal qual ele é/possa ser: racional, emocional ou ambos. De certa forma, é habitual do indivíduo gostar de estabelecer relações com o sobrenatural em busca de uma orientação existencial. Não por acaso a fé, antropologicamente, indica complexidade social (NERY, 2009). Mais uma vez observando em Geertz (1989), o autor elucida-nos sobre como o misticismo atua em diferentes culturas:

[...] Portanto, a religião javanesa (pelo menos essa variante dela) é mística: Deus é descoberto por meio da disciplina espiritual, nas profundezas do próprio ser, como um rasa puro. A ética (e a estética) javanesa é também centrada no afeto, sem contudo ser hedonista: a equanimidade emocional, um certo achatamento do afeto, uma serenidade interior estranha, é o estado psicológico ambicionado, a marca de um caráter verdadeiramente nobre. Deve tentar-se ir além das emoções da vida cotidiana, até o sentimento-significado genuíno que está em algum lugar, dentro de todos nós. Afinal de contas, a felicidade e a infelicidade são uma coisa só; você derrama lágrimas quando ri e também quando chora e, além disso, elas se subentendem uma a outra: feliz agora, infeliz mais tarde; infeliz agora, feliz mais tarde. O homem racional, prudente, "sábio", não luta pela felicidade, mas por um desprendimento tranquilo que o liberta de suas infundáveis oscilações entre gratificação e frustração. (GEERTZ, 1989, p. 94)

A Maçonaria também possui esse caráter místico. Deus – ou o Grande Arquiteto do Universo – é parte do encontro espiritual e filosófico entre o maçom com o sobrenatural, ou seja, uma descoberta de si mesmo, assim como acontece na religião javanesa estudada por Geertz. Para adentrar na grande maioria das Ordens maçônicas, conforme já mencionei antes, o postulante precisa ter pré-disposição a dialogar e seguir alguma divindade – primordialmente Deus -, cruamente falando: precisa ter algum tipo de fé. Na Loja José Bonifácio nº 55, por exemplo, não é preciso ser essencialmente cristão – embora todos (ou quase todos) sejam -, mas é obrigatório ter algum tipo de crença espiritual e ser temente a Deus. Segundo Edison, meu interlocutor: “a pessoa precisa ter fé para dar sentido ao seu ingresso na Ordem”. Essa ligação do homem maçom com o ser sobrenatural é parte do que dá credibilidade a ele como ser humanizado ora, nada mais humano (na concepção romântica da palavra) que uma pessoa resignada ao amor divinal, ou seja, além de demonstrar que o maçom é livre para exercer suas crenças fora do Templo, pode ser uma forma de transparecer que ele também pode ser alguém sensível e sensorial, rompendo com o estigma de frieza e racionalidade atribuído aos integrantes da Ordem.

Sobre aparências, Geertz (1989) diz que o grupo primeiro se mostra para si e depois para os outros. Isto é, o ritual e a normatividade empregada por este tende a ser um meio para ganhar credibilidade preliminarmente com o grupo, culminando num ambiente interno organizado e respeitoso, para depois conquistar o mesmo respaldo para com a sociedade.

Van Gennep (1978) aborda temáticas relacionadas a cerimônias, ritos, eventos e qualquer outro espetáculo que proporcione noção de pertencimento e identidade coletiva de dado grupo social. O autor alemão é precursor em analisar o rito através de seus mecanismos e manifestações rituais. Analisando os fenômenos rituais por meio de uma ordem social, identifica uma classe específica de ritos: os ritos de passagem. Classe essa na qual ele subdivide em três categorias: “ritos de separação”, “ritos de margem” e “ritos de agregação”, que permitem entender o funcionamento das passagens que se expressam no ritual. Todos os ritos de passagem contem as três fases, porém cada qual enfatiza um dos aspectos da passagem. Por exemplo, os ritos de nascimento enfatizam a agregação, enquanto os ritos funerários, a separação.

A fase de margem, especificamente, pode vir a destacar-se nas realizações cerimoniais, constituindo uma etapa autônoma.

Turner (1974) é importante para pensar a abordagem que o autor traz sobre o poder estruturante e as organizações excluídas que se formam através da rejeição desta por parte da primeira. Para o autor, a anti-estrutura formada pela exclusão de determinado grupo pela própria estrutura é um processo dialético, onde o estado anti-estruturalista terminaria por culminar numa espécie de renascimento de uma nova – ou antiga - estrutura. Para chegar a esse desfecho, Turner retoma as categorias dos ritos de passagem de Van Gennep, e acrescenta um novo estágio a este: a liminaridade. É exatamente o momento em que há uma ruptura na estrutura social, ocasionando a anti-estrutura e desnudando as normas naturalmente pré-concebidas de um ritual. A liminaridade denota ambiguidade, estado exterior a qualquer classificação pré-determinada de indivíduos na sociedade (CICHOWICZ, 2010). É então que, a partir dessa resignificação, pode surgir um novo grupo social, com seus ritos e sua agência própria. Não é o caso da Maçonaria, mas pude perceber burburinhos capazes de ao menos provocar indícios de liminaridade no tradicional rito maçônico... O processo de rejuvenescimento de ideais, numa “abertura das portas” da Ordem ao exterior, ao diferente, à sociedade em geral, do qual a Maçonaria, de modo geral, tem enfrentado recentemente é um exemplo clássico de que há pessoas dentro do ambiente maçom dispostas a rever conceitos antigos do grupo. Na cerimônia pública homenagem a cidade de Canguçu, também havia condecorações a São João Batista (que aniversariava naquela semana), considerado o padroeiro da Maçonaria. Um dos maçons mais importantes da Loja José Bonifácio nº 55 (possui grau 33) ficou encarregado de fazer o discurso em tributo ao santo que prenunciou a chegada de Jesus, desta forma, ele aproveitou a ocasião para reforçar os preceitos morais e éticos que deram início a Ordem, clamando por fundamentos íntegros e por uma retomada no sentido de discrição da irmandade – pois, segundo ele, na tentativa de se aproximar com o “universo exterior”, a Maçonaria - naquele caso, de Canguçu, especificamente - acabou escorregando nos próprios princípios. No entanto, preciso ser honesto e confessar minha incapacidade de abordar com profundidade o conceito de liminaridade – que por si só já renderia um problema de pesquisa de trabalho

inteiro -, todavia, fica o registro de que até mesmo num ambiente conhecidamente tradicional, há registros de esboços anti-estruturais.

Enfim, sem dúvidas o ritual é a identidade que sustenta a Maçonaria. Conforme já disse: é através dele que os integrantes se comunicam e comportam-se perante a sociedade. Voltando a Peirano (2001) "os rituais tanto reafirmam quanto questionam a sociedade, mas o fazem de várias maneiras". No caso da Maçonaria, esse trecho emprega-se perfeitamente. Entre eles o ritual pode ser considerado uma contradição bem sucedida e ao mesmo tempo sua força-motriz. Ou seja, um intrigante paradoxo.

3.2 A ritualística das Cerimônias Maçônicas

Durante minhas idas à Loja José Bonifácio, pude observar a prática ritualística nas cerimônias, a espacialidade do local, a configuração do Templo, dentre outras coisas. Cabe ressaltar que – com exceção da entrevista/conversa na Loja que tive com meus dois principais interlocutores que me possibilitou conhecer o local e ser “introduzido” ao ambiente e universo estudado - os atos cerimoniais que acompanhei foram públicos, ou seja, com uma prática ritualística diferente dos ritos convencionais. Na Loja de Canguçu, normalmente ocorrem cerimônias semestralmente – sendo uma no meio do ano, em homenagem ao aniversário da cidade (e inclusive fazendo parte do calendário oficial anual de festividades em condecoração ao aniversário de Canguçu), e outra no final do ano, encerrando as atividades do calendário corrente. A seguir explanarei brevemente sobre algumas vezes em que estive na Loja maçônica de Canguçu, contando sobre o interior da Loja, o Templo, as cerimônias, etc.

A primeira vez que tive contato com a Maçonaria foi através do meu ex-professor de Ed. Física e amigo Edison Coelho, onde o procurei para colher informações acerca da Irmandade num projeto metodológico de uma disciplina do terceiro semestre do curso de Antropologia – eu descobri que ele era maçom através de suas em uma rede social sobre a Ordem, aliás, esta aproximação com o externo é uma característica dele e de alguns novos maçons e parecia ser uma tendência na Loja, mas isso é assunto para mais tarde. Em primeiro lugar, ele sugeriu-me um encontro com o maçom mais famoso e influente de Canguçu: Gilberto Mussi, ex-prefeito da cidade e ex-Grão-Mestre da Maçonaria do Rio Grande do Sul. Lembro que na ocasião fui

prevenido na Faculdade de que aquele trabalho era apenas uma proposição metodológica, portanto, não havia necessidade de ir a campo, já que não se tratava de uma pesquisa em si. Quando fui dizer isso ao Edison, ele me alertou que já havia combinado a reunião com o Seu Gilberto, e que a pontualidade e o cumprimento da palavra era uma das coisas que o ex-Grão Mestre mais prezava, sugerindo que caso nós faltássemos, poderia soar como indelicado. Então, manteve-se acordado o encontro, cujo local era nada mais nada menos do à própria sede da Maçonaria canguçuense, a Cinquentenária, Benemérita, Augusta e Respeitável Loja Simbólica José Bonifácio nº 55. Imagino que dê para deslumbrar a minha satisfação e responsabilidade em ser introduzido ao meu delicado objeto de pesquisa por um dos membros mais influentes da Maçonaria sul-rio-grandense e justamente no restrito local de ambientação maçônica. Antes de prosseguir, só um adendo: Nós combinamos esse encontro com cerca de três semanas de antecedência – o Edison disse que ligou para o Seu Gilberto, deixou acordado o encontro e depois nunca mais tocou no assunto -, então eu fiquei refletindo se não precisava confirmar novamente alguns dias antes, já que se tratava de uma pesquisa universitária de início de curso, e levando em conta o quão atarefado é o Seu Gilberto Mussi, questionei o Edison sobre, e a resposta foi: “Capaz, uma vez marcado com ele, não precisa nunca mais tocar no assunto. Podíamos marcar com um ano de antecedência que ele não iria esquecer. E quer ver como ele ainda vai chegar lá primeiro que nós?” No dia do encontro, combinei de ir até a casa do Edison para irmos juntos até a Loja (não queria chegar lá e correr o risco de não ser devidamente apresentado ao Grão-Mestre). Lembro que chegamos alguns minutos atrasados e lá já estava o Seu Gilberto nos esperando. Cumprimentou-me de forma específica (acredito que é um cumprimento ritualístico a um não-maçom prestes a entrar na Loja). E logo abriu a Loja para nós. Primeiro, eles me mostraram os cômodos da mesma – que logo na entrada tem um espaço para recepção, bem no meio de um corredor, à sua direita o corredor culmina no hall/ “sala de espera”, que por sua vez está anexo a outras três salas: o museu, a sala privada (onde os Irmãos se organizam para os eventos) e o Templo; à esquerda do corredor há um banheiro e mais adiante é o salão de festas, onde ocorrem às confraternizações pós-cerimônias, junto dele ainda está à cozinha. Depois, o Edison perguntou para o Seu Gilberto qual

o melhor local para que fizéssemos a “entrevista”, e ele respondeu: “acho que podemos fazer no Templo, né? Para que o menino possa conhecer melhor a Loja” O Edison, então, sorriu para mim e fomos para o Templo. Foi inegável reparar na estrutura e ambiente magníficos. Passamos lá a tarde inteira proseando e trocando ideias, transformando o trabalho no máximo em uma entrevista informal – eles achavam que seria algo bem mais convencional e gostaram da forma em que a etnografia foi construída. Não é a toa que ele é considerado a “enciclopédia da Maçonaria” não só em Canguçu, mas em todo o estado. E o que mais impressiona - como ficou evidente acima - é a sua seriedade e dedicação com trata qualquer atividade que envolva a Ordem, devo ressaltar que, como antropólogo e pesquisador, me senti muito valorizado. Isso justifica um pouco o prestígio que o ex-Grão Mestre do estado tem dentro da Irmandade.



(Conversa minha com o Sr. Gilberto Mussi.) Foto: Edison Coelho.



(Edison e Gilberto.) Foto: Edison Coelho.

O segundo contato veio já no semestre seguinte, quando a embrionária ideia de fazer o TCC na Maçonaria de Canguçu começou a tomar forma. Foi na disciplina de “Família e Parentesco”, onde desenvolvi um trabalho, inclusive muito útil a monografia final, sobre a relação de Parentesco dentro da Maçonaria. Para isso, dentre outras coisa, acompanhei a Ordem DeMolay de Canguçu – um grupo de jovens de 12 a 21 anos, conectado à Maçonaria, e introduzido aos seus preceitos e práticas morais (no capítulo seguinte, abordarei mais sobre). Novamente ancorado pelo meu interlocutor Edison Coelho (um dos maçons responsáveis pelos DeMolays e que ajudou a instituir essa Ordem em Canguçu, no ano de 2015), participei de cerimônias e confraternizações com eles. O que impressiona é a semelhança com os ritos públicos da Maçonaria.

Possivelmente o mais importante nesse processo todo foi quando eu pude finalmente acompanhar uma cerimônia da Loja, destinada ao público em geral⁴. Foi num evento semestral de meio do ano em alusão ao aniversário de

⁴ A cerimônia traz consigo a alcunha de Sessão Magma Pública, e ela não deixa de ser, no entanto, segundo o que me contaram na Loja, não é de bom grado alguém aleatoriamente ir, apenas interessado em saciar sua curiosidade – embora eles não impeçam isso. Mas normalmente ocorrem convites ou a pessoa

Canguçu (depois, participei mais uma vez desse evento e também fui a outro, no final do ano).

Atendo-me ao cerimonial, portanto: ao chegar à Loja todos devem assinar uma ata de presença e se dirigir ao hall, ali conversas são trocadas e palavras de acolhimento são feitos – nas primeiras vezes me senti como um “peixe fora d’água”, mas logo fui me ambientando, aliás, muitos conhecidos meus (alguns maçons e outros visitantes) frequentam o local (fato que dá indícios de uma relação estreita da Maçonaria com a população canguçuense), e passado o constrangimento inicial de nos esbarrarmos num ambiente que aparentemente ambos consideravam pouco provável, foi importante no meu processo de aclimação. Os primeiros a entrarem, ordeiramente, são os maçons da Loja José Bonifácio nº 55, depois são chamados o maçons de outras Lojas convidados (nem todas as cerimônias que fui tinham maçons de outros lugares convidados) e, por fim, os visitantes, sendo que normalmente, na maioria das Lojas, os homens são dirigidos para o lado esquerdo, na Coluna do 1º Vigilante e as mulheres vão para o lado direito, junto à Coluna do 2º, no entanto, em Canguçu isso nem sempre acontece - presenciei duas cerimônias em que essa conduta foi seguida (sendo uma DeMolay) e outras duas que os visitantes podiam sentar-se em qualquer uma das Colunas.

Durante a sessão acontecem muitas solenidades ritualizadas. Aliás, quase tudo é feito ritualisticamente, desde o caminhar, a forma de se portar diante das autoridades, a maneira de empunhar as espadas e as bandeiras, até as palmas ritualizadas após a conclusão de determinadas atividades. A espacialidade e a disposição dos maçons no Templo também indicam seu grau e seu cargo dentro da Loja, assim como sua respectiva vestimenta (cada um usa um avental e demais utensílios, como colar, punho, etc.) e sua incumbência no ritual. Como um dos objetivos centrais da Maçonaria também é transmitir e adquirir conhecimento, em todas as cerimônias abertas há um convidado para apresentar um trabalho sobre determinado assunto, nas três vezes em que fui às apresentações variaram da história da Maçonaria em Canguçu, explanada pelo próprio Gilberto Mussi; da história da cultura dos pomeranos canguçuense, contado por um Irmão da Loja descendente da

interessada em participar avisa previamente um maçom, no meu caso, fui convidado pelo Edison a acompanhar.

Pomerânia e dedicado ao estudo do seu povo de origem; até a própria história do nosso município, narrada por uma historiadora da ACANDHIS⁵. Em meio aos comes e bebes e uma longa conversa com o antigo Venerável Mestre da Loja após a última cerimônia que presenciei, fui convidado a apresentar meu trabalho na Loja, a princípio poderia ser aos DeMolays, mas ele reiterou que se eu me sentir confortável, posso sugerir aos Irmãos uma exposição deste trabalho também durante uma Sessão Magma, conforme os casos recém citados anteriormente.



(Cerimônia pública da Loja José Bonifácio nº 55.) Foto: Canguçu em Foco.

⁵ Academia Canguçuense de História.



(Cerimônia pública da Loja José Bonifácio nº 55.) Foto: Canguçu em Foco.



(Apresentação do trabalho de um dos Irmãos sobre a imigração Pomerana em Canguçu. Detalhe para minha aparição, ao fundo, na primeira imagem.) Foto: Edison Coelho.

Sobre as cerimônias públicas, chamadas de Sessões Magnas Públicas (ou Sessões Brancas), alguns importantes maçons ponderam sua especificidade e necessidade de diferenciamento às cerimônias internas:

Para o sucesso da atividade são imprescindíveis: Pontualidade, Objetividade, Participação e Conteúdo. A reunião deve

começar na hora marcada e nunca ultrapassar duas horas de duração. Os trabalhos devem ser focados no tema da reunião; se for comemoração do Dia das Mães, nada de entregar comendas para autoridades e Irmãos.

De as Rosas vermelhas e brancas às mães, cunhadas e visitantes, e só!! Para dar Diplomas e Comendas dê outro dia!

Todos os Irmãos do Quadro deverão ter alguma fala ou “movimento”, nada de centralizar o cerimonial nas mãos de meia dúzia. Montar um enredo para a Sessão que tenha a entrada da Bandeira Nacional, explicações sucintas sobre o que venha a ser a Maçonaria. (FORATO, 2018)

E descrevem como deve ser feita (também atentam para sua nomenclatura, que para o autor, muitas vezes é utilizada de forma preconceituosa):

[...] Essa última, admitindo a presença de não-maçons, tem uma ritualística própria que está descrita abaixo, juntamente com alguns esclarecimentos:

Essa sessão é chamada também de Magna Pública. Muitas Lojas chamam-na de “Sessão Branca” o que é um erro, pois dá a entender que existe uma “Sessão Negra” o que não é verdade.

Essa Sessão deverá ser aberta sempre no Grau de Aprendiz, estando presentes os Irmãos do quadro da Loja e Irmãos visitantes de outras Lojas, se for o caso. A rigor deveria ser aberta ritualisticamente com os membros da Loja e, só depois disso liberar a entradas dos Irmãos visitantes.

Em seguida, após golpe de malhete, advertir a todos que será feita a entrada dos visitantes não-maçons e que todos os sinais maçônicos estão suspensos.

O Mestre de Cerimônias obedecendo os protocolos próprios (espadas, etc), dá entrada do pessoal, orientará e colocará, como é costume em nossas Lojas, as mulheres nos assentos do lado direito de quem entra (Coluna da Beleza – 2º Vigilante) e os homens nos assentos da esquerda (Coluna da Força – 1º Vigilante).

Após isso, caso exista altas autoridades Maçônicas, elas deverão entrar e, em seguida entra a Bandeira Nacional, considerada a maior autoridade. Isso tudo obedecendo os protocolos do Rito praticado.

Após as solenidades, faz-se o inverso, terminando com o encerramento Ritualístico da Sessão. (NETO, 2010)

3.3 Ritual de Iniciação na Maçonaria

Se as cerimônias maçônicas parecem constituir o que, segundo Van Genep (1978) classifica como “rito de margem”, o ritual de iniciação na Ordem pode ser uma espécie de – novamente com base no autor de “Os Ritos de Passagem” – “rito de agregação”, sugerindo um surgimento de uma “nova vida”, agora baseada nos preceitos da nova ordem ritualística ao qual o indivíduo está inserido, no caso, à Ordem maçônica.

Tal como já vimos anteriormente, há normas tácitas e concretas regendo a Maçonaria, isso manifesta uma sucessão de ritos pré-estabelecidos. No entanto, conforme também já vimos, cada Rito (no sentido institucional - Escocês Antigo e Aceito, Yorke, Schoreder, etc.) e até mesmo cada Loja, possuem autonomia para elaborar seus regimentos específicos. Assim, os rituais de iniciação podem variar, de acordo com a Ordem em que estão inseridos.

Segundo o Grão Mestre Gilberto Mussi me relatou, para entrar na Maçonaria é necessário convite (há Lojas que já disponibilizam formulários online para quem quiser se candidatar a novo membro). Posteriormente, a aprovação do postulante à Ordem deve ser unânime entre todos os membros que participam do conselho de aprovação. Os pré-requisitos básicos são: ser maior de idade, ter endereço fixo e renda própria. Caso a pessoa for casada, é necessário concordância da família com a iminente entrada à Ordem. Aqui em Canguçu, como normalmente é nas Lojas pertencentes ao Rito Escocês Antigo e Aceito, é preciso ter fé em Deus. O processo de admissão do novo membro pode levar um longo tempo, conforme relatou Mussi: “o postulante é investigado para saber se sua conduta social e familiar está de acordo com o que a Maçonaria entende como correto. E isso demora. Não adianta nada aparentar ser a pessoa apropriada e se mostrar alguém íntegro, mas agir pessoalmente de maneira contrária e subversiva”. Além disso, ele ainda disse que o candidato deve estar ciente que a experiência não é efêmera, muito pelo contrário, é eterna. É uma troca mútua e necessita ser benévola a ambos. No mais, podemos dizer que a vida do aspirante a Ordem pode ser inteiramente investigada, desde o currículo empregatício e o poderio financeiro até a ficha policial e o círculo de amizades, além, é claro, da já citada conduta ético-social exemplar que o indivíduo deve ter (VEIGA, 2018). Mussi ainda relatou que

houve casos de pessoas que foram convidadas a se retiraram da Ordem por justamente desobedecerem às regras morais da mesma, “não é de bom grado contar com alguém que vara a noite bebendo por aí, de alguém que não respeita seus consanguíneos, que não se interessa por nada. O que uma pessoa assim pode acrescentar a nós?” ponderou Mussi. E completou: “se a pessoa já é membro da Maçonaria, fizemos de tudo para ajudá-la e auxiliá-la nos problemas. Afinal, a Maçonaria se propõe a ser bilateral, recíproca... Infelizmente nem sempre as coisas se resolvem”. Por fim, reiterou que o afastamento do Irmão maçom pode ser temporário: “é dado um tempo a ele, para que repense suas atitudes e evolua como ser humano. Se ele voltar a demonstrar a conduta que o fez ser admitido na Ordem, pode a frequentar a Loja, sim. Por que não?”.

A partir de seu ingresso na Maçonaria, o então principiante deve começar o pacto de silêncio: nenhum assunto conversado ali – que se propõe a ser restrito ao grupo – pode ser levado mundo afora. Essa é uma regra geral. É isso que faz a Maçonaria ser reconhecida por sua discrição. Depois, o principal trabalho de visibilidade notória de um maçom é a filantropia (VEIGA, 2018). A Maçonaria se propõe a ser benéfica para seus integrantes, individualmente; para o grupo coletivamente; e, para a instituição, hediondamente. Mas não para por aí: ela também deve contribuir para uma sociedade melhor, e o trabalho comunitário é um dos mais notórios realizados por ela, não à toa os iniciantes Demolays (ver no próximo capítulo) são responsáveis árdus nessa tarefa, como forma de diálogo e conhecimento da realidade de todas as partes da comunidade em que estão inseridos, além de ser uma ajuda tátil - no caso dos Demolays, que costumam ajudar pessoal e fisicamente, e não apenas financeiramente – e concreta. Todos esses preceitos morais, éticos e sociais devem estar subentendidos pelos novos membros.

Ficando claro como um postulante ou recém-chegado na Maçonaria deve agir, entender e se portar perante a Ordem, vamos ao rito iniciático propriamente dito: a solenidade que assente ou não ao novo membro o título de Aprendiz é regada de práticas ritualísticas. Cada Loja pode ter sua cerimônia como preferir (ou de acordo com o Rito que ela está submetida), mas alguns pontos-chaves são comuns a quase todas as sociedades maçônicas, conforme veremos a seguir. Primeiro, quero dizer que, obviamente,

pessoalmente eu não fiquei sabendo de muita coisa com relação ao ritual de iniciação, por questões morais, o máximo que puderam me contar é que a aprovação do candidato a novo membro se dá através de uma votação, onde alguns membros da Loja votam a admissibilidade dele. Os maçons que são favoráveis a entrada do candidato devem colocar esferas brancas (uma por pessoa) em uma urna; os contrários à admissão colocam esferas pretas (também uma por pessoa) na urna. Para ser aceito na Ordem é necessário estar com apenas bolas brancas, ou seja, o postulante precisa ter aprovação integral.

Para além desse primeiro ritual de admissão, os maçons de Canguçu não me contaram nada. É segredo da Ordem. Evidentemente, fui pesquisar. E segundo o jornalista Bruno Lazaretti (2018) uma das principais versões – em concomitância a outros estudiosos da área – é a seguinte: após ser egresso como novo Irmão da Ordem, o então maçom é levado a outro cômodo para ser aprontado à cerimônia principal – o Primeiro Vigilante ou o Diácono são os responsáveis pela preparação do iniciante. Vendar o novato e deixá-lo com todos os membros do lado esquerdo do corpo descobertos é o primeiro ato, uma “forca” feita por corda é colocada ao redor do seu pescoço, a fim de simbolizar o laço entre o aprendiz e a irmandade. Enquanto isso, no Templo (onde ocorrem as cerimônias oficiais), o Venerável Mestre e o Primeiro e Segundo Vigilantes interpretam um cerimonial introdutório de praxe. Logo, o Diácono ou o Primeiro Vigilante toca três vezes a porta do Templo e traz consigo o aprendiz (sobre os cargos dos maçons: ver final do capítulo corrente). O Segundo Vigilante, então, perpassa a ponta de um compasso no peito do iniciante e emana palavras dizendo que, caso os segredos internos da Ordem seja expostos, a dor física tornar-se-á mental. Adiante, o cerimonial segue com diálogos protocolares entre os maçons, até o momento em que o Primeiro Vigilante leva o principiante a caminhar em sentido horário em torno do altar, fazendo alusão ao movimento de rotação geocentrista (preservando uma tradição longínqua do ritual maçônico). Até aqui praticamente tudo foi confirmado a mim por um integrante da Maçonaria (não pertencente à Loja de

Canguçu) que conversei – o qual eu preservo o nome⁶. O texto de Lazaretti, por sua vez, segue:

Em frente ao altar, o novato se ajoelha com o joelho esquerdo, formando um ângulo reto com o direito. Com a mão esquerda, ele suporta o livro sagrado da Loja (e, em alguns casos, um esquadro e um compasso). Repetindo palavras do Mestre, ele jura não revelar os segredos da ordem, sob a pena de ter a garganta cortada, a língua arrancada pela raiz e o corpo enterrado na maré baixa (...). Os colegas formam um círculo ao redor do candidato, ainda ajoelhado. O Mestre profere palavras de ordem e, em determinado momento do discurso, os membros reunidos batem palmas ou batem o pé direito ruidosamente no chão. Só nesse instante a venda é retirada dos olhos do candidato. O efeito desorientador é uma espécie de “parto” à luz da Maçonaria. (LAZARETTI, 2018)

No fim do cerimonial o Venerável Mestre concede ao – agora oficialmente – Aprendiz os apetrechos do respectivo grau (1°): um avental branco, normalmente acompanhado de um malho e uma regra ou esquadro; além de ter-lhe ensinada as gestualidades específicas de sua gradualidade. Está feito o ritual de iniciação maçônico, segundo LAZARETTI (2018).

3.4 Sobre os segredos da Ordem

Pantano Filho (2001) descreve algumas especificidades discretas intrínsecas a ordem ritualística maçônica:

Os membros da fraternidade tratam-se por Irmãos, reconhecem-se por sinais, toques e palavras que mantêm restritos aos iniciados. Não obstante o juramento de manter toda ritualística em segredo, hoje esses tais “segredos” da Ordem são conhecidos e publicados em círculos mais amplos, fora da instituição, no mundo profano como dizem os maçons. (PANTANO FILHO, 2001, p. 139)

Sobre os segredos dentro da sociedade maçônica:

⁶ Como meus interlocutores principais e demais integrantes da Loja maçônica de Canguçu não podiam me contar sobre o ritual de iniciação, a fim de entendê-lo e desvendá-lo, fui pesquisar sobre. Existem várias teorias, algumas nitidamente “mitológicas”, outras aparentemente mais “sãs”. Não convencido da maioria das teorias encontradas, conversei com um amigo maçom de uma cidade vizinha sobre. Apresentei-lhe a instigante teoria que encontrei no artigo de Lazaretti (2018) (e outros), ele, esquivando-se, confirmou que boa parte do que ali constava estava correto, principalmente o início da descrição. A partir do momento em que a narração cerimonial fica mais detalhada, ele ponderou que não podia falar sobre. No mais, pediu para que eu preservasse sua identidade.

A finalidade básica do segredo é proteger tanto a sociedade maçônica como o grupo de pessoas e as ideias que a compõem; todavia, ele extrapola esse objetivo, passando a se constituir, psicologicamente, em uma ferramenta de união entre seus membros uma vez que os isola e, mais ainda, os diferencia do restante dos homens. O segredo se constitui em um elemento de fortalecimento interno, desenvolvendo o espírito de coletividade. (VIEIRA, 2001 apud PANTANO FILHO, 2001, p. 139)

De acordo com Figueiredo (1990), autor do “Dicionário de Maçonaria”, a aurora do segredo na Ordem tem a ver com perseguição que a mesma sofria logo após sua origem, na Idade Média⁷, que a fizera perder muito de seus membros e líderes. A partir de então, ficou estabelecido que sempre que um novo membro fosse entrar na ordem, precisava prestar votos de confiabilidade e confiança (FIGUEIREDO, 1990; FILARDO, 2012).

Desta forma, o segredo se tornou algo intrínseco à Ordem, sendo parte importante da Maçonaria como instituição discreta e mística. Podemos dizer que é um dos responsáveis pelas teorias conspiratórias acerca do ritual maçônico, mas também pode ser considerado um propulsor do respeito que a sua misticidade proporciona, garantindo a Maçonaria uma categórica e subtendida obediência e um distanciamento social, essências para o prestígio da mesma. Assim, considero o segredo a parte final do ritual maçônico na constituição de sua ordem hermética e enigmática.

⁷ As perseguições à Maçonaria surgiram na Holanda, em 1735, com a preocupação dos Estados com a crescente onda de maçons no país e em toda a Europa, que surgira nas corporações de ofício da Idade Média e emergia a vários níveis da sociedade, declarando-se uma fraternidade que visava levar conhecimento e ascensão social de seus praticantes, no entanto, os governos incrédulos que os principais objetos desse grupo fossem arquitetônicos e fraternais, começaram a estudar formas de reprimi-los. Primeiramente, mesmo cientes de que não nenhuma especulação pejorativa sobre a Ordem maçônica havia sido provada, as autoridades governamentais preferiram dar mandado para abolir as reuniões dos maçons na Holanda - posteriormente, outros países aderiram à mesma ação do governo holandês (PATON, Chalmers, 1707 apud FILARDO, José, 2012). A Igreja Católica, também já vinha preocupada com a “ameaça maçônica” há algum tempo, portanto, para não ter sua hegemonia abalada, passou a perseguir a Maçonaria, o Papa Clemente XII inclusive lançou uma bula em repúdio a “transgressores” e “hereges” que ameaçavam as diretrizes do mundo na época (CLEMENTE, Bispo, 1738, apud BURITY, Renato, 2012). Depois, com a Revolução Francesa, mais perseguições... E quanto mais perseguições, mais resistência e identidade eram estabelecidas pela Irmandade maçônica, que assim se tornava cada vez mais “secreta” e coberta de segredos (FILARDO, José, 2012).

4 O valor da família dentro da Maçonaria

É sabido por boa parte das pessoas que o conceito de família é a base que sustenta as sociedades discretas. A Maçonaria, principalmente, tem na família o seu alicerce moral e ético. No Brasil, é cultural classificar a família não somente como uma instituição social de caráter individual, mas sim como um valor que institucionaliza e fundamentaliza a vida social. Sendo esta considerada uma rede de relações. Como bem caracterizou Roberto Da Matta em seu texto “A família como valor: Considerações não-familiares sobre a família brasileira”. Ou seja, o conceito de família não concerne apenas às relações com os “familiares de casa” ou parentescos de sangue. Um grupo de amigos, colegas de trabalhos, membros de uma equipe, políticos, componentes de um mesmo clã que vislumbram um determinado objetivo ou estilo de vida – neste se encaixa a Maçonaria -, e por aí se vai... Todas essas denominações que dizem respeito a um determinado grupo de pessoas que convivem em sociedade pode ter conotações familiares. Quem nunca se deparou com alguém chamando - ou se viu na situação de chamar alguém – outra pessoa, que não seu familiar de sangue, de irmão, irmã, tio, tia, “vô”, “vó”? Seja ele ou ela um amigo, colega, companheiro, parente de alguém próximo ou até mesmo desconhecido - no caso do/a tio/a. Ou disse em alto e bom som “Isso me é familiar!”. Ora, tudo o que consideramos próximo ou temos certo afeto lembramos familiaridade. E conseqüentemente conceitos de família são postos. Existe também o caso desta expressão classificar traços de personalidade de uma pessoa, até mesmo consignando alguém como “do bem” ou “do mal”; “de serventia” ou “sem serventia”. “Fulano vem de família boa”. “Cicrano é um pai de família”. “Beltrana é moça de família”. “Não ande com ele, filho/a, não conhecemos sua família” – esta última serve também caso a pessoa se relacione com grupos nos quais seus pais não conheçam. Isto quer dizer que o indivíduo é julgado através de suas relações familiares. Não importando necessariamente quem ele venha a ser como cidadão.

Além de toda conceituação a cerca do termo família, que se emprega das mais variadas formas e nas mais variadas ocasiões – como visto anteriormente -, este também pode designar e estabelecer funções sociais previamente estabelecidas. Da Matta (2000) disse:

Uma pessoa que ‘vem’ de uma ‘família sem pai’ permite definir uma linha dramática precisa; do mesmo modo, quem faz parte de uma família sem ‘eira nem beira’ encontra dificuldades ao realizar certas coisas em determinados ambientes, no caso brasileiro. É curioso observar que tomamos o ‘legal’ e a lei como um valor (daí o adjetivo legal para exprimir o certo, o positivo e o bom: aquilo que é realizado de acordo com as boas normas de sociabilidade e de moralidade) da mesma forma que tomamos a ‘família’ para exprimir um dado empírico e um modo de ser, bem como um valor e até mesmo a condição de existência. Quem não tem família já desperta pena antes de começar o entrecabo dramático; e que renega sua família tem, de saída, a nossa mais franca antipatia. (DA MATTA, 2000)

Tudo isso pode ser mais bem observado em cidades pequenas, vide Canguçu – onde nasci, me criei e hoje resido. Aqui, é fundamental para vislumbrar um alto cargo empregatício ou ter um status social elevado ser de uma família tradicional da cidade, ou, ao menos, pertencer a um grupo familiar reconhecidamente “do bem”. Quando voltamos nosso foco para o objeto de pesquisa em questão - a Maçonaria -, isso fica ainda mais evidente. Para o indivíduo ser recrutado à sociedade discreta ele deve possuir conceitos e valores básicos da família. E um dos motivos para ele ser “expulso” – na verdade há um “convite” para este retirar-se – é não respeitar os mesmos conceitos e valores familiares, ou seja, se este integrante da Loja (como é chamada a sede maçônica) trair a esposa, ser visto “na noite” da cidade, beber em demasia, não partilhar de bons costumes para com seu próximo, etc. ele será “excomungado” da mesma. É importante lembrar que não existe um ex-maçom, uma vez integrante da Maçonaria, será sempre parte da mesma. Apenas não estará autorizado a frequentar a Loja e participar dos ritos. Eu, particularmente, entendo isso como uma maneira de fazer com que os ex-integrantes não propalem assuntos de ordem secreta – se bem que o maçom só vai tomando conhecimento de certas ocasiões dentro da sociedade a partir de sua evolução de graus, ora, ninguém com uma índole não condizente aos dogmas maçônicos elevará seu grau ao ponto de ficar por dentro de todos os segredos da Ordem.

A forma familiar de tratamento que existe dentro da Maçonaria está ainda mais evidente quando notamos a maneira na qual os integrantes da mesma chamam-se: Irmãos. É de valia frisar que a relação de irmandade não

se restringe apenas ao ambiente maçônico. É algo para a vida. Quando um “irmão” está em apuros, é obrigação ajudar-lhe. Quando se festeja um acontecimento marcante é comum avistar outros vários integrantes maçônicos na casa de seu “irmão”. Outro fato comumente é visitas de finais de semana entre os mesmos. Uma das ordens da Maçonaria é sempre estreitar e revogar os laços para com seus irmãos. Assim, com a proximidade dos integrantes, há também a proximidade com os familiares destes integrantes. E, por consequência, a aproximação dos familiares de um “irmão” com os familiares do outro. É comumente as mulheres, filhas e filhos de maçons tornarem-se grandes amigos/as. Tanto é que, para os maçons: “a mulher do meu *irmão* é minha *cunhada*”; assim como, “A filha do meu *irmão* é minha *sobrinha*”; e, “o filho do meu *irmão* é meu *sobrinho*”. O mesmo acontece com os não-maçons para com os maçons: “o *irmão* do meu marido é meu *cunhado*”; e, “o *irmão* do meu pai é meu *tio*”. Bem como acontece nas unidades paramaçônicas – que será elucidada nas páginas subsequentes -, onde o integrante Demolay – que geralmente é filho/parente/amigo/conhecido de um maçom – chama de *prima* a integrante das Filhas de Jó – que são filhas de maçons. Além de, um requisito básico e tradicional dentro da Maçonaria, ser o convite para que o primogênito de um maçom possa vir a ser, também, um futuro maçom.

Entretanto, todas as designações familiares vistas nos parágrafos anteriores só fazem sentido porque a Maçonaria é parte da camada elitista da sociedade. Ora, nas classes “adjacentes” da mesma não é possível vermos uma constituição familiar tal quais as explicitadas anteriormente. Segundo Gilberto Freyre, a família está dada de modo patriarcal e, engana-se quem pensa que ele a descrevia apenas de maneira nuclear:

[...] amas de criar, mucamas, irmãos de criação de meninos brancos. Indivíduos cujo lugar na família ficava sendo não o de escravos mas o de pessoas de casa. Espécie de parentes pobres nas famílias europeias. À mesa patriarcal das casas-grandes sentavam-se como se fossem da família numerosos mulatinhos. Crias. Malungos. Moleques de estimação. Alguns saíam de carro com os senhores, acompanhando-os aos passeios como se fossem filhos. (FREYRE, 2005)

Porém, é claro que esta família “democrática” vista de um olhar elitista não se faz presente nos demais seguimentos de uma sociedade. Entre as

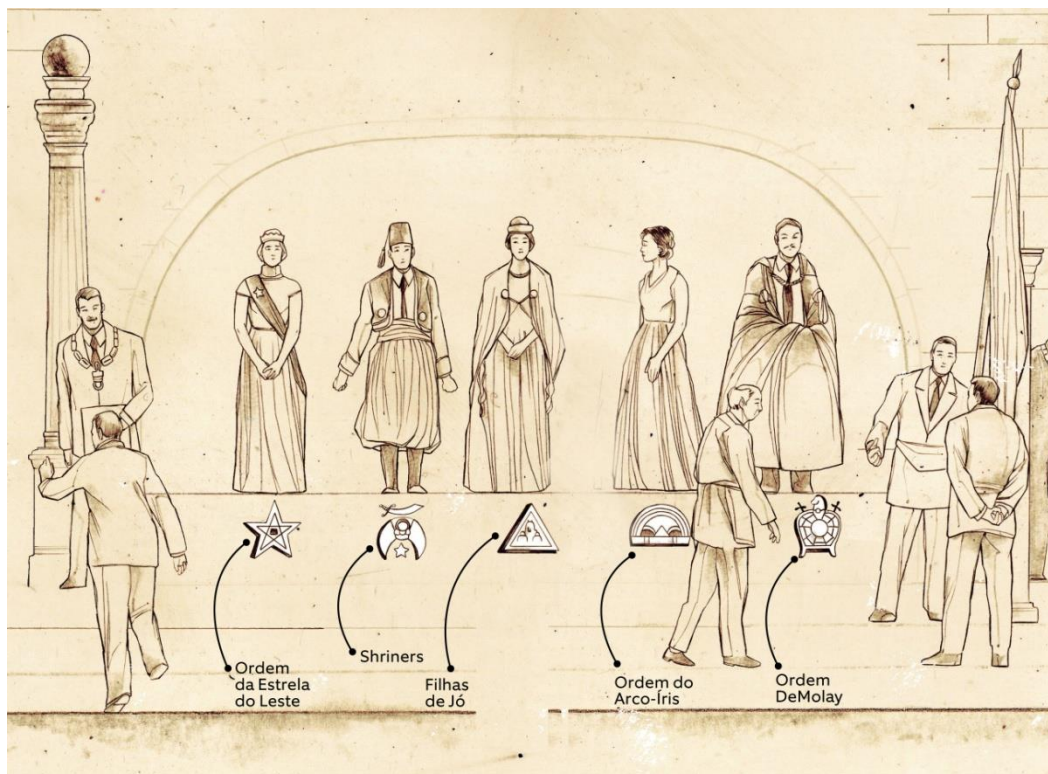
camadas suburbanas, e os próprios escravos é/era completamente improvável um convívio tal qual o de uma família patriarcal burguesa. Devido a isso surgiram diversas teorias que contradizem a tese de Freyre. Porém, Da Matta (2000) traz-nos um agregado de ambas:

Em um certo sentido, muito bem preciso, todos têm razão. Há diversidade, mas há também o poder dos modelos dominantes que fornecem paradigmas sociais fundamentais para toda a população, que pode ou não atualizá-los de modo aberto e concreto. Afirmar que o modelo da sociedade é o da família patriarcal não impede que uma viúva ou uma mulher solteira possam viver patriarcalmente: até mesmo um grupo de mulheres pode atualizar um modo de existência de acordo com um paradigma patriarcal, do mesmo modo que um grupo de homens pode viver matriarcalmente. (DA MATTA, 2000)

Visto isso, cabe a mim ressaltar que independente da discussão em torno da família, de modo geral, possuir ou não uma constituição patriarcal, o campo de pesquisa onde encontro-me é, sem dúvida alguma, constituído de uma família patriarcal – quase tão parecida quanto a descrita por Freyre (2005).

4.1 Entidades Paramaçônicas

Seguindo no embalo do patriarcalismo chegamos a um dos objetos – que representa bem tal denominação - mais interessantes dos quais me deparei durante meu campo: as entidades Paramaçônicas ou apêndices maçônicos. Que, na verdade, não são parte integrante da Maçonaria, mas estão intrinsecamente ligadas. E, cabe a esta última, orientar e auxiliar na trajetória dos primeiros. Existem, conhecidamente, quatro entidades Paramaçônicas, conectadas ao parentesco maçom, que se destacam: a Ordem DeMolay, as Filhas de Jó, a Ordem do Arco-Íris e a Ordem da Estrela do Oriente. Sendo que, apenas as duas últimas dentre estes, não é parte da minha etnografia – pois não existe a Ordem do Arco-Íris em Canguçu e região, tampouco a Ordem da Estrela do Oriente. Muitas mulheres de maçons também podem ser denominadas como parte de uma organização Paramaçônica, visto que se reúnem, muitas vezes, com os mesmo fins das demais entidades citadas anteriormente.



(Órgãos-apêndices/Paramaçonaria.) Ilustração: André Toma.

Acima, a imagem exemplifica alguns dos principais órgãos paramaçônicos, incluindo - além dos já citados Filhas de Jó, Ordem DeMolay, Ordem do Arco-Íris e Ordem da Estrela do Oriente (que também é chamada de Ordem da Estrela do Leste, como mostra a imagem) - os Shriners. Órgão este que por sua vez não está necessariamente intrínseco à família de maçons, visto que não está essencialmente direcionado a integrá-la ao universo da Maçonaria, tal qual os demais costumam fazer. Os Shriners são um grupo oriundo de descendentes árabes dos EUA exclusivo para homens maçons praticarem ações de caridade, com enfoque para cuidar de hospitais infantis... Eles são caracterizados por um objeto de vestimenta específico: um Fez – espécie de chapéu característico do Oriente Médio – na cor vermelha e com um desenho de uma estrela de cinco pontas, representando as crianças ajudadas pela Ordem Shriners (TIME-LIFE LIVROS, 1992).

A Ordem da Estrela do Oriente também é um apêndice filantrópico relacionado à Maçonaria surgida em Mississippi (EUA), que segundo sua constituição própria, visa ajudar o próximo por meio de suas caridades, além de conservar valores importantes para seus membros e sociedade em geral, parece ter uma proximidade importante com a família dos maçons (LAZARETTI, 2018), já que é constituída basicamente por mulheres, no

entanto, diferentemente do propósito inicial de quando surgiu a Ordem, estas mulheres não precisam ser necessariamente consanguíneas de membros da Maçonaria (SANTOS, 2010).

Em sentido parecido a entidade anterior, surgiu a Ordem do Arco-íris, também nos Estados Unidos, que visa inserir no universo maçom mulheres de 10 a 21 anos, sejam elas familiares ou não de homens maçons (FIGUEIREDO, 1990). É uma Ordem que tem funcionamento consideravelmente semelhante à Ordem das Filhas de Jó.

Uma razão comum a todos esses apêndices maçônicos é a exaltação do valor da família, prezando sempre uma boa convivência entre os membros de um lar (MORRIS, 2006), certamente uma forma de evitar qualquer atrito entre visões de mundo dissonantes num ambiente familiar, propensa a manter uma atmosfera harmoniosa e uniforme, sempre com base nos preceitos maçons. Em seguida explanarei um pouco mais acerca das principais entidades Paramaçônicas que tive contato direto por intermédio da Loja José Bonifácio n° 55.

4.1.1 Ordem DeMolay

A começar pela Ordem DeMolay (a qual tive bastante contato com integrantes da mesma), que pode ser caracterizada como uma organização juvenil - segundo eles, a maior do mundo, inclusive -, que convida jovens de 12 a 21 anos a fazerem parte, tal qual eles dizem, da “construção conjunta de uma sociedade mais justa e sensata”. Ela não pode ser considerada parte da Maçonaria – pois esta é restrita a homens adultos -, mas está inteiramente relacionada a ela. Diferentemente da maioria dos outros apêndices, a Ordem DeMolay não é composta por Mestres maçons de nenhuma espécie, recebendo sempre jovens de fora da ordem (LAZARETTI, 2018), mas que, de alguma forma, estão relacionados aos membros da Maçonaria, podendo ser parentes de maçons ou não, porém, normalmente indicados por um Irmão maçom ou um iniciado DeMolay.

Conforme dito pelos integrantes da própria entidade, os DeMolays são uma Ordem de fins filantrópicos e filosóficos que buscam o aprimoramento e o crescimento espiritual, intelectual, emocional, humanitário e altruísta dos seus integrantes. Ou seja, assim como a Maçonaria, é de sua intenção uma busca

de crescimento individual que beneficia o coletivo. “Através da união e do cooperativismo os jovens tendem a serem adultos de responsabilidade e seres humanos melhores.” foram as palavras do maçom e meu interlocutor, Edison Coelho. Protocolarmente, o que o Primeiro Diácono da Ordem diz aos neófitos diz muito sobre os preceitos DeMolays:

O grande objetivo de nossa Ordem é ensinar e praticar as virtudes que nos levam a uma vida pura, reta, patriótica e reverente, como a melhor preparação para a maioria da qual nos aproximamos. Nós procuramos, sinceramente, ser melhores filhos, melhores irmãos e melhores amigos, para que, ao chegarmos aos anos da maioridade, possamos ser melhores homens. (Palavras do Primeiro Diácono DeMolay de Canguçu em Cerimônia da Ordem)

A Ordem DeMolay Foi fundada em 18 de Março de 1919, na cidade de Kansas, nos Estados Unidos, pelo maçom Frank Sherman Land, que tinha na criação dessa sociedade discreta o intuito de formar adultos líderes e bons cidadãos (ASLAN, 1997). Também são chamados de Cavaleiros DeMolays, em alusão a antiga organização dos Cavaleiros Templários. Os DeMolays reiteram que, apesar de muitos os relacionarem diretamente com a Maçonaria, insinuando que são uma entidade maçônica juvenil, o intuito da mesma não é esse, ela é apenas unificada e dirigida por maçons, mas independente na sua estrutura e em suas normas, sendo organizada, inicialmente, pelo Supremo Conselho Internacional DeMolay (DeMolay International, 2018).

O papel da Maçonaria é basicamente auxiliar os jovens, seja eticamente, passando-lhes princípios de boa conduta aprendidos na Ordem maçônica, ou financeiramente, patrocinando e ajudando a manter a entidade. Também fica a cargo da Maçonaria ceder os espaços para as reuniões dos Capítulos DeMolays⁸ e a assistência nas ações filantrópicas dessa sociedade (LEITE, 2018). Assim, protocolarmente,

O Edison é um dos responsáveis pelo sucesso da Ordem DeMolay em Canguçu. Que surgira há poucos anos, mais precisamente em maio de 2015. Juntamente com o com outro membro da Maçonaria, ele é o responsável por “nortear” os iniciados DeMolays. Eles reúnem-se quase que semanalmente – geralmente aos sábados. Além das reuniões semanais, ocorrem iniciativas

⁸ Chama-se de Capítulos DeMolays o local e a estrutura onde eles se organizam para suas reuniões e rituais.

filantrópicas que podem ser realizadas sem um dia específico, porém, predomina - como dito anteriormente - ações realizadas aos sábados. Dentre estas estão: campanhas de conscientização, doações de alimentos e agasalhos, visitas a entidades carentes, e até mesmo “colocar a mão na massa” quando é preciso, como pude observar quando os meninos ajudaram na construção de uma área coberta na APAE canguçuense.

Entre os requisitos para fazer parte da Ordem DeMolay está, primeiramente, a vinculação familiar com um maçom. Caso não forem parentes de sangue, é muito provável que sejam amigos ou conhecidos. Para fazer parte da Ordem é necessário que haja convite por parte de um integrante da Maçonaria. Outro aspecto importante e que nos remete novamente ao *valor da família dentro da Maçonaria* é que para o jovem ser aceito é necessário que o mesmo venha de uma “família de bem”. Ou seja, há uma “pesquisa” com relação à origem do possível iniciado DeMolay. Ora, não serão recrutados aqueles que pouco ou nada agregarão a sociedade discreta. Sendo assim, na maioria dos casos, os pais ou familiares já estão interligados de alguma forma com a Maçonaria (ou são socialmente influentes na sociedade local).

As cerimônias privadas ocorrem, geralmente, a cada 7 ou 15 dias na Loja José Bonifácio, nº 55. De dois em dois meses ocorrem às cerimônias públicas – Na Maçonaria a ocorrência é anual. Fiz-me presente na primeira cerimônia pública DeMolay canguçuense (a Cerimônia das Luzes), que ocorreu no sábado do dia 7 de novembro de 2015. Era um evento em homenagem a Frank Sherman “Dad” Land, o idealizador da Ordem DeMolay. Nesta ocasião, também se fizeram presente as Filhas de Jó da cidade de Pelotas – em Canguçu ainda não há essa Ordem. Foi a primeira vez que elas participaram de uma cerimônia em nossa cidade e a segunda de uma cerimônia DeMolay.

Durante a cerimônia pude observar ações ritualísticas das mais diversas possíveis. Também é notável uma hierarquização entre os jovens. Cada um possui um cargo e postura diferente diante da apresentação do capítulo - é deste modo que eles chamam a cerimônia. Há de se pontuar algumas circunstâncias e considerações importantes: fui tratado forma extremamente gentil e atenciosa por parte de todos, não sei se por eu ter me identificado como um pesquisador, ou por ser intermediado pelo Edison – que é uma das figuras mais importantes dentro da Ordem e uma espécie e exemplo para os

iniciados DeMolays – ou se eles naturalmente são gentis (afinal, a boa conduta é uma das bases que conduzem essa organização -, eu realmente não sei, porém, é vero que não posso me queixar de modo algum com relação à forma que fui tratado, tendo sido inclusive convidado a participar da confraternização que tradicionalmente ocorre após as cerimônias – e que são organizadas pelas esposas dos maçons; Os lugares destinados ao público visitante estavam integralmente ocupados, porém, a grande maioria era de mães e familiares dos iniciados na Ordem; Há, no centro do local onde ocorrem as cerimônias, uma Bíblia cristã e 7 velas a serem acendidas – quem as acendeu foi 1º Diácono. Detalhe para que este jovem foi o único, durante toda a Cerimônia, que não falou sequer uma palavra, seja na hora da prece, do hino, dos rituais, do acolhimento ou do agradecimento. Indagado de o porquê, disse-me que não podia responder; 4 DeMolays ficaram a frente do altar, e eram esses que regiam a Cerimônia juntamente do Mestre Conselheiro – principal integrante da Ordem -, que ficava junto de dois maçons – Edison e o Grão-Mestre - no altar; O ápice da Cerimônia foi a narração de um DeMolay sobre o significado das 7 velas, que representavam, respectivamente, amor entre pais e filhos, referência ao sagrado, cortesia, companheirismo (vela central), fidelidade, pureza e patriotismo. Ou seja, as velas possuem a representação do que é ser um DeMolay; Todos os passos dados pelos jovens durante a cerimônia eram ritualizados, seja na hora de acender ou apagar a vela, ler a bíblia ou carregar a bandeira para entoar o hino nacional, antes, após e durante o que ocorria... Os passos e as expressões sempre atendiam a um ritual sincrônico, até mesmo as palmas; As Filhas de Jó permaneceram o tempo inteiro ao lado esquerdo do altar e só manifestarem-se após o encerramento da cerimônia, que por sinal foi acompanhado de muitas condolências e emoções. As “primas” (Filha de Jó) foram homenageadas e a Honrável Rainha – principal integrante da Ordem – recebeu um ramo de flores do Mestre Conselheiro. Quando as palavras foram abertas ao público, muitas mães falaram de forma emocionada – sendo que uma delas chorou copiosamente - a respeito da iniciação de seus filhos na entidade Paramaçônica. Muitas felizes que seus filhos estavam garantindo um futuro próspero; Dentre outras inúmeras informações colhidas durante essa observação, considero essas as mais importantes.

Aproveito a deixa para contar uma experiência pessoal que tive com um menino DeMolay e que pode dizer muito sobre os princípios dessa sociedade. Então... Numa das minhas viagens de volta de Pelotas à Canguçu no início de noite de uma sexta-feira, embarquei eu, acompanhado da minha namorada, no sempre lotados ônibus das 18hrs, já abarrotado de gente, sem um mísero lugar para sentarmos. Era o final de uma semana cansativa, mas uma hora em pé no ônibus – como diz o ditado popular - não nos tiraria pedaço algum, inclusive nessas ocasiões sempre procuro ceder meu espaço para alguém que possa estar precisando mais do descanso que eu, mas ok, até aí tudo bem... Eis que levanta uma pessoa de um dos assentos, deixando um banco sobrando, então, o menino que estava em pé ao lado desse assento, se dirige até eu e minha namorada e pergunta se um dia nós dois queríamos sentar. Uma ação louvável, não? Pois bem, dois aspectos interessantes me fizeram refletir. Primeiro, ele perguntou se ela queria sentar, mostrando uma espécie de cavalheirismo, com sua negativa, perguntou a mim, obviamente, o deixamos sentar. Eu ainda dizia para ela: “difícil encontrarmos meninos assim”. O segundo ponto, e que completamente não só o primeiro, mas toda a sua atitude: no dia seguinte, na primeira cerimônia DeMolay que participei, lá estava ele, com o traje típico da Ordem e inclusive tendo papel de destaque no ritual, anunciando os preceitos da mesma no principal ritual da cerimônia. Sim, ele era o menino que narrou o significado das 7 velas.

Quando relatei o acontecimento acima aos meus interlocutores, eles falaram exatamente à impressão que esse episódio tinha me deixado. Que a ação do menino retrata o êxito do objetivo central da Ordem: justamente formar cidadãos conscientes, com bons costumes (esse exemplo do menino é exatamente o que eles pré-definem como “bons costumes”) e que possam contribuir para a sociedade.

Os jovens iniciados na Ordem DeMolay - mesmo os maçons reiterando sempre que a Ordem não é parte da Maçonaria - vislumbram muitas vezes tornarem-se maçons e integrantes da sociedade discreta mais influente no mundo. Isso é unânime e indissociável, visto a maneira intrínseca que ambas as entidades estão postas. Inclusive pude testemunhar esse anseio de boa parte dos DeMolays nas conversas que tive com eles.

É importante ressaltar que o tratamento de um integrante da Ordem DeMolay para com um maçom possui conotações que remetem a família. No caso, todo maçom é seu tio. E todo maçom tem como sobrinho os DeMolays. O mesmo serve para as meninas da Ordem Filhas de Jó, que também chamam os maçons de tios e, os Demolays de primos - no contrário, acontece o mesmo. Reforçando ainda mais a relação de familiaridade que esses órgãos apêndices à Maçonaria possuem para com a entidade maçônica.

4.1.2 Filhas de Jó

É uma sociedade discreta fundada por Ethel Mick, antiga participante da Ordem da Estrela do Oriente, e, baseada nos preceitos do Livro de Jó (muito lido por sua mãe), inspirou para fundar essa entidade no dia 20 de Outubro de 1920. O lema da mesma, elaborado por Mick, é: “Virtude é uma qualidade que enobrece a mulher”. É uma Ordem direcionada a mulheres de 10 a 20 anos, abarcando em sua maioria, filhas e parentes de maçons.

Apesar de estar fortemente associada à Maçonaria, possui seus próprios Landmarks, elaborados por sua fundadora. Alguns deles são: Associação composta por meninas em desenvolvimento, que acreditam em Deus; O local de reunião ser chamado Bethel; Ensinaamentos baseados no “Livro de Jó”; Ser ensinado em três épocas (não graus); Os emblemas serem o Livro Aberto, a Cornucópia da Fartura e o Lírio do Vale; etc. (GRANDE ORIENTE DO BRASIL, 2018).

As Filhas de Jó, assim como as esposas dos maçons, ao que pude perceber sugere ser uma instituição fundada - além do objetivo de integração – como uma forma de enlaçar familiares mulheres, e que, portanto não poderão fazer parte da Maçonaria, à sua filosofia de vida, bem como estreitar laços familiares com suas filhas e esposas, fazendo a família inteira partilhar de costumes ideários em comum.

O termo “Filhas de Jó” originou-se devido às filhas do personagem bíblico Jó – Kézia, que significa fé, Jemima, exprimindo a pureza, e Keren-Happuck, representando o triunfo da fé -, que segundo a Bíblia são as “mulheres mais justas de toda a terra”. Os ensinamentos bíblicos de Jó, tendo como virtudes principais a paciência e a sabedoria para saber lidar com as adversidades é seu principal mandamento (NATANAEL, 2008).

Assim como a Ordem DeMolay, ela possui caráter filantrópico e filosófico, além de fraternal. E sua principal significação, segundo palavras de Cecília Voloski – Honorável Rainha da Ordem pelotense e que veio a tornar-se uma querida amiga – é transformar-se numa cidadã melhor. Como conta: “Ser Filha de Jó é representar os ensinamento que a ordem nos proporciona, trabalhando para que nos tornemos pessoas mais justas, é ser útil positivamente na sociedade”. Para fazer parte da Ordem é necessário ser filha de um maçom – disseram-me que esta regra está para ser mudada, não restringindo as meninas apenas ao parentesco paternal – e possuir idade entre 10 e 20 anos. “Assim que uma menina completa 20 anos, ela ganha uma cerimônia de despedida como uma filha ativa, e trabalha mais por fora, ajuda em jantas, cerimônias, mas não possui mais o cargo e assim não pode mais usar o robe (vestimenta)”.

Suas reuniões e cerimônias internas ocorrem quinzenalmente na Loja Maçônica Ciência e Virtude, nº 968 (Pelotas). Elas são restritas apenas para maçons e parentes de primeiro grau maiores de 21 anos. E deve haver no mínimo 10 cerimônias ritualísticas durante um semestre. Diferentemente das unidades Paramaçônicas, na Maçonaria, os rituais são restritos apenas aos integrantes da mesma. Ou seja, as Filhas de Jó, os DeMolays e as esposas dos maçons não podem participar de uma cerimônia da sociedade discreta, restringindo-se apenas a sua Ordem. Porém, há exceções. Minha interlocutora contou-me que em Recife (onde residia), uma vez ao mês havia uma sessão aberta a toda família do maçom.

A filantropia acaba se tornando o principal afazer entre as Filhas de Jó. Confecciona-se fraldas para crianças pobres, assim como outros tipos de artesanatos, e, ao final de cada mês, sempre realiza-se um ato maior, como visitação a uma comunidade carente, abrigo de animais, asilo, etc. Muitas dessas filantropias são feitas em conjunto com os DeMolays. Como em Canguçu não há a Ordem das Filhas de Jó, os meninos vão para Pelotas ou vice-versa. “O importante é fazer o bem, seja em conjunto com os DeMolays canguçuense, pelotenses ou entre nós mesmo” disse Larissa Magalhães, integrante da Ordem.

Por fim, Cecília ainda nos explica as denominações dos cargos existentes dentro da Ordem:

Temos 19 cargos: Musicista, que cuida sempre da parte musical das cerimônias; a Guarda Interna e a Guarda Externa que cuidam das portas, quando elas devem estar fechadas, ou não; Temos 5 Mensageiras, que contam a historia bíblica de Jó; a 1º e 2º Zeladoras, que cuidam dos paramentos no templo e a arrumação; a Bibliotecária, que sempre leva algum texto sobre assuntos variados para conversarmos; a Secretária, que faz a ata de cada reunião; a Tesoureira, que cuida do caixa; a Capelã, que cuida das orações durante a reunião; a Dirigente de Cerimônias, é a responsável pela bandeira nacional; a Guia, que é a responsável pela bandeira do Bethel; a 1º e 2º princesas, que contam duas das três fases da vida de Jó; e a Honorável Rainha, que é a líder do grupo, faz cerimônias, programa calendário, filantropias, conduz a reunião e conta a terceira fase da vida de Jó.

4.2 Mulheres e a Maçonaria

Os maçons me contaram que em Canguçu não há Maçonaria feminina, No entanto, elas estão sempre presentes e sendo um “suporte emocional” para os homens, as mulheres possuem afazeres bastante árduos na Maçonaria – apesar de isso ficar apenas subentendido. É óbvio que nada do que está relacionado à ordem ritualística fica ao alcance delas, porém, boa parte das coisas que acontecem “por trás” do que é “mostrado” é obra das esposas/noivas dos maçons. Além de ser o alicerce destes em casa, é também delas o dever de organizar algumas coisas que, para eles, necessitam de um olhar feminino, como a decoração de algum evento fora da Maçonaria, à confecção de objetos que serão usados para fins filantrópicos ou educativos, etc. Reiterando assim uma “tradição” que perdura séculos dentro da sociedade discreta.

Assim como disse com relação às Filhas de Jó, as mulheres de maçons, a meu ver, possuem certas tarefas ligadas a Maçonaria com o simples intuito de não rompimento do laço fraterno existente entre ela e seu cônjuge. É de interesse deles “prendê-las” de alguma forma – visto o vácuo que existiria no casamento caso a mesma não se interessasse pelas ocupações do marido. Suas funções não influenciam em praticamente nada dentro da Maçonaria e as pouquíssimas reuniões que fazem podem contar com a presença de maçons. Além disso, semestralmente são organizados chás para as esposas, onde elas organizam tudo e os homens ainda comparecem. Não bastasse, em alguns

lugares, enquanto eles viajam a compromisso da Maçonaria, elas ganham passagens para Spa luxuosos. Cabe ressaltar que não são todas as mulheres que participam.

Há, em alguns locais, como em Pelotas, que existe a FRAFEM (Fraternidade Feminina), onde as esposas de maçons reúnem-se e assim, como as demais entidades Paramaçônicas, realizam ações de filantropia.

Como sabemos, a Maçonaria regular é uma sociedade discreta composta exclusivamente por homens. Esposas, filhos e filhas não participam, em hipótese alguma, das cerimônias internas e reuniões ordinárias, no entanto, são mais que bem vindos nas reuniões abertas, ações sociais e festividades organizadas pelo grupo (VEIGA, 2008).

A participação das mulheres em eventos festivos é, inclusive, preponderante e crucial para a fluidez deles, conforme um dos maçons que conversei disse: “se não fosse elas, muitos dos eventos que a Maçonaria propõe, não sairiam do papel. O carinho, a dedicação e a organização que acompanham essas mulheres são cruciais para a fluidez de qualquer evento externo e ação social que a Loja realiza.”

Esse mesmo maçom ponderou sobre a questão do papel feminino na Ordem ser apenas externo e figurativo. Segundo ele, não é questão de machismo, mas de inconscientemente conservar uma tradição, oriunda desde as guildas dos pedreiros, onde só homens participavam, mas reiterou que isso não é imutável, muito pelo contrário:

A Maçonaria era bem mais fechada antigamente, se tu for ver o tanto de coisas que mudaram... Antes o papel da mulher e do restante da família era reduzido a praticamente nada além de dar suporte emocional ao homem dentro de casa, acredito que com o tempo tudo vai se adaptando, hoje as mulheres se organizam entre elas, os meninos também, as meninas, idem. Até pessoas de fora tem convivido mais com o interno de uma Loja hoje do que era antigamente... As portas estão se abrindo. Como eu disse: aos poucos as coisas vão mudando. É um processo natural. Não adianta, por exemplo, eu querer entrar numa Irmandade com a importância histórica como a Maçonaria e querer mudar seu fluxo de uma hora pra outra. É preciso respeitar a construção de toda a história que ela construiu.

As ponderações acima estão em consonância com alguns pesquisadores do tema, como Short (2014), que acredita veementemente que a Maçonaria passa por um processo de desconstrução de dogmas, fugindo um pouco de amarras obsoletas, como a própria anulação do papel da mulher na Ordem. O processo gradual que transformou a antiga sociedade secreta em discreta é o mesmo que abrirá as portas do Templo maçônico para mulheres e homens celebrar ritos harmonicamente (SHORT, 2014 apud VEIGA, 2008).

Em uma conversa que tive com uma das mulheres de maçons de Canguçu, ela me contou do orgulho em poder contribuir para o sucesso da Loja local. Segundo ela, se não fosse as mulheres, muitos eventos não dariam certo: “em algumas coisas é preciso ter o toque feminino” disse ela, risonhamente. E depois completou:

[...] mas meu filho, falando sério, para nós é uma honra imensa poder contribuir, nem que seja um pouquinho... Temos muito orgulho dos nossos maridos e da vida que levamos. Eu, inclusive estou com meu filho na Ordem DeMolay, acho que é importante para ele se tornar um grande homem... E ele gosta! [...] Nossa família se acostumou com tudo isso, a Maçonaria não é só a segunda casa do meu marido, mas de minha e do meu filho também. Ela é de todos nós.

Nessa mesma direção de buscar entender a relação da mulher com a Maçonaria, deparei-me com a “pra lá de secreta” Maçonaria Feminina em meio às minhas pesquisas. Pois bem, as mulheres na Maçonaria é um assunto um tanto quanto labiríntico, já que há Ordens que admitem o ingresso de pessoas do gênero feminino configurando-se em Lojas Mistas, enquanto a maioria das Grandes Lojas não o permitem, tendo em vista que essa ação denotaria a quebra dos tradicionais Landmarks que regem a ordem da Maçonaria. Conquanto, podem-se encontrar, bem discretamente, Lojas organizadas somente para mulheres, que não são necessariamente as entidades paramaçônicas femininas (Filhas de Jó, Ordem das mulheres maçons, Ordem da Estrela do Oriente, Ordem de Amaranth, Filhas de Nilo, Ordem Internacional do Arco-Íris, etc.), mas sim uma autêntica Maçonaria Feminina.

Jones (2017) fez uma matéria para a BCC News⁹ mostrando um pouco dos bastidores dessa sociedade – bem mais discreta que a masculina – feita exclusivamente para mulheres, no Reino Unido – seu lugar de maior densidade. Dos pontos mais importantes, fica o registro de sua longevidade: já são mais de um século de existência. As integrantes beiram o número de 5 mil só no Reino Unido, baixo índice se comparado aos 200 mil homens da região, porém, para a organização que a maioria das pessoas sequer pensa que existe, é um número consideravelmente expresso. Outro aspecto interessante é que elas têm dificuldade em renovar a Irmandade feminina, a maioria das integrantes tem mais de 50 anos, assim, nos últimos tempos, a Ordem vem assumindo estratégias de se mostrar mais ao público, a fim de adquirir mais adeptas. Com relação ao rito da Ordem feminina, diferentemente dos habituais 33 graus do Rito Escocês Antigo e Aceito masculino ou dos 13 graus do Rito York, também para homens, as mulheres estão subordinadas a ritos próprios.

A história da mulher dentro da Maçonaria começou há bastante tempo, mais precisamente no século XVIII, com a irlandesa Elizabeth St. Leger, que ficou popularmente conhecida com a “senhora maçom”. Ela foi flagrada assistindo uma cerimônia secreta presidida pelo seu pai. Diz à lenda que ela havia escutado coisas que fizeram seu pai a admiti-la dentro da Ordem, para que a mesma não expusesse a ninguém os segredos por ela presenciados na reunião. Então, com 20 anos de idade, St. Leger é iniciada na sociedade maçônica. Anos mais tarde foi expulsa, tornando-se um marco para instituições de cunho discreto, porém alheios aos dogmas regulares maçons, ou seja, para as entidades maçônicas não oficiais, sendo muitas delas com integrantes do gênero feminino. A partir de então o patriarcalismo empregado nas tradicionais Irmandades discretas passa a ser questionado e muitas mulheres cogitam a possibilidade de fazer parte da então masculina entidade maçom (MARQUES, 2018).

É perceptível que a tentativa de uma Maçonaria mais plural e heterogênea não foi muito bem sucedida. No Brasil, por exemplo, só há

⁹ JONES, Claire. **Os rituais da supersecreta Maçonaria Feminina**. BBC Brasil. 2017; Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41967204>

organizações femininas informais e bastante desconhecidas. Embora isso, muitas organizações – como a Maçonaria feminina do Reino Unido -, conseguiram espaço – ainda quem um tanto à margem - nesse meio essencialmente patriarcal. Contudo, a regular Maçonaria masculina se viu obrigada a abrir horizontes para mais e mais apêndices que abarcassem diversidade de gênero (Paramaçonaria feminina, mista, direcionada a jovens, etc.) a fim de manter os familiares juntos de si.

Essa estratégia de manter todos próximos não permitiu a sociedade maçônica de ruir e se diluir em várias partes. Assim, foi mais uma forma de adaptação e adequação da Maçonaria. Primeiro, acatou as demandas de abertura da Ordem, mas logo tomou às rédeas da situação e, com isso, hoje consegue manter vinculado e próximo a si a maioria dos apêndices criados fora da ordem regular.

5 Política, sociedade e Maçonaria:

5.1 Direitos e deveres de um maçom

É comumente perguntarmos-nos do que é preciso para se tornar um maçom. Ou para manter-se como um. Bem como, para que serve a Maçonaria e o que os integrantes desta sociedade pretendem... De acordo com o que já expus e reiterarei até aqui neste trabalho, para torna-se um integrante da Maçonaria é preciso, primeiramente da aceitação ou do convite por parte dos que já integram a mesma. Este processo de “ingresso” na sociedade discreta passa por uma espécie de votação entre os integrantes da mesma, onde um determinado grupo é designado a conceber ou não os postulantes à Ordem. A votação se dá através de um plebiscito, onde os votantes escolhem entre bolas brancas e pretas (a branca significa aceitação e a preta rejeição). Todos que escolherem a bola preta devem justificar em público, perante seus “Irmãos” o porquê de não consentir com o adentro ao grupo da pessoa em questão. Anterior a este processo, é claro, precisa-se consentir que o indivíduo seja capaz de tornar-se um maçom. Assim como, se ela está cumprindo com os pré-requisitos que a Ordem requer - que, em tese, são: bom comportamento, conduta exemplar, procedência familiar digna, ações filantrópicas, ascensão social, possibilidades de agregação ao grupo, etc.

Após o indivíduo tornar-se maçom, ele adquire uma série de deveres a serem cumpridos. Tais quais dizem respeito a seguir os comportamentos citados anteriormente, caso não ocorra este cumprimento, conforme palavras do Grão Mestre Gilberto Mussi, o Irmão é convidado a retirar-se: “Para adentrar na Maçonaria é preciso ser um bom homem, um bom pai, um bom marido (...). Nós queremos pessoas do bem conosco. Caso ele não cumpra com estes requisitos, é convidado a se retirar.”. É importante frisar que após fazer parte uma vez da Maçonaria, o cidadão jamais deixará de ser maçom. É um laço para a vida toda. Mesmo que haja um afastamento – como citado anteriormente – a pessoa estará eternamente ligada aos saberes e ensinamentos maçônicos. De acordo com meu interlocutor Edison Coelho: “Por mais que não esteja mais presente na Maçonaria, ou até mesmo nesse plano, ninguém deixa de ser maçom, apenas adormece”.

Antes de qualquer outra coisa, é dever de todo integrante da sociedade buscar novos conhecimentos e agregar valor ao grupo. É preciso “crescer”

como ser humano e auxiliar seus Irmãos nesta mesma empreitada, tornando a Maçonaria e seus integrantes, seres melhores. Afinal, a relação Maçom-Maçonaria se propõe a ser mutuamente benéfica.

5.2 Hierarquia na sociedade Maçônica

Assim como em todas as sociedades, dentro da Maçonaria há uma evidente hierarquização entre os integrantes da mesma (PANTANO FILHO, 2001), inclusive já vimos um esboço disso no primeiro capítulo. Além disso, este subcapítulo serve como um complemento da prática ritualística mostrada no segundo capítulo desta monografia, elucidando funções exercidas pelos maçons durante o ritual – que culmina simbolizando em suas influências internas e externas, conforme veremos a seguir. Conforme conversei em entrevista ao ex-Grão Mestre da Maçonaria do Rio Grande do Sul Gilberto Mussi, quando o indivíduo é iniciado na Ordem, sua gradualidade é a número 1, sendo assim, ele está privado de participar de diversas ocasiões que a sociedade oferece, entretanto, ao modo em que ele vai subindo de nível/grau, sua conduta de direitos e deveres dentro da Ordem aumenta. O grau mais elevado que um maçom pode chegar é o 33 – que tem esse número em referência à idade de Jesus. Mussi é um dos únicos canguçuenses a atingir este número – e um dos únicos sul-rio-grandenses também. Por isso liderou por tanto tempo a Maçonaria no estado.

A hierarquização dentro da própria instituição pode ser considerada uma forma de garantir status e delimitar espaços de poder em seu próprio terreno. Ora, podemos lembrar novamente Geertz (1989), para dizer que a Maçonaria sempre tentou – e conseguiu – ser influente na sociedade, mas para que isso seja possível, é preciso, antes de tudo, adquirir moral diante a população. E nada melhor do que começar por fazer isso dentro da própria Ordem. Assim, o interior da Loja tende a refletir a visão de mundo idealizada pelos maçons.

Conforme ficou elucidado no primeiro capítulo, a disposição da Maçonaria não é homogênea, são diversas vertentes e subdivisões, chegando a – estima-se – 50 Ritos diferentes, ou seja, 50 diretrizes hierárquicas diferentes (LAZARETTI, 2018). Na grande maioria dos Ritos, inicialmente usa-se uma espécie de normas introdutórias, que correspondem aos três primeiros degraus, cuja designação é: maçonaria azul. Os degraus, inclusive,

correspondem a três componentes do Templo de Salomão: Aprendiz, Companheiro e Mestre, respectivamente (LARETTI, 2018; KARG, 2007). Segundo Lazaretti (2018), essas etapas normalmente duram entre três meses a três anos, no entanto, cada Loja, especificamente, estipula conteúdos e etapas a serem aprendidos, e, se for o caso, tempo, para que o maçom avance na hierarquia da Irmandade.

O Rito Escocês Antigo e Aceito e o Rito de York são os dois mais difundidos no mundo, o Escocês é, inclusive, o Rito utilizado pela Maçonaria canguçuense. O primeiro possui 33 graus e o segundo 13. A grande maioria dos outros Ritos se baseia nesses dois para estabelecer sua hierarquia de graus, portanto, a seguir deter-me-ei a mostrar a ordem respectiva de gradualidade de ambos.

Os graus que um Irmão pode atingir no Rito Escocês Antigo e Aceito estão divididos em 4 níveis (etapas). A já mencionada Maçonaria Azul é a primeira etapa, que corresponde aos três graus iniciais: Aprendiz (1°), Companheiro (2°), Mestre (3°); O segundo nível hierárquico chama-se Graus Inefáveis, representados por 11 degraus, que são: Mestre secreto (4°), Mestre perfeito (5°), Secretário íntimo (6°), Preboste e juiz (7°), Intendente dos edifícios (8°), Mestre eleito dos 9 (9°), Mestre eleito dos 12 (10°), Mestre eleito dos 15 (11°), Grão-mestre arquiteto (12°), Mestre do nono arco (13°), Grão-eleito perfeito e sublime (14°); O terceiro nível é chamado de Capítulos Vermelhos, correspondente aos seguintes graus: Cavaleiro do Oriente (15°), Príncipe de Jerusalém (16°), Cavaleiro do Ocidente e do Oriente (17°), Cavaleiro Rosacruz (18°); O nível seguinte tem o nome de Aerópagos: Grão-pontífice (19°), Mestre ad Vitam (20°), Patriarca noaquita (21°), Príncipe do Líbano (22°), Chefe do tabernáculo (23°), Príncipe do tabernáculo (24°), Cavaleiro da serpente de bronze (25°), Príncipe da mercê (26°), Comendador do templo (27°), Cavaleiro do Sol (28°), Cavaleiro de Santo André (29°), Cavaleiro Kadosh (30°); A última etapa são os Graus administrativos: Grão-inspetor inquisidor comendado (31°), Sublime príncipe do real segredo (32°), Soberano grão-inspetor geral (33°).

Já os níveis dos graus no Rito de York são apenas 3. O primeiro é, assim como no Rio Escocês, a Maçonaria azul, que também corresponde aos degraus de Aprendiz (1°), Companheiro (2°) e Mestre (3°); A segunda etapa é

a do Capítulo do arco real, cujos graus são: Mestre da marca (4°), Mestre virtual (5°), Mui excelente mestre (6°), Maçom do arco real (7°), Mestre real (8°), Mestre eleito (9°), Mestre superexcelente (10°); O último nível é o Conselho críptico (chamado também de Mestres reais e eleitos) corresponde a três graus: Ordem da Cruz Vermelha (11°), Ordem dos Cavaleiros de Malta (12°), Ordem dos Cavaleiros Templários (13°).

O grau de Mestre - 3° na linha hierárquica de ambos os Ritos – garante ao maçom a plenitude dos diretos maçônicos, estando apto, inclusive, a ser eleito Grão-Mestre¹⁰, ou seja, para chefiar a Ordem. Em Canguçu – embora eles não entrem em detalhes sobre seus graus específicos -, pude apurar que são poucos os que atingiram o grau máximo do Rito Escocês Antigo e Aceito. Aliás, não é preciso o maçom percorrer todos ou quase todos os graus, segundo um dos integrantes da Loja José Bonifácio n° 55 “Nosso Rito (Escocês Antigo e Aceito) possui 33 graus, mas isso não quer dizer que todo Irmão precise perpassar todos eles, tudo depende do interesse, de personalidades, situações específicas”. Ou seja, o integrante da Ordem não tem obrigação de necessariamente aumentar seu grau dentro desta, conforme completa o mesmo maçom que conversei sobre o assunto: “[...] A pessoa pode simplesmente se estabilizar em determinado grau e não se interessar em seguir adiante. Se ele achar que precisa ir além, ele vai. Tudo é questão de sabedoria e, principalmente, estar de bem consigo na etapa gradual em que se encontra.”

Ainda na hierarquia maçônica, há os grupos apêndices – ou entidades Paramaçônicas -, que ficam alheios à Ordem, mas ligados de alguma forma a ela. Alguns deles são: os *Shiners*, considerado um subgrupo da Maçonaria, emergido e muito forte em Nova York; a *Ordem da Estrela do Leste*, parecida com a primeira citada, também originada nos EUA (Mississippi), só que com uma ressalva importante: mulheres também podem fazer parte do grupo – inicialmente só recebia mulheres associadas a Mestres da Ordem (parentes, normalmente), hoje em dia abre as portas para pessoas do gênero feminino ligadas a outras ordens paramaçônicas, como as Filhas de Jó e Ordem do

¹⁰ Obviamente, na maioria dos casos, o Grão-Mestre eleito tende a ter um grau elevado dentro da Ordem, mas fica a ressalva, que após o maçom galgar os três primeiros degraus (Aprendiz, Companheiro e Mestre), ele está apto a ser qualquer coisa dentro da Maçonaria, inclusive Grão-Mestre – a maior honraria de todas.

Arco-Íris; Cavaleiros da Ordem DeMolay, destinado a jovens de 12 a 21 anos, também teve origem nos EUA, mas se difundiu para o mundo inteiro, tendo no Brasil seu maior número de integrantes, sendo inclusive a única das entidades apêndices a operar em Canguçu, estando essencialmente conectada a Loja maçônica da cidade... Primordialmente a Ordem DeMolay visa guiar os meninos a trilharem bons caminhos, independente se eles tornarão maçons ou não, no entanto, a própria Maçonaria admite que este apêndice possa ser considerado uma espécie de estudo preparatório para a Maçonaria; outras importantes entidades paramaçônicas são destinadas as mulheres, vide as *Filhas de Jó*, que assim como os DeMolays, é um grupo composto por jovens, só que mulheres que possuem idade de 10 à 20 anos, e também visa ensinamentos básicos sobre amor e fraternidade; *Ordem do Arco Íris* é mais uma entidade anexa à Maçonaria que tem por objetivo acolher as jovens mulheres, podendo participar quem possui de 11 à 21 anos, e funciona de forma parecida com as Filhas de Jó – às duas últimas citadas tiveram início nos EUA e são estáveis no Brasil; *Ordem das mulheres maçons* é a mais secreta das ordens e foi reconhecida, oficialmente como tal, na Inglaterra, há 20 anos atrás – também há casos isolados de Maçonarias mistas (ou mulheres sendo aceitas dentro da Ordem até então exclusivas para homens¹¹), onde pessoas de ambos os gêneros podem fazer parte da Ordem, a França é uma das pioneiras no assunto. No capítulo seguinte, explanarei mais sobre as entidades Paramaçônicas e sua importância para a Maçonaria, advinda dos graus de parentesco entre os integrantes da Ordem regular e das Ordens de apêndices.

Convém citar, ainda, as funções que há dentro do rito – que elucidam muito sobre a relação da Maçonaria com sua origem (já narrada aqui no texto), nota-se isso já nos magníficos nomes de vários cargos e mais ainda quando olhamos suas atribuições. Alguns integrantes da Ordem possuem um cargo com determinadas atribuições e ofícios – estes postos, por sua vez, são variáveis de acordo o tempo de sua elegibilidade. Na Maçonaria há eleições bienais que definem os cargos dos Irmãos, conforme prevê a Constituição de Anderson. Abaixo circunscreverei os cargos do Rito Escocês Antigo e Aceito e

¹¹ O tema das mulheres na Maçonaria é controverso e complexo, mas historiadores maçons dizem que há casos de mulheres que há muito tempo frequentam ambientes maçônicos regulares, como Elizabeth Aldworth, conhecida como “mulher maçom”, que teria visto um ritual na casa de seu pai e depois da Ordem descobrir tal acontecimento, teria admitido sua entrada na mesma (ADRIÃO, 2012).

uma farei breve síntese de suas responsabilidades e sua respectiva significação – cada cargo possui um símbolo (insígnia).

Venerável Mestre: É o mais importante cargo da Loja. “O Irmão que assume este cargo passa por uma cerimônia denominada Sessão Magna de Instalação e Posse de Venerável Mestre, recebendo o tratamento desde então de Mestre Instalado.” (SIQUEIRA, 2011). Seu símbolo é um esquadro, representando sabedoria. “[...] tal condição promove-o ao mais alto dirigente da Oficina, tornando-se o responsável pela administração geral da Loja, por isso é o portador do Primeiro Malhete, senta-se no Oriente, na cadeira do centro da mesa, denominado de “Trono de Salomão” (CRUZ, 2015; SIQUEIRA, 2011).



(Sessão pública da Loja José Bonifácio nº 55. No centro do altar o então Venerável Mestre da Loja, à sua direita, em pé, o ex-Grão Mestre Gilberto Mussi e a sua esquerda o ex-prefeito do município de Canguçu e atual Segundo Vigilante da Loja.) Foto: Canguçu em Foco.

Primeiro Vigilante: É representado pelo Segundo Malhete (jóia nível), que simboliza a força. É o principal assessor do Venerável Mestre e o seu primeiro suplente. No exercício de sua função está incumbida a regência dos

Irmãos Aprendizizes, instruir os maçons e o anúncio das ordens do Venerável (SIQUEIRA, 2011).

Segundo Vigilante: Sua jóia é o prumo, que na Ordem significa a beleza, o amor e a harmonia. É o terceiro na linha sucessória dos cargos (quem atualmente ocupa esse cargo e está sendo preparado para se tornar Venerável Mestre é o ex-prefeito da cidade, conforme me contou o ex-Venerável). É o responsável pelos Irmãos Companheiros. Assim como o Primeiro Vigilante anuncia as ordens do Venerável Mestre durante a cerimônia em sua Coluna (local onde se porta no cerimonial, responsável pelos maçons que ali estão). Portanto, antes de qualquer manifestação de ordem do Venerável Mestre, o Primeiro e Segundo Vigilantes anunciam - cada um em sua Coluna - o próximo passo da cerimônia (SIQUEIRA, 2011).

Orador: Seu símbolo é um livro aberto, indicando a experiência e sabedoria que o maçom responsável por essa função deve possuir. Ele é considerado o “guardião da lei”, responsável pela Verdade dentro da Irmandade e o porta-voz das boas-vindas ao demais. Também fiscaliza a aplicabilidade das normas da Ordem maçônica e ritualística (SIQUEIRA, 2011).

Secretário: Tem como insígnia duas penas cruzadas, que simboliza a escrita. Ele é o responsável por registrar os acontecimentos da Loja, traduzindo as conclusões legais do Orador. É considerada uma função primordial (de muito diálogo com o Venerável Mestre), pois é quem escreve a História da Maçonaria (SIQUEIRA, 2011).

Tesoureiro: É representado por duas chaves cruzadas, simbolizando riqueza e seu mais que necessário zelo pela Ordem. Possui uma responsabilidade enorme, pois é quem cuida da parte financeira da Loja (SIQUEIRA, 2011).

Chanceler: Igualmente conhecido como “Guardião dos Selos”, sua figura é representada pelo Timbre da Loja. É ele quem guarda o Timbre ou o Selo da Loja. É quem comunica aos demais a quantidade de Irmãos presentes na sessão, além de informar quais colegas estão aptos a participarem das votações e quais já excederam o número de faltas permitidas pela Loja, assim como anunciar os aniversariantes, etc (SIQUEIRA, 2011).

Hospitaleiro: Sua insígnia é uma bolsa, representando os peregrinos, pedintes e viajantes. É quem arrecada os metais (dinheiro) nos ritos litúrgicos e

organiza ações filantrópicas e sociais para atender os mais necessitados (SIQUEIRA, 2011).

Mestre de Cerimônias: Representado pela régua, é o membro que circula pelo Templo fazendo intermédio entre os Irmãos, por isso sua insígnia representa um objeto de medição espacial. Nas votações internas, é quem apresenta a urna, contabiliza-se os votos e anuncia os resultados. Nas cerimônias também auxilia os visitantes na chegada ao Templo, organizando sua espacialidade e disponibilizando-lhes comodidade (SIQUEIRA, 2011).

Primeiro e Segundo Diáconos: Retratado pela Pomba, está designado a comunicar as ordens das Luzes aos Irmãos. São os mensageiros do Templo, na cerimônia o Primeiro Diácono transmite a ordem do Venerável Mestre ao Primeiro Vigilante; e o Segundo Diácono passa a mensagem do Primeiro Vigilante ao Segundo Vigilantes.

Primeiro e Segundo Expertos: O punhal é o símbolo que os representam, fazendo alusão ao castigo reservado a quem praticar perjuros ou apóstatas. Tem o papel de realizar o ato de Telhamento¹² nos visitantes antes da abertura da cerimônia. Na linha sucessória está designado a substituir o Primeiro ou Segundo Vigilantes, em caso de impedimento de cumprimento de função de uma desses dois. O Segundo Experto trabalha exercendo um papel auxiliar ao Primeiro Experto (SIQUEIRA, 2011).

Cobridor Externo (ou Guarda): Sua jóia é um alfanje, que representa a proteção aos maus pensamentos e pessoas que se aproximam como curiosos indelicados. Sendo assim, é função do Cobridor, impedir a entrada no Templo de profanos, blasfemos ou maçons irregulares (SIQUEIRA, 2011).

Guarda do Templo: Também chamado de Cobridor, em alusão aos tempos da Maçonaria Operativa, onde após a conclusão de uma obra se cobria o local com telhas. É simbolizado por duas espadas cruzadas, que representam o fechamento do Templo, atividade que fica a seu encargo. É o zelador do pensamento de todos os maçons, é quem “cuida” dos Irmãos, por isso, geralmente é um cargo de responsabilidade de um maçom experiente e de grau elevado. Antes das cerimônias ele confere se todos estão adequadamente a postos (trajes, postura, etc.) para adentrarem o Templo,

¹² O Telhamento é ato de examinar um Irmão ou visitante desconhecido, a fim de certificar-se da sua condição e regularidade de maçom ou sua intenção de visita (FIGUEIREDO, 1990).

também é quem concede a liberação – junto do Venerável e do Primeiro e Segundo Vigilante - para alguém se retirar durante a cerimônia ritualística. Segundo Siqueira (2011) o Guarda do Templo é quem “completa” o triângulo com vértice para baixo¹³: “[...] é a terceira e última ponta do triângulo com o vértice para baixo. O venerável e os vigilantes formam o primeiro triângulo com o vértice para cima, o orador secretário e guarda do templo, formam o segundo triângulo com o vértice para baixo...”. Quando essas figuras são colocadas em sobreposição, formam o Hexágono, chamado de estrela de seis pontos ou Selo de Salomão (SIQUEIRA, 2011).

Bibliotecário: O desenho que o representa é um livro aberto e uma pena, facilitando o entendimento de sua função, que é registrar e selecionar livros para leituras, também propõe discussões de cunho cultural. Simboliza, ainda, luz interior, pois é o Irmão que fornece material para enriquecimento cultural dos demais (SIQUEIRA, 2011).

Mestres de Banquete: Uma taça e/ou uma cornucópia são os símbolos que representam esse cargo. A função é basicamente organizar os festins (SIQUEIRA, 2011). Em Canguçu, por exemplo, sempre há confraternizações em um salão anexo, organizadas – e muito bem, aliás - pelo Mestre de Banquete – inclusive esses foram os momentos da etnografia onde pude ter maior contato com os integrantes da Loja, oportunizando conversas das mais variadas e um recolhimento interessante de informações.

Mestre de Harmonia: É um cargo onde é preciso ter uma aptidão específica, gostar e ter um bom “ouvido” para a música, não à toa a insígnia é o instrumento musical lira. Sendo assim, o Mestre de Harmonia fica encarregado de escolher o repertório musical das cerimônias, propiciando um ambiente harmônico, amistoso e propício para a solenidade em vigência (SIQUEIRA, 2011).

Porta Bandeira: Como o nome já diz, é quem porta a bandeira nacional, sua insígnia é a representação do seu objeto, ou seja, um desenho da bandeira da pátria (SIQUEIRA, 2011). Em Canguçu, não há só o Irmão que carrega a

¹³ O Triângulo, na Maçonaria, é o símbolo dos homens livres e representa o divino. Na hermética maçônica, simboliza os quatro elementos, sendo que o triângulo de vértice para cima representa o fogo; o de vértice para baixo, a água; o com vértice para cima e cortado por uma linha horizontal, representa o Ar; enquanto o de vértice para baixo e cortado pela mesma linha horizontal representa a Terra (Loja Maçônica Estrela de Brasília, 2016).

bandeira do Brasil, mas também os que transportam as bandeiras do Rio Grande do Sul e de Canguçu.

Porta Espadas: Responsável pela manutenção das espadas da Loja. Seu símbolo é uma espada, representando a força. “Como auxiliar do Venerável Mestre, apenas carrega a Espada Flamejante sobre uma almofada sem, contudo, poder ou ter o direito de tocar ou pegá-la, pois ela somente pode ser manuseada pelo Venerável Mestre ou Mestre Instalado” (SIQUEIRA, 2011).

Porta Estandarte: Conforme sua nomenclatura sugere, é quem cuida do estandarte da Loja. A jóia que lhe é atribuída é um colar com um estandarte (SIQUEIRA, 2011).

Arquiteto: Sua insígnia é uma colher de pedreiro, cujo nome é Trolha, em homenagem aos maçons operativos (pedreiros que deram origem a Ordem). É o único Irmão que pode andar livremente pelo Templo antes do começo da cerimônia, pois a mesma está ao seu encargo, desta forma, todos os detalhes de reuniões e cerimoniais é tarefa do Arquiteto da Loja (SIQUEIRA, 2011).

Toda essa distribuição de cargos reflete um pouco a importância do integrante dentro da Loja. Normalmente quem ocupa os cargos de maior responsabilidade são os que estudam e se dedicam mais. Assim, os maçons de cargos mais elevados, costumam adquirir mais respeito na Ordem e, conseqüentemente, na sociedade. Nesse caso, podemos ter uma via de mão dupla: o Irmão pode se dedicar ao Rito tendo como fim principal a busca de conhecimento e enriquecimento cultural, mas também pode fazer isso com uma intenção além, que é o prestígio subtendido que determinados cargos podem lhe conceder. Outro aspecto interessante, é que o processo de recruta de novos membros busca pessoas com capacidade de exercer as funções designadas (cultas, inteligentes e com capacidade de liderança) e os anseios sociais da Loja (SANTOS, 2002), desta forma também se pode pensar que a Maçonaria convoque integrantes com reputação social e cultural para que estes assumam funções importantes e contribuam para melhorar a reputação da instituição – seja interna ou externamente. Então retomamos a Geertz (1989), que diz que primeiro a pessoa busca prestígio e aceitação dentro do grupo, para isso refletir no externo, neste caso, na sociedade. Esta, sem dúvida, pode ser uma estratégia ou *modus operandi* implícito da Ordem. No

entanto, o escritor maçom Forato (2018), diz que o ritual não deve servir como propulsor de status social, inflando o egocentrismo do maçom:

Já assisti Sessões Públicas com Irmãos paramentados com alfaias dos graus superiores, com comendas do 33 e se alguém achar que isto não tem importância, pense quais reações terão os não iniciados ao verem um Irmão com o avental do Grau Nove do REAA [...]

Uso das Comendas e medalhas nos remete a uma conhecida frase: 'Se és apegado às distinções humanas, retira-te, pois nós aqui não as conhecemos.' e tem Irmão que bate no peito vangloriando-se das medalhas conquistadas para a Instituição. Conhece algum? 'Eu sou 33 olha aqui... oh!' [...] FORATO, 2018.

Em Canguçu, para atingir determinados cargos dentro do rito da Irmandade, o conhecimento intercala com o status. Em todo caso, o cargo, normalmente está atrelado ao prestígio social que o maçom tem. Ora, o maçom que já entra na Ordem pelo relevo de seu nome, está condicionado a atingir graus maiores mais rapidamente, mas também o integrante dedicado e estudioso tende a adquirir reputação a partir do momento em que é alçado a cumprir uma função de maior responsabilidade dentro do rito maçônico. O caso do ex-prefeito da cidade, que quando ascendia politicamente como um dos vereadores mais votados em 2008 foi recrutado para a Ordem e hoje já está prestes a ser Venerável Mestre, é o exemplo mais notório de afluência de status e conhecimento: por ser prefeito já obtinha o respeito genuíno que seu cargo político traz consigo, somando sua altivez e incessante busca por conhecimento tornou-se um dos maçons mais importantes para o ritual e, preponderantemente, para a reputação da Loja maçônica de Canguçu. Detalhe: ele emergiu politicamente como um líder da esquerda na cidade, mostrando que a Maçonaria não tem, necessariamente, um espectro político – ou seria o contrário: o ex-prefeito que não tinha espectro ideológico? É a partir dessa premissa que centramos o próximo item desse capítulo.

5.3 Influência da Maçonaria na sociedade

Como é de conhecimento geral, e conforme já fora abordado aqui, a Maçonaria possui uma relação intrínseca com diversas revoluções que aconteceram no decorrer da história. Temos no caso mais notório a Revolução

Francesa, onde, segundo alguns historiadores, a Maçonaria possuiu um papel central e preponderante na impulsão e persuasão da rebelião por parte da população francesa para com a Família Real. Nos Estados Unidos da América, por exemplo, os maçons dizem-se ser a principal causa da independência do país. George Washington, primeiro presidente da nação estadunidense era declaradamente um integrante da sociedade maçônica. E não para por aí, as evidências de que foram os maçons que construíram a capital Washington está até mesmo no formato da cidade, que visto de uma visão panorâmica, é claramente evidente a alusão feita a simbologias maçônicas. Está também no mais notório monumento político do mundo: A Casa Branca – que seria a representação de partes de um compasso e de um pentagrama invertido. No Brasil, temos diversos casos onde a Maçonaria se faz presente, conforme a Independência do Brasil – impulsionada por Dom Pedro I - e A Revolução Farroupilha – liderada pelo maçom Bento Gonçalves. A Revolução Pernambucana e Revolução de 1932 (impelida pela Maçonaria paulista) também são notórios feitos onde a sociedade discreta se fez presente. Alguns exemplos de importantes figuras sociais que fizeram parte da Maçonaria são: os ex-presidentes da República Campos Salles, Delfim Moreira, Nilo Peçanha, Prudente de Moraes, Washington Luis, Wenceslau Brás e Jânio Quadros; o ex-governador paulista, Ademar de Barros; os líderes da Revolução Farroupilha, Bento Gonçalves e David Canabarro; Os renomados militares Benjamin Constant e Barão do Triunfo; o líder abolicionista Joaquim Nabuco; o proclamador da República, Deodoro da Fonseca; populares como o palhaço Carequinha, o ator José Wilker e o cantor Pixinguinha; etc.; além, é claro, de nomes internacionais, como o filósofo Voltaire, os músicos Beethoven e Mozart, os líderes políticos Napoleão, George Washington, Simon Bolívar, Lamartine, dentre tantos outros (CANO, 2007).

Através do exposto acima podemos perceber o quão influente a Maçonaria foi no decorrer da história. Assim sendo, o poderio dela era tanto que a capacitava liderar revoluções que mudaram a história do mundo. Porém, percebe-se uma influência visivelmente mais discreta nos últimos anos. Pelo menos em grandes polos urbanos. Só que, em pequenas cidades - como Canguçu - ela ainda assume, publicamente, um papel preponderante na política e sociedade local - como exemplo, posso citar novamente a quantidade

de prefeitos ligados à sociedade maçon que já foram eleitos na cidade. Até que ponto vai esse poder? Até que ponto podemos tomar conhecimento dele?

Correlacionando com o trabalho de Bourdieu (1989) sobre o poder simbólico, percebemos que a Maçonaria pode exercer um controle social invisível, que segundo o autor é quase mágico e com ele é possível obter o equivalente daquilo que se consegue com força – seja ela física ou econômica. Ora, Bourdieu não pensa o campo jurídico como somente normativo e/ou utilitário, mas sim como o Estado exercendo direito sobre a sociedade. Ter influência governamental ou não é relativo, pois pode haver maçons dentro de órgãos públicos, mas não necessariamente a instituição maçônica em si seria elemento do governo, e sim apenas um de seus integrantes alguém de dentro do poder público. Portanto, sendo a Maçonaria tão presente nas forças estatais (como integrantes da mesma exercendo funções altas no mesmo), poderia ela ser considerada como parte do Estado? Ou contradizendo Bourdieu (1989), ela seria a sociedade exercendo poder sobre o Estado?

Posto isso, é preciso analisar os meandros político-sociais através de uma ótica antropológica, se atendo basicamente as significações das práticas e objetos que compunham o universo político:

A abordagem da política pela antropologia pode ser definida de uma forma simples: explicar como os atores sociais compreendem e experimentam a política, isto é, como significam os objetos e as práticas relacionadas ao mundo da política. A compreensão de grupos específicos, em circunstâncias particulares, leva a comparações e diálogos com a literatura sobre contextos sociais mais amplos (KUSCHNIR, 2007, p. 163).

É parte do andamento “natural” da Ordem maçônica procurar por recrutar pessoas que tem influência social ou estão ascendendo socialmente/politicamente em Canguçu. São diversos os casos de pessoas que estão em iminência político-social, como líderes políticos, empresários com negócios bem sucedidos e pessoas com boa relação e prestígio com a sociedade que são convidados a fazerem parte da sociedade discreta. Não obstante, essa é uma maneira de proceder da Maçonaria em geral, só que, obviamente, mais evidente em cidades pequenas, onde tudo se torna intrínseco a sociedade e ao contexto social em questão (COUTINHO, 2011). Muitas vezes, renomados profissionais ascenderam em suas respectivas áreas

de atuação depois que entraram para a Maçonaria, mas acabamos por não ter ciência disso.

Historiadora da Universidade de São Paulo, Solange Ferraz de Lima conta que se surpreendeu com essa rede maçom quando estudou a vida e a obra do pintor e decorador italiano Oreste Sercelli. Ela percebeu que ele conseguiu rapidamente destaque nos círculos sociais brasileiros, tão logo chegou ao País. Logo, encontrou a explicação: ele era ligado à maçonaria - e, portanto, contava com o apoio dos confrades. (VEIGA, 2018)

A Maçonaria tem esse poder de proporcionar ao seu novo membro uma ascensão política, econômica ou social, talvez por isso seja tão atrativa. Obviamente, como já disse, é uma troca mútua de benefícios, normalmente um novo membro acrescenta na agenda da Ordem, assim como ela acrescenta na vida dele. Ou seja, é formada uma rede que privilegia todos seus integrantes e, é claro, a instituição a qual eles estão submetidos.

Uma abertura ao grande público é parte da estratégia recente da Maçonaria no diálogo com a comunidade. Isso é bem evidente em Canguçu, quando pessoas mais populares e não financeiramente ou culturalmente influentes, mas ligadas à população passaram a fazer parte da Loja – professores de médio e fundamental, donos de plataformas digitais de informação, motoristas de ônibus, líderes comunitários, etc. Isso aproximou a Maçonaria da sociedade, inclusive com a divulgação de fotos e informações sobre a Ordem em sites de notícias do município e redes sociais, mas também pode ter gerado uma espécie de vulgaridade do rito maçônico. Não a toa, na última cerimônia em que estive presente, um dos mais antigos e respeitados maçons, fez um discurso em tom corretivo exaltando a discrição da Ordem e reforçando o quanto isso era importante para o curso natural da mesma, numa tentativa evidente de retomar a discrição de outrora da sociedade discreta canguçuense. Afinal, segundo alguns maçons e estudiosos, é isso que faz da Maçonaria uma sociedade interessante e virtuosa (VEIGA, 2018; CONCEIÇÃO, 2004; CARR, 2007).

Relacionar a Maçonaria a um estado mais conservador de costumes e agências políticas é muito costumeiro (NASSIF, 2017). Todavia, numa das minhas observações presenciais às cerimônias maçônicas, percebi alguns integrantes de espectros políticos que normalmente se opunham às

organizações do tipo¹⁴, ou seja, militantes conhecidamente de esquerda frequentando a Maçonaria. Aliás, dois dos principais maçons da Loja de Canguçu eram próximos ao Partido dos Trabalhadores, sendo eles um dos ex-Venerável Mestre (que encerrou seu mandato há 3 anos) e o atual Segundo Vigilante (que futuramente herdará o cargo de Venerável¹⁵) – também ex-Prefeito de Canguçu -, não bastasse, o único vereador do Partido dos Trabalhadores também é frequentador da Loja, assim como o presidente do partido. Uma das explicações para esse fato é que a Maçonaria não é, tampouco se propõe a ser, homogênea na sua forma de pensar e refletir sobre a política e sociedade. Sem aforismos, devemos aceitar o fato de que a instituição maçônica é grande o suficiente para possuir pessoas das mais variadas ideologias e ideários sociais, no entanto, também é preciso estar atento ao histórico político da Maçonaria¹⁶, que parece distante dos preceitos básicos de um partido de esquerda. Ainda assim, de forma pretensiosa, posso sugerir que o que parece prevalecer é a intenção de controle social da Ordem (NASSIF, 2017), ou, sendo um pouco mais ponderado, dizer que a Maçonaria procura por pessoas que irão crescer na harmonia da Loja independente de sua ideologia.

Em todos os cenários, é notório que a presença de certas pessoas ligadas a determinados partidos ou espectro político influencia – na maioria dos casos positivamente – em algumas áreas da sociedade, principalmente se tratando de uma cidade pequena, como é o caso do meu universo de pesquisa, em Canguçu. Desta forma, a Maçonaria ganha espaço e pode dialogar com as mais diversas camadas sociais de uma população. Amarrar em suas entranhas alguém que foi eleito para atender a uma “revolução sócio-cultural” em Canguçu parece o cenário perfeito para o estabelecimento político e social que beneficia a Maçonaria há tempos, e mais: ter o prefeito ou alguém que represente um público de difícil diálogo com a Maçonaria junto de si contribui para a solidificação da Ordem como uma das principais e mais influentes organizações da cidade. O resultado disso é que o mandato que outrora representou ser uma ameaça a esse antigo estabelecimento foi apenas mais

¹⁴ FILARDO, José. Maçonaria Conservador VS. Maçonaria Progressista. 2018.

¹⁵ Informação cedida por um dos integrantes da Loja José Bonifácio n° 55.

¹⁶ NASSIF, Luis. Xadrez da Maçonaria no Brasil. 2017.

do mesmo, ou melhor, pode ter sido uma ferramenta importante para a Maçonaria se atualizar e trazer para perto quem parecia um distante opositor.

A Maçonaria não explicita sua intenção de exercer domínio ou influência sobre quaisquer objetos. No entanto, ela é, com certeza, um agente social importante na dinâmica político-social da cidade, primordialmente numa pequena localidade de costumes tradicionais, vide Canguçu. A propósito, pequenos espaços urbanos, na dinâmica econômico-social capitalista regada pelas atividades terciárias e aos empreendimentos comerciais, predominam singularidades que se expressam através de estruturas políticas (COUTINHO, 2011). Ademais, é preciso relativizar a impressão de que a modernização econômica tenha afetado no *ethos* local de uma cidade pequena, da mesma forma, desmistificar algumas teses de que pequenos locais estão alheios a progressão temporal (CANIELLO, 2003). Ora, Canguçu, por exemplo, não ficou parado no tempo e tem, sim, uma dinâmica operacional diferente de momentos passados, porém, carrega consigo alguns predicados de sua essência primária. A Maçonaria, deste modo, acompanhou esse processo, se modernizando junto da cidade, mas reforçando estigmas tradicionais da Ordem e do próprio município.

A relação de amizade é mais um fundamento central na formação de conexões políticas (COMERFORD, 2005), a Maçonaria é um exemplo disso. As relações sociais, expressadas através das asserções de amizades e inimizades, bem como a expressão de emoções e a revelação de verdades, manifestam noções políticas quando habitam tempos e espaços socialmente concebidos como políticos (BEZERRA, 2004; 2008). De acordo com o que foi mostrado no capítulo anterior, ter um grau de parentesco com algum maçom é um passo gigantesco para adentrar a Irmandade. Outrossim, ser amigo ou conhecido de alguém de dentro da Ordem, também pode ser meio caminho andado. Mas não só para quem pretende fazer parte da sociedade discreta essas relações de personalidades são benéficas, ter pessoas próximas auxiliam a Maçonaria no diálogo com a sociedade. Recrutar indivíduos que possam contribuir para que a Ordem estabeleça relações de proximidade com camadas sociais diversas e, assim, possa interferir no meio social é uma das principais finalidades da mesma. Conversando com o antigo Venerável Mestre da Loja, por exemplo, descobri que ele é professor do meu irmão e foi professor da

minha namorada, ou seja, é alguém de dentro da Irmandade que atua num ambiente (escola) que proporciona a convivência diária com as mais diversas pessoas, das mais variadas classes sociais.

Os maçons, por sua vez, alegam que, além do crescimento pessoal e coletivo que a Irmandade proporciona, influir para o bem da sociedade é um dos seus principais objetivos. Em Canguçu, não foram poucas as ações junto da política e sociedade. A Loja José Bonifácio n° 55 foi bem participativa desde o processo de constituição da cidade de Canguçu como tal. Os inúmeros prefeitos, vereadores e políticos influentes que emergiram da Ordem não são poucos; o pioneirismo em alforriar escravos logo nos primórdios da Loja, numa cidade essencialmente presa a amarras racistas, mostra o quão visionária se apresentava a Maçonaria canguçuense; a contribuição na criação do principal clube social da cidade, o Clube Harmonia, é outro capítulo crucial no estabelecimento da Loja como agente importante na desenvoltura de relações sociais no município; ter criado a primeira escola técnica em nível de segundo grau em Canguçu, justamente numa época onde os jovens estudantes tinham de ir a cidades vizinhas para terem formações escolares específicas, é outro mérito enorme e garantia certa de prestígio social; não bastasse, o então prefeito e principal maçom da cidade, Gilberto Mussi, fora perseguido na ditadura militar e lutou com veemência pela democracia; sem mencionar as inúmeras contribuições mais “corriqueiras”, como auxílio na pavimentação de estradas, solicitação de placas de sinalizações de trânsito, doações filantrópicas e atuação junto ao Rotary Club local... Enfim, foram muitas prestações de serviços por parte da Maçonaria para com a sociedade canguçuense – não é à toa o renome, influência e respeito que exerce perante a população local. E a impressão que a Loja José Bonifácio n° 55 tem diante de boa parte da população de Canguçu é de total respeito e veneração.

Desta forma, Douglas (1998) exemplifica um pouco essa relação institucional entre a Ordem Maçônica e os indivíduos da sociedade. Para ela, a solidariedade só é autêntica quando quem a pratica compartilha categorias de pensamento, e, esse pensamento é fundamentalmente dependente das instituições. Assim, existe uma base compartilhada do conhecimento e dos padrões morais, podendo os indivíduos partilharem harmonicamente suas preferências, mas quem toma as decisões essenciais à vida são as instituições,

não os indivíduos. Seria esse, portanto, o relacionamento político-social da Maçonaria com a sociedade.

5.4 “Você sabe com quem está falando?”

Mais uma vez conceitos utilizados por Da Matta (1997) são de serventia para traduzir aspectos de relação de poder na ordem por mim estudada, agora no seu famoso texto “Você sabe com quem está falando?” – parte do livro “Carnaval, Malandros e Heróis” -, que mostra a dicotomia existente no Brasil entre *casa* versus *rua*, onde o comportamento do cidadão brasileiro alterna em um paradoxo comportamental. Evidentemente este é um trabalho generalizante, onde a sociedade é organizada sob a categoria de povo, não abrindo precedentes para particularidades. Entretanto, ainda que de forma generalizada, podemos relacionar a emblemática frase de Da Matta “Você sabe com quem está falando?” com o imaginário maçom. É de conhecimento geral que os integrantes da sociedade maçônica, em sua maioria, são indivíduos socialmente bem sucedidos. Para fazer parte da mesma, se você não tiver um sobrenome reconhecidamente respeitado, é preciso fazê-lo ser. Ora, somente é recrutado aquele que estiver “ascendendo” no quadro social. Mais evidente ainda em cidades pequenas, esse estigma pode ganhar contornos ainda maiores. Em Canguçu, por exemplo, o anterior prefeito da cidade (mandato de 2013 a 2016), do Partido dos Trabalhadores, é assumidamente maçom. Ele passou a integrar a sociedade logo após ser eleito um dos vereadores mais votados do município, no ano de 2008. O mesmo que há pouco ocorreu com o único vereador petista, que após a conquista de uma cadeira na câmara de vereadores, também foi recrutado para a Maçonaria. Se ainda é pouco, o ex-prefeito do Partido Progressista (1997 a 2004), também era integrante da Loja José Bonifácio. Assim como o Grão Mestre da mesma, Gilberto Mussi – o qual tive o prazer de entrevistar em outra ocasião –, que foi prefeito de Canguçu na década 80. Desde aquela época, Mussi alternava seus afazeres políticos com as obrigações maçônicas, afinal, ele foi por muitos anos no maçom com a gradualidade mais elevada do Rio Grande do Sul. Todos estes citados, teoricamente, discerniam de forma implacável no quesito vida pública. Ora, cada um é parte de um lado diferente no ferrenho entrave entre as três forças políticas da cidade: PT, PP e PMDB – que inclusive, mais uma vez, disputam o

cargo do executivo nesta eleição. Porém, mesmo com a rivalidade histórica dessas três potências políticas do município, a Maçonaria consegue aliciar seus principais agentes e torná-los integrantes da mesma. Se ainda parece pouco: em todas as camadas influentes da sociedade canguçuense existe um integrante da Maçonaria. Desde um antigo motorista de ônibus da principal empresa da região sul – que lida diariamente com o público – até o dono da rodoviária – que está cuidando do privado. Ou do juiz mais experiente do município até um ascendente blogueiro jovem. Sendo assim, não há outra dedução senão a de que a Maçonaria está presente em todos os meios da sociedade canguçuense. É um processo constante de atualização que permita a permeação de todos os setores. Dando ao integrante da sociedade um status social elevado, um conhecimento íntimo do lugar onde vive e uma influência pública – e por vezes privada – muito grande. Afinal de contas, não é qualquer um que possui a assinatura sucedida de “três pontinhos”. Ora, pois, você sabe com quem está falando?

6 Considerações Finais

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou analisarmos a relação de influência existente entre a Maçonaria e a sociedade. Mais do que isso, proporcionou a compreensão dos fatores que levaram a mesma a exercer tal poderio. Desde o contexto histórico que fez a sociedade discreta surgir e se constituir como tal, perpassando pela importância do ritual e da família na dinâmica e relação de poder dentro da Ordem, até emergir como um propulsor de regência social.

Como vimos no primeiro capítulo, conforme teóricos e estudiosos da própria sociedade discreta: tudo leva a crer que a Maçonaria emergiu das guildas de pedreiros na Idade Média, se tornando um importante centro de compatibilidade de princípios e ideais que visam não só o crescimento da organização, mas também de cada membro individualmente. Há, também, historiadores e pesquisadores que creditam sua origem ao surgimento do iluminismo, no século XVIII, como forma de propagação de conhecimento e manutenção de relações. As duas assertivas, por mais que diverjam entre a datação de início da Ordem, parecem estar corretas quanto ao intuito social da mesma. Assim, conforme contempla o último capítulo, a sociedade maçônica se torna um ambiente de benefício tanto institucional quanto particular: os maçons contribuem para a Maçonaria do mesmo modo em que a Maçonaria contribui para os maçons.

Também pudemos perceber o quanto a prática ritualística influi nas relações de poder dentro da Ordem e na própria constituição e sustentação da Maçonaria como sociedade que se propõe a ser mística e discreta. Do mesmo modo, compreendemos que as relações de familiaridade servem para dar um tom de confidencialidade a Irmandade (como esse próprio conceito sugere) e proximidade a seus apêndices, além de refletirem um conceito de vida tradicional emanados pela Ordem.

A partir da discussão bibliográfica de autores que argumentam acerca das sociedades iniciáticas, ritos de iniciação e passagem, valor social da família e da relação entre instituições, política e público em geral – principalmente em cidades pequenas -, além de um apanhado denso sobre a origem e instituição da Maçonaria como tal, permitiram um debate prolífico sobre a influência desta instituição na sociedade. Do mesmo modo, as

observações participantes junto aos maçons da Loja José Bonifácio nº 55, a correlação da bibliografia estudada com o universo de pesquisa em questão e o estudo da conexão intrínseca da sociedade Maçônica com o desenvolvimento político-social da cidade de Canguçu propiciaram um melhor entendimento quanto ao tema proposto.

O trabalho realizado não é, de forma alguma, conclusivo. Pelo contrário, ele introduz o leitor ao universo estudado – trazendo todo o apanhado histórico, ritualístico e de parentesco que constitui a Maçonaria – e dá margens a discussões e pesquisas futuras abrangendo mais especificamente essa relação político-social entre a Ordem a população em geral – sugerindo, ainda, uma análise mais profunda sobre a preponderante influência da sociedade maçônica em pequenos espaços urbanos.

Por último, retomo o que falei no início deste trabalho: a pretensão do mesmo é contribuir para que mais pessoas possam ter acesso a uma temática tão pouco difundida no universo acadêmico. Afinal, não é todo dia que vemos uma discussão a respeito da influência da Maçonaria sobre a sociedade. Espero, assim, que este assunto – ainda considerado por muitos um tabu – possa permear discussões acadêmicas, e, por que não, informais também (?). Desta forma, além de desmistificar paradigmas acerca da sociedade discreta, também estaria colocando em pauta um debate que pode ser interessante para muita gente, tanto de dentro como de fora da Maçonaria.

Referências

- ADRIÃO, Vitor Manuel. **Dogma e Ritual da Igreja e da Maçonaria**. Editora Dinapress, Lisboa, 2002.
- ADRIÃO, Vitor Manuel. **Lisboa Secreta – Capital do Quinto Império**. Editora Occidentalis, Lisboa, 2007.
- ADRIÃO, Vitor Manuel. **Maçonaria Feminina (Mulher e Tradição)**. Lusophia. Janeiro de 2012.
- ALBUQUERQUE, E. B. **O que é e como surgiu a maçonaria**. Super interessante, São Paulo, v. 162, p. 39 - 39. 2001. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/o-que-e-e-como-surgiu-a-maconaria/>> Acesso em: 15 de Outubro de 2018.
- ALMEIDA FILHO, J. C. A. **O Ensino Jurídico, a Elite dos Bacharéis e a Maçonaria do Séc. XIX**. 2005. 180 p. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.
- ASLAN, N. **História Geral da Maçonaria**: fastos da Maçonaria Brasileira. Londrina: A Trolha, 1997. 254 p. BOUCHER, J. A Simbólica Maçonica. São Paulo: Pensamento, 1997. 400 p.
- ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Loyola, 1999.
- AZEVEDO, Célia. **Maçonaria: História e hitoriografia**. Revista USP, São Paulo, n. 32, 1996.
- BARREIRA, I. A expressão dos sentimentos na política. In: TEIXEIRA, C. C. & CHAVES, C. A. (orgs.). **Espaços e tempos da política**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 2004.
- BARMAN, Roderick J. **Citizen Emperor: Pedro II and the Making of Brazil**. Stanford: Stanford University Press. 1999.
- BESOUCHET, Lidia. **Jose Maria Paranhos Visconde do Rio Branco - Ensaio histórico-biografia**. Editora Nova Fronteira. 1985.
- BEZERRA, Ada. **O mito Lula: Política, discursos e cenário midiático**. 2002.
- BEZERRA, Ada. **Sentimentos e emoções no espaço da política**. 2008.
- BEZERRA, M. C. Participação popular e conflitos de representação política: notas a partir de um caso de orçamento participativo. In : TEIXEIRA, C.

C. & CHAVES, C. A. (orgs.). **Espaços e tempos da política**. Rio de Janeiro : Relume-Dumará. 2004.

BOUCHER, Jules. **A Simbólica Maçônica**. São Paulo: Editora pensamento.. 1997.

BOURDIEU, Pierre. A Força do Direito. Elementos para uma sociologia do campo jurídico. In: **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, pp. 209-254.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel / Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.

BURITY, Renato. **IN EMINENTI APOSTOLATUS SPECULA SOBRE A MAÇONARIA: BULA PAPAL DE CLEMENTE XII, 28 DE ABRIL DE 1738**. 2012. Disponível em: <<http://www.renato.burity.com.br/bula.htm>> Acesso em: 2 de Dezembro de 2018.

CALAVIA SÁEZ, Oscar. **Esse obscuro objeto da pesquisa: um manual de método, técnicas e teses em Antropologia**. Edição do autor: Santa Catarina, 2013. p. 115-131.

CANIELLO, Márcio. **O ethos sanjoanense: tradição e mudança em uma "cidade pequena**. Mana vol.9 n.1 Rio de Janeiro, 2003.

CANO, Marco Aurélio. **Uma Introdução Histórica sobre o Teorema de Pitágoras**. Ciência, Maguia e Filosofia no Processo de Ensino-Aprendizagem da Matemática. PUC. SÃO PAULO. 2007.

CARR, Harry. **O Ofício do Maçom**. Madras. editado por Karg, Barb e Young, John K. São Paulo. 2007.

CARVALHO, A. **Ritos & Rituais**. Londrina: A Trolha, 1993. v. 1. 176 p.

CARVALHO, Márcio. **Um estudo do Museu Maçônico Rocco Felipe**. 2011. 57 f. TCC (Graduação em Museologia), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

CARVALHO, William Almeida. **Rito de Iniciação: Uma Abordagem Antropológica**. 2007. Online. Disponível em: <<http://www.freemasons-freemasonry.com/1carvalho.html>> Acesso em: 14 de Abril de 2018.

CASTELLANI, José. **História do Grande Oriente de São Paulo**. Brasília: Grande Oriente do Brasil, 1994. 380 p.

CASTELLANI, José, **O Rito Escocês Antigo e Aceito**, ed. Trolha, Londrina, 1988.

CICHOWICZ, Ana Paula Casagrande. **O que há por detrás do espelho?!** “Rito de Passagem” e “Liminaridade” em um conto de Machado de Assis. Mosaico Social - Revista do Curso de Ciências Sociais da UFSC. Ano V, n. 05 – 2010: 129-144.

COMERFORD, John. **Etnografia dos espaços e dos tempos da política.** Rev. Sociologia Política, n.25 Curitiba, 2005.

CONCEIÇÃO, Eleutério Nicolau da. **A Maçonaria na História e no Mundo (Origens – Lutas – Actuação).** Madras Editora Ltda., São Paulo, 2004.

COLINOM, Maurice. **Guide des monastères.** France, Belgique, Luxembourg, Suisse, 15ème édition. 2001.

COUTINHO, Severino Alves. **Perfil relações e necessidades:** uma breve análise sobre cidades pequenas. GeoTextos, Brasil, Vol. 7, N. 1, 2011.

CRUZ, Almir Sant’Anna. **Simbologia Maçônica dos Painéis: Lojas de Aprendiz, Companheiro e Mestre.** Editora: A Gazeta Maçônica Ltda. São Paulo. 2015.

DA MATTA, Roberto. A família como valor: Considerações não-familiares sobre a família à brasileira. In: ALMEIDA, A. (org.) **Pensando a família no Brasil: da Colônia à Modernidade.** Rio de Janeiro, Espaço e Tempo. 115-136.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DA MATTA, Roberto. **Individualidade e Liminaridade:** considerações sobre o rito de passagem e a modernidade. Revista Mana, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2000.

DeMolay International. 2018. Disponível em: <<https://demolay.org/>> Acesso em: 31 de Agosto de 2018.

DOUGLAS, Mary. **Como as instituições pensam.** São Paulo: EDUSP, 1998.

ELIADE, Mircea, **O Reencontro com o Sagrado,** Ed. Nova Acrópole, Lisboa, 1993.

FIGUEIREDO, R. **Dicionário de Maçonaria.** 4. ed. São Paulo: Pensamento, 1990. 550 p.

FIGUEIREDO, A. **Nos bastidores do Mistério**. Editora Casa Ollmpia. 1956

FILARDO, José. **A Maçonneire na França antes de 1700**. Revista Bibliot3ca, Brasil. 2012.

FILARDO, José. **Maçonaria Conservadora VS. Maçonaria Progressista**. 2018. Disponível em: <<https://bibliot3ca.com/maconaria-conservadora-vs-maconaria-progressista/>> Acesso em: 2 de Dezembro de 2018.

FORATO, Denílson. **Sessões Brancas-Cuidados!** Banquete Maçônico – Origens, Preparação e Ritualística. 2018. Disponível em: <<http://www.banquetemaconico.com.br/sessoes-brancas-cuidados/>> Acesso em: 26 de Novembro de 2018.

FRAZER, James George, **O Ramo de Ouro**, Círculo do Livro – Zahar, São Paulo, 1986.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**, 50ª edição. Global Editora. 2005.

GALDEANO, Lucas Francisco. **As origens da Maçonaria**. Freemasons, 2009. Disponível em: <http://www.freemasonsfreemasonry.com/galdeano_origens.html> Acesso em: 4 de Outubro de 2018.

GINZBURG, Carlo. **Nenhuma ilha é uma ilha**. Quatro visões da literatura inglesa. São Paulo: Cia. das Letras, 2004, 146p.

GRANDE ORIENTE DO BRASIL. **Constituição do Grande Oriente do Brasil**. Brasília, 2001a. 70 p.

HOBSBAWM, E. 1997. Introdução: A Invenção das Tradições. In: HOBSBAWM, E; RANGER T (eds.). **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 9-24.

HOLANDA, Sérgio B. de. Da Maçonaria ao Positivismo. In: **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: DIFEL, t. II,v.5, 1972, p.289-305. 1972.

JAKOBI, H. R. **Graus Simbólicos**: compêndio maçônico. Londrina: A Trolha, 2007. v. 2. 333 p.

JONES, Claire. **Os rituais da supersecreta Maçonaria Feminina**. BBC Brasil. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41967204>> Acesso em: 30 de Novembro de 2018.

KARG, B.; YOUNG, J. K. **O Ofício do Maçom**: o guia definitivo para o trabalho maçônico. São Paulo: Madras, 2007. 423 p.

KNIGHT, C.; LOMAS, R. **A Chave de Hiram**: faraós, franco-maçons, e a descoberta dos Manuscritos Secretos de Jesus. São Paulo: Landmark, 2004. 366 p.

KUSCHNIR, Karina. **Antropologia e política**. Rev. brasileira Ciências Sociais, vol.22 n.64 São Paulo, 2007.

LAZARETTI, BRUNO. **As principais teorias da conspiração envolvendo a Maçonaria**. Revista Superinteressante. 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quais-as-principais-teorias-da-conspiracao-envolvendo-a-maconaria/>> Acesso em: 5 de Outubro de 2018.

LAZARETTI, BRUNO. **Como é a hierarquia dentro da Maçonaria?** Revista Superinteressante. 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-e-a-hierarquia-dentro-da-maconaria/>> Acesso em: 21 de Setembro de 2018.

LAZARETTI, BRUNO. **Como é o Ritual de Iniciação da Maçonaria?** Revista Superinteressante. 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-e-um-ritual-de-iniciacao-na-maconaria/>> Acesso em: 11 de Outubro de 2018.

LEITE, Hélio. **A importância da Ordem DeMolay para a Maçonaria e para a humanidade**. Banquete Maçônico – Origem, preparação e ritualística. Templo de Estudos Maçônicos. 2018. Disponível em: <<http://www.banquetemaconico.com.br/a-importancia-da-ordem-demolay-para-maconaria-e-para-humanidade/>> Acesso em: 30 de Novembro de 2018.

Loja Maçônica Estrela de Brasília. **Minuto Maçônica – Triângulo 2**. 2016. Disponível em: <<http://www.estreladebrasil.com.br/index.php/minuto-maconico/370-triangulo-2>> Acesso em: 24 de Outubro de 2018.

MAGNANI, José Guilherme. **Da infância ao amadurecimento: uma reflexão sobre rituais de iniciação.** Interface (Botucatu) vol.3 n.5 Botucatu. 1999.

MAGNANI, José Guilherme. **Mystica Urbe:** um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole, São Paulo, Studio Nobel, 1999, 143pp.

MAGNANI, José Guilherme. **O neo-esoterismo na cidade.** 1996. Revista USP, 31: 6-15.

MARQUES, Léo. **Não oficial, Maçonaria feminina desafia a tradição secreta da instituição.** Revista Universa. UOL. 2018. Disponível em: <<https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2018/04/09/nao-oficial-maconaria-feminina-desafia-a-tradicao-da-secreta-instituicao.htm>> Acesso em: 4 de Dezembro de 2018.

MORRIS, S. Brent. **The complete idiot's guide to freemasonry.** [S.l.]: Alpha Books. p. 147. 2006.

MOREL, Marco; SOUZA, Françoise Jean de O. **O poder da maçonaria.** A história de uma sociedade secreta no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, 259p.

NASSIF, Luis. **Xadrez da Maçonaria no Brasil.** 2017. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/xadrez-da-maconaria-no-brasil-por-luis-nassif?page=1>> Acesso em: 2 de Dezembro de 2018.

NERY, Paulo. **FÉ, CRENÇA, AUTO-AJUDA: A TRADIÇÃO ANTROPOLÓGICA REVISITADA. INTERAÇÕES - Cultura e Comunidade.** v. 4 n.5. p. 25-30. 2009.

NETO, Alfério. **Nº 78 - Sessão Magma. Pilúlas Maçônicas.** 2010. Disponível em: <<http://pilulasmaconicas.blogspot.com/2010/08/n-78-sessao-magma.html>> Acesso em: 25 de Novembro de 2018.

OLIVEIRA, Rogério. **A Maçonaria Especulativa.** 2009.

OLIVER, George. **Antiquites of freemasonry.** The Five Grands Periods of Masonry. 1898.

PALOU, Jean. **A Franco-Maçonaria Simbólica e Iniciática.** Editora Pensamento, São Paulo, 2012.

PANTANO FILHO, R. **Breve Histórico da Maçonaria no Brasil.** Intellectus. Revista Acadêmica Digital das Faculdades UNOPEC, v. 17, p. 136-

166, 2011. Disponível em:
<<http://www.revistaintellectus.com.br/DownloadArtigo.ashx?codigo=182>>

Acesso em 14 de Setembro de 2018.

PEIRANO, Mariza; **Rituais Ontem e Hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

PEIRANO, Mariza. "Antropologia política, ciência política e antropologia da política". In **Três ensaios breves**. Série Antropologia 231. Brasília, UnB: 17-29.

PELLEGRINO NETO, J. **Nossa Sublime Instituição Chave de Hiram**. Indaiatuba: Vitória, 2010. 496 p.

PEROTTONI, Marco Antonio. Marco Antonio Perottoni - Loja Francisco Xavier Ferreira de Pesquisas Maçônicas - Loja Cônego Antonio das Mercês - GORGS - Porto Alegre - RS **Informativo CHICO DA BOTICA** - Ano 13 Edição 115. 2017.

RECANTO DAS LETRAS. **Texto de Fernando Pessoa sobre a Maçonaria**. 2010. Trecho de Artigo sobre a Maçonaria publicado no Diário de Lisboa n. 4.388 de 4 de Fevereiro de 1935. Disponível em:
<<https://www.recantodasletras.com.br/artigos/2075462>>

RANGEL, Lucia Helena. Da infância ao amadurecimento: Uma reflexão sobre os rituais de iniciação. Interface - **Comunicação, Saúde, Educação**, n-5, p. 147-52.

RECCO, Myrian Cassou Terra. **Andando com o Inimigo?** Página 109. Editora Descoberta. Londrina, Curitiba. 2000.

RINALDI, Natanael. **A Ordem Internacional das Filhas de Jó**. Revista Defesas da Fé, Edição 91. 2008.

RIVIÉRE, Jean Marqués de. **Histoire de la Franc-Maçonnerie française**. Paris, Jean Renard, In-18, 268 p. 1941.

RODOLPHO, A. L. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004.

SANTOS, A. E. et al. **Manual Completo para Lojas Maçônicas**. São Paulo: Madras, 2004. 272 p.

SANTOS, S. D. **Dicionário Ilustrado de Maçonaria**. Rio de Janeiro: Essinger, 1984a. 266 p.

SEGALEN, Martine. 2002. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 161 pp.

SHORT, Martin. **Inside The Brotherhood**. Ed. Saraiva. São Paulo. 2014.

SILVA, Joseli Maria. **Cultura e territorialidades urbanas** – uma abordagem da pequena cidade. 2007.

SILVA, Clemildo. **Símbolos religiosos em espaços públicos**: para pensar os conceitos de laicidade e secularização. revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v.19 n.2, 2016, p. 154-173. 2016.

SIQUEIRA, Humberto. **Cargos em Loja Maçônica do R.:E.:A.:A.:** Blog Loja Jamil Krauss. Agosto de 2011.

SENNA, Vanildo de. **Fundamentos Jurídicos da Maçonaria Especulativa**. Editora Maçônica. 1981.

SOUZA, Carlos. **Clifford Geertz e a Análise Dos Símbolos Religiosos**. Entnografias religiosas. 2016.

SOUZA, Jonas. **Origem e difusão da Maçonaria**. Revista Campo e Cidade. 2017. Disponível em: <<http://www.campoecidade.com.br/origem-e-difusao-da-maconaria/>>. Acesso em: 24 de Setembro de 2018.

TAVARES, M. R. **Entre a Cruz e o Esquadro**: o debate entre a Igreja Católica e a Maçonaria na imprensa francana (1882-1901). 2006. 136 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista, Franca.

TURNER, Victor, **Floresta de símbolos. Aspectos do ritual de Ndembu**, ed. EdUFF, Rio de Janeiro, 1967.

TURNER, Victor, **O Processo Ritual**, ed. Vozes, Petrópolis, 1974.

VAN GENNEP, Arnold, **Os Ritos de Passagem**, ed. Vozes, Petrópolis, 1978.

VAROLI FILHO, Theobaldo. **Curso de Maçonaria Simbólica**. Ed. Gazeta Maçônica. 1971.

VEIGA, Edison. **Por que a maçonaria inspira tantas teorias da conspiração?** De Milão para a BBC News Brasil. 2018.

VELHO, Gilberto. **Antropologia Urbana**, Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 2002.

VIEIRA, M. E. **O Envolvimento da Maçonaria Fluminense no Processo de Emancipação do Reino do Brasil (1820 – 1822)**. 108 p.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2001.